

LEXICOGRAFIA BILINGUE DE ESPECIALIDADE

E-DICIONÁRIO PORTUGUÊS-KIMBUNDU NO DOMÍNIO DA SAÚDE

ANA PITA GRÓS MARTINS DA SILVA

Tese de Doutoramento em Linguística

Área de especialização: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Dezembro, 2015

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

LEXICOGRAFIA BILINGUE DE ESPECIALIDADE

E-DICIONÁRIO PORTUGUÊS-KIMBUNDU NO DOMÍNIO DA SAÚDE

ANA PITA GRÓS MARTINS DA SILVA

Tese de Doutoramento em Linguística

Área de especialização: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia

Orientadora: Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

Dezembro, 2015

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
Obtenção do grau de Doutor em Linguística – Lexicologia, Lexicografia e
Terminologia, realizada sob orientação científica da
Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

DECLARAÇÃO

Declaro por minha honra que elaborei este trabalho fazendo o uso somente dos meus conhecimentos, da bibliografia que esteve ao meu alcance e das orientações da minha orientadora.

A candidata

Ana Pita Grós Martins da Silva

Lisboa, 11 de Dezembro de 2015

DECLARAÇÃO

Declaro que este trabalho está em condições de ser apresentado a provas públicas perante um júri a indicar.

A orientadora

Professora Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino

(Professora Catedrática)

Lisboa, 11 de Dezembro de 2015

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que queiram seguir o meu exemplo, principalmente, aos mais jovens:

“Estudar não tem idade, nem estado civil, mas sim, determinação.”

(Ana Pita)

AGRADECIMENTOS

À Doutora Maria Teresa Rijo da Fonseca Lino que, pese embora as suas múltiplas actividades docentes, não só acreditou e demonstrou confiança nas minhas capacidades, como também aceitou, sem hesitação, ser minha Orientadora neste trabalho.

À Professora Isabelle Oliveira agradeço as observações científicas sobre as metáforas terminológicas.

À Raquel Carlos Pita Grós, minha Prima, pela amizade, incentivo, sempre disposta, mesmo na sua ausência, acolher-me no seu apartamento, durante essa fase da minha vida académica para que eu pudesse cumprir com esse sonho dando-me todo o apoio incondicional.

Aos meus filhos, ao Jorge em particular e a minha família em geral, pelo apoio e pela assistência sentimental nos momentos bons e maus durante a minha ausência.

Ao Conceição Garcia Neto, meu colega desde o “tempo do colono”, sempre estivemos juntos para arrancar com este trabalho.

A todos os meus colegas pela troca de ideias e reflexões no âmbito académico e pelos laços de amizade construídos ao longo destes anos.

Por último, agradeço a todos aqueles que de uma ou de outra forma, contribuíram para a concretização deste sonho.

RESUMO

LEXICOGRAFIA BILINGUE DE ESPECIALIDADE

E-DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS-KIMBUNDU NO DOMÍNIO DA SAÚDE

Autor: Ana Pita Grós Martins da Silva

Este trabalho tem como temática central a Lexicografia Bilingue de Especialidade (Português-Kimbundu) no Domínio da Saúde. Esta investigação resulta das constatações e das pesquisas feitas por nós, no banco de urgência dos diversos hospitais de Luanda, onde nos deparamos com a falta de comunicação entre os pacientes que falam a língua Kimbundu e os médicos que falam a língua Portuguesa.

A nossa investigação incide sobre a situação geolinguística de Angola, a caracterização sociolinguística do Bengo, as características gerais do Kimbundu, as metáforas terminológicas no domínio da saúde; subjacente ao trabalho, estão os princípios teóricos e metodológicos em lexicografia bilingue, em línguas de especialidades e no ensino da Terminologia; o trabalho termina com a proposta de um modelo de e-dicionário bilingue Português-Kimbundu em saúde.

Palavras-chave: Lexicologia, Lexicografia bilingue, Terminologia, línguas de especialidade, metáfora terminológica, Língua Kimbundu.

ABSTRAT

LEXICOGRAFIA BILINGUE DE ESPECIALIDADE

E-DICIONÁRIO PORTUGUÊS-KIMBUNDU NO DOMÍNIO DA SAÚDE

Autor: Ana Pita Grós Martins da Silva

This work has as its central theme the Lexicography Bilingual Specialization (Portuguese - Kimbundu) in the field of health. As a result of research and investigations made by us in the emergency ward of the various hospitals of Luanda, where we encountered a lack of communication between patients who speak the Kimbundu language and doctors who speak Portuguese.

Our research focuses on the geolinguistic situation in Angola, the sociolinguistic characterization of Bengo, the generalities of the two languages in contact, theoretical and methodological foundations in lexicology, lexicography, language specialties, terminology metaphors in health, and the model of our e-bilingual dictionary in question.

Key-word: Lexicology, Bilingual Lexicography, Terminology, Special languages purpose, terminology metaphors, Language Kimbundu.

Índice

INTRODUÇÃO	1
INTRODUÇÃO	3
0.2. Objectivos do trabalho	8
0.3. Metodologia de investigação.....	9
CAPÍTULO I	11
SITUAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DE ANGOLA.....	11
1.1. Divisão geográfica	13
1.2. Situação linguística	15
1.2.1. Política linguística colonial.....	15
1.2.2. Política Linguística Pós-Colonial.....	18
1.2.3. Estatuto e funções do Português em Angola	20
1.2.4. O Português em Angola	22
1.2.5. As interferências do Português nas línguas nacionais.....	24
1.3. Línguas Africanas	26
1.4. Designações das etnias e respectivas línguas.....	29
1.5. Desenvolvimento das línguas Bantu.....	30
CAPÍTULO II	35
O BENGU: CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....	35
2.1. Situação Geográfica	37
2.2. Densidade Populacional	38
2.3. Governo	39
2.4. Clima	39
2.5. Recursos naturais.....	40

2.6. Rede Hospitalar.....	40
2.7. Ensino.....	40
2.8. Cultura	41
2.9. Situação Linguística.....	43
2.10. O ensino do Português e do Kimbundu no Bengo.....	45
CAPÍTULO III	47
A LÍNGUA KIMBUNDU	47
3.1. A Língua Kimbundu.....	49
3.2. Convivência do Kimbundu e do Português: os Kimbundismos.....	52
3.3. Características da Língua Kimbundu.....	55
3.4. Alfabeto da Língua Kimbundu	56
3.5. Sistema vocálico	57
3.6. Sistema consonântico	59
3.7. Género	62
3.8. Tom	63
3.9. Artigo	64
3.10. Classe nominal	64
3.11. Classe verbal.....	66
3.12. Monoclasses	68
CAPÍTULO IV	Erro! Marcador não definido.
METÁFORAS TERMINOLÓGICAS NO DOMÍNIO DA SAÚDE	Erro! Marcador não definido.
4.1. Metáfora: breves considerações	71
4.2. Metáfora e ciência	74
4.3. Metáforas em saúde	82

4.3.1. Sistema Digestivo.....	86
<u>4.3.2. Sistema urinário</u>	87
4.3.3. Sistema respiratório.....	87
4.3.4. Sistema circulatório	88
4.3.5. Sistema genital feminino	89
4.3.6. Sistema genital masculino	91
4.4. Metáforas em saúde na língua Kimbundu.....	92
4.5. Metáfora e níveis de especialização	93
CAPÍTULO V	95
LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE E ENSINO DA TERMINOLOGIA.....	95
5.1. Princípios teóricos e metodológicos.....	97
5.1.1. Língua de especialidade e domínio da saúde: definição.....	97
5.1.2. Terminologia: a disciplina e o seu objecto	98
5.1.3. Terminologia, Lexicologia e Lexicografia.....	102
5.2. Terminologia: teorias e abordagens.....	106
5.3. Trabalho terminológico e suas etapas.....	112
5.4. Novos recursos terminológicos	115
5.5. Língua de especialidade, Língua para fins específicos.....	118
e Terminodidáctica.....	118
5.6. Concepção de e-dicionário de língua de especialidade	122
5.7. Público visado e motivações de aprendizagem	124
5.8. Competências em língua de especialidade	125
CAPÍTULO VI.....	129
PRINCÍPIOS TEÓRICOS EM LEXICOGRAFIA BILINGUE	129

6.1. Lexicografia Bilingue	131
6.2. Breve história dos dicionários.....	131
6.3. Dicionário: definição	132
6.4. Tipos de dicionários	134
6.5. Dicionário monolíngue.....	136
6.6. Dicionário Bilingue	137
6.7. Macro e micro-estrutura do dicionário	140
6.8. Lexicografia Bilingue no Contexto Angolano	141
CAPÍTULO VII.....	145
E-DICIONÁRIO BILINGUE PORTUGUÊS-KIMBUNDU EM SAÚDE	145
7.1. Elaboração de um E-Dicionário Bilingue Português-Kimbundu em saúde.....	147
7.2. Constituição do <i>corpus</i>	147
7.3. O Corpus <i>CORSAÚDE</i>	150
7.4. Corpus terminológico e Base de dados terminológica	153
7.5. Entrada.....	160
7.6. Categoria gramatical.....	161
7.7. Domínio.....	162
7.8. Equivalentes.....	163
7.9. Definição	164
7.10. Sinónimo	166
7.11. Equivalentes em Kimbundu	167
7.11.1. CORPO HUMANO.....	167
7.11.2. ESQUELETO HUMANO	170
7.11.3. APARELHO RESPIRATÓRIO	173

7.11.4. APARELHO DIGESTIVO	173
7.11.5. APARELHO URINÁRIO	1744
7.11.6. APARELHO CIRCULATÓRIO	174
7.11.7. APARELHO GENITAL FEMININO	175
7.11.8. APARELHO GENITAL MASCULINO	175
7.12. Proposta de modelo do E-Dicionário Português-Kimbundu no domínio da saúde.....	176
8. CONCLUSÃO	181
8. Conclusão.....	182
9. BIBLIOGRAFIA	191
9.1. Bibliografia geral.....	191
9.2. Dicionários e gramáticas.....	202
9.3. Bibliografia de Medicina e Fisiologia.....	204

LISTA DE ABREVIATURAS

a.C.- antes de Cristo

Artº- Artigo

cat.-categoria

cf.-Conferir

CPLP- Comunidade de Países de Língua Portuguesa

f.- feminino

ILN- Instituto de Línguas Nacionais

ISO- Internacional Organization of Standardization

LSP- Language for specific purposes

LS/L2- Língua segunda

LE- Língua estrangeira

m.- masculino

n.- nome

ONG- Organização Não Governamental

ONU- Organização das Nações Unidas

PALOP- Países Africanos de Língua oficial Portuguesa

pl.- plural

sg. singular

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A Linguística tem sido objecto de um extraordinário desenvolvimento desde a segunda metade do século XX. Abrange, hoje, uma multiplicidade de domínios, os quais têm vindo a adquirir uma especialização e características próprias. Destes destacamos os que de algum modo têm afinidades com o nosso campo de investigação: a língua, a língua mãe, a língua segunda, a língua de especialidade, o bilinguismo, o multilinguismo, a Interpretação, a Tradução, a Análise do Discurso, a Sociolinguística, a Política Linguística, a Lexicologia e Lexicografia, a Terminologia.

Os domínios da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia são, entre outros, aqueles que mais directamente se relacionam com a nossa área de especialização. Na perspectiva do seu objecto linguístico, preocupam-se, na generalidade, com questões relacionadas com a dualidade do signo: significado-significante, o que implica o estudo de questões conceptuais, nocionais, referenciais e semânticas, no âmbito da problemática da estruturação do léxico.

A investigação, por nós desenvolvida, enquadra-se nas tendências recentes da Terminologia, na perspectiva da Socioterminologia (cf. Gaudin, 2003) e da Terminologia Cultural (cf. Diki-Kidiri, 2008). Enquanto a Socioterminologia sublinha a importância dos usos sociais e dos diferentes protagonistas que utilizam uma determinada língua de especialidade e a respectiva terminologia, a Terminologia Cultural tem por objectivo identificar sistemas conceptuais e terminológicos, e descrever os termos, analisando as particularidades culturais dos conceitos subjacentes a determinadas unidades terminológicas.

Para enquadrarmos a problemática do ensino da Terminologia e das Línguas de Especialidade, reportámo-nos às políticas linguísticas defendidas pela União Europeia, e às medidas tomadas pelo Conselho da Europa, para que os diferentes Estados-Membros promovam, divulguem e preservem as suas línguas. Por outro lado, a teoria da Terminologia Cultural, proposta por Diki-Kidiri (2008, p. 14), desenvolvida ao longo deste trabalho, veio alertar os países africanos para a necessidade do desenvolvimento de terminologias científicas.

O recurso à ciência terminológica impõe-se quando é preciso dominar um conjunto de termos, para conhecer, reconhecer e manipular os dados comunicacionais, em toda e qualquer comunidade linguística. A divisão do trabalho social, ligado a todas as práticas da língua, a cientificidade do saber, a multiplicação das técnicas e as dificuldades trazidas pelo parcelamento do conhecimento, que caracterizam os países desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento, potenciam esta necessidade.

Analisámos a pertinência do investimento no desenvolvimento da investigação em Terminologia e na construção de novos produtos terminológicos, que têm por base o recurso às novas tecnologias de informação, no qual a Internet, em particular, detém um papel preponderante. Estes novos recursos tornam possível a concepção de inovadores sistemas interactivos de aprendizagem.

Assim se compreende que o desenvolvimento da Terminologia, como disciplina das Ciências da Linguagem, seja um fenómeno de relativa actualidade, facto que fica a dever-se, por um lado, ao progresso vertiginoso das ciências e das técnicas e, por outro, às necessidades acrescidas de comunicação, no seio de uma mesma comunidade linguística ou entre povos de línguas diferentes. Trata-se de assegurar, a nível nacional e internacional, a comunicação especializada, garantia dos avanços do saber científico e técnico e do desenvolvimento económico, cultural e social de uma dada comunidade.

A investigação tem como primeiro objectivo o estudo lexical da língua Kimbundu, língua que tem muitos contactos com o Português; este estudo deverá conduzir a um objectivo último, que é o da produção de um dicionário bilingue interactivo, com recurso às novas tecnologias de informação, através da disponibilização de uma página na Internet, permitindo, deste modo, a sua pesquisa e consulta on-line.

Segundo Corbeil (cf. 1985, pp. 50-60), o avanço das ciências e o desenvolvimento técnico-científico, operado nas últimas décadas, com a consequente

fertilização vocabular, oferece à Terminologia constantes desafios, na medida em que a dinâmica interna das especialidades suscita crises terminológicas que se explicam por:

- subdivisão das especialidades num campo de investigação mais circunscrito e específico, originando, como resultado das pesquisas empreendidas, uma super especialização de conceitos com a consequente proliferação vocabular e constituição de léxicos de especialidade;
- dificuldade até para o próprio especialista, em conhecer bem a terminologia do domínio ou ter uma certeza perfeita do que designa um termo da sua especialidade, pois nem sempre estará, completamente, ao corrente dos progressos recentes na sua área de especialização;
- incerteza terminológica caracterizada por instabilidade, ambiguidade e polissemia, motivadas por uma variação terminológica dos termos utilizados, e pelo facto de várias denominações representarem o mesmo conceito, e uma só denominação abranger diversos conceitos.

Constituindo o texto de especialidade, o veículo de transmissão do conhecimento, organizámos um *corpus* bilingue Português-Kimbundu, no domínio da Saúde e dos seus cuidados primários. Procedemos, numa primeira fase, à análise do *corpus*, no sentido de observar a estrutura conceptual e linguística da terminologia dos subdomínios da Anatomia e da Fisiologia Humana. Numa segunda fase, seleccionámos os termos médicos: os termos anatómicos estabelecem uma interface entre o significado em Português e em Kimbundu.

Na abordagem teórica, sublinhámos a importância das estruturas e das combinatórias terminológicas. Partindo de princípios teóricos e da reflexão sobre as necessidades sentidas relativamente ao ensino da Terminologia e das línguas de especialidade, apresentamos um modelo que designamos de “E-dicionário de Língua de Especialidade em Saúde”. Este modelo tem por objecto o domínio da Saúde e dos

seus cuidados primários, em que privilegiámos os sistemas da Anatomia e da Fisiologia Humana.

Trata-se de um recurso terminológico que, estamos certos, permitirá ao utilizador, a gestão da auto-aprendizagem das línguas e da terminologia associada às áreas de especialidade. Identificámos, de igual modo, o público-alvo e as competências requeridas ou a desenvolver durante o processo de aprendizagem da língua de especialidade. Destacámos a importância das diferentes situações de comunicação especializada e as diferentes motivações que levam à necessidade de aprendizagem de uma língua de especialidade.

No presente modelo, é proposto um dicionário interactivo que surge como um recurso, no ensino das línguas em questão, para que o utilizador possa aceder à informação terminológica. O modelo prevê também, uma componente lexical com exercícios de tipo lexical e gramatical. Deste modo, o utilizador poderá adquirir, aprofundar ou consolidar, o conhecimento especializado e desenvolver diferentes competências linguísticas na língua Kimbundu.

A preservação da identidade linguística e cultural, de cada país, implica que cada um dos Estados Africanos adopte medidas capazes de desenvolver programas de ensino, que contemplem diferentes abordagens, desde o ensino da língua materna, da língua segunda e língua estrangeira, até à língua de especialidade, enquanto língua materna e língua estrangeira.

A investigação, aqui apresentada, tem por objectivo último despertar a atenção dos responsáveis pela área, para o facto de a elaboração de políticas linguísticas terem por base princípios teóricos e metodológicos provenientes das Ciências da Linguagem, muito em especial da Terminologia, das Ciências da Educação e da Didáctica das Línguas.

A estruturação do nosso trabalho abrange a Introdução e sete Capítulos: o Capítulo I- Situação Geolinguística de Angola; o Capítulo II- O Bengo: Caracterização

Sociolinguística; o Capítulo III- A Língua Kimbundu; Capítulo IV- Metáforas Terminológicas no Domínio da Saúde; o Capítulo V- Línguas de Especialidade e Ensino da Terminologia; o Capítulo VI- Princípios Teóricos em Lexicologia bilingue de especialidade; o Capítulo VII- O E-Dicionário Bilingue Português-Kimbundu no domínio da saúde; a Conclusão, como parte final do nosso trabalho.

Esta investigação destina-se a um melhor conhecimento da Língua Kimbundu, enquanto língua de especialidade e tem por objectivo o ensino-aprendizagem da terminologia médica nesta língua que, frequentemente, está em situações de contacto com o Português.

O nosso estudo teve como motivação, o fenómeno da falta de comunicação, no âmbito da saúde, entre falantes de Português e de Kimbundu.

Nas visitas efectuadas aos bancos de urgências dos diversos hospitais e centros de saúde de Luanda, tivemos a possibilidade de constatar que, alguns médicos enfrentam dificuldades de comunicação com o público, na medida em que não dominam a língua nacional Kimbundu e os pacientes que ocorrem aos bancos, não dominam a língua Portuguesa. Em consequência, interessou-nos o registo de situações pontuais, nos principais hospitais, nomeadamente as vividas nos bancos de urgências.

É neste meio social que antevemos inseridos, o médico, enfrentando dificuldades para compreender o seu paciente, falante de uma língua bantu que aquele não domina; paralelamente, o enfermeiro num meio rural, predominantemente de língua Kimbundu, ou ainda, o promotor de saúde que pretende apresentar palestras sobre cuidados primários de higiene a uma população que desconhece ou que tem um fraco domínio da língua Portuguesa.

Uma análise da situação linguística Angolana permite-nos constatar que, apesar do domínio da língua Portuguesa, as línguas nacionais em geral, e o Kimbundu, em particular, resistiram a todas as influências, pois, um bom número de falantes tem essa língua como materna.

Interessou-nos a abordagem Lexicográfica, Lexicológica e a Terminológica, pela oportunidade que representou o estudo do léxico de especialidade na área da saúde, assim como, a observação e caracterização de algumas metáforas terminológicas utilizadas nesta área, nas duas línguas, e que têm uma base cultural.

0.2. Objectivos do trabalho

O léxico do Português tem características próprias que o distinguem do Kimbundu. Os falantes destas línguas obedecem a regras gramaticais, na utilização das unidades lexicais de cada sistema linguístico.

Assim sendo, o nosso trabalho tem os objectivos que se seguem:

- Ajudar os profissionais de saúde no atendimento aos utentes;
- Analisar e organizar um campo terminológico referente ao corpo humano, esqueleto e aos diferentes sistemas anatómicos;
- Comparar as características das línguas em questão;
- Promover a difusão do Português, através do ensino bilingue (Português/Kimbundu);
- Promover o ensino do Kimbundu;
- Promover o ensino das línguas de especialidade e as respectivas terminologias;
- Propor uma Terminologia bilingue;
- Identificar os termos metafóricos na área da saúde;

- Implementar a criação de recursos linguísticos e, em especial, terminológicos.

0.3. Metodologia de investigação

Com a necessidade de minimizar as dificuldades de comunicação em saúde, que profissionais e utentes enfrentam, principalmente, nos bancos de urgências de alguns hospitais de Luanda, sentimos a necessidade de efectuar uma recolha de dados junto da população alvo por nós definida: a da província do Bengo; assim efectuámos uma pesquisa com um carácter de diagnóstico, com o objectivo de avaliarmos o conhecimento daquela população, em relação ao Português e à língua Kimbundu.

Para a execução desta nossa pretensão, levamos a cabo uma pesquisa de campo junto de pessoas ligadas à área da saúde e com vários níveis de conhecimento do assunto a ser tratado, a saber: 80 médicos (nacionais e estrangeiros), 90 enfermeiros, 70 promotores de saúde e 200 pacientes, com conhecimentos sobre Kimbundu, o que facilitou a recolha e identificação de termos médicos, até agora nunca ou mal dicionarizados.

Os dados recolhidos foram sistematizados e ordenados, constituindo o *corpus terminológico de referência do corpo humano em Kimbundu*; efectuámos uma organização conceptual dos termos em Kimbundu e constituímos uma base de dados terminológica para registo destes termos kimbundu.

Os princípios teóricos e metodológicos da Terminologia, da Lexicologia e da Lexicografia serviram de fundamento para a concepção do modelo do dicionário que apresentamos como um instrumento para a gestão do conhecimento especializado. Os conceitos de “interactivo” e “virtual” assumem um papel de relevo, pois remetem para

a acessibilidade ao conhecimento sob diferentes perspectivas e de acordo com diferentes objectivos.

Como complemento, fizemos uma consulta bibliográfica que contribuiu para justificação dos nossos argumentos sobre o tema em análise. O nosso estudo não foi exaustivo, porque constitui uma primeira abordagem.

CAPÍTULO I

SITUAÇÃO GEOLINGUÍSTICA DE ANGOLA

O seu território corresponde a uma costa marítima de 1.650 km e a 4.837 km de território fronteiriço, com 1.246.700 km² de superfície e uma densidade populacional de 20 habitantes por quilómetro quadrado.

Com um clima com duas estações: a das chuvas e a do cacimbo. A do cacimbo ou seca é menos quente e vai de Maio a Setembro. A das chuvas, mais quente, normalmente dura de Setembro a Abril. O regime de chuvas e a variação anual das temperaturas são as duas características climáticas, comuns a todas as regiões.

É um país rico em recursos minerais. Os recursos florestais são outras das riquezas e estão situados principalmente em Cabinda (floresta de Maiombe). A fauna é bastante rica e variada. Os rios formam um total de dez bacias hidrográficas que proporcionam uma riqueza faunística considerável.

Os Resultados Preliminares do Censo 2014 mostram que a população residente em Angola, em 16 de Maio de 2014 (momento censitário), era de 24,3 milhões de habitantes, sendo 11,8 milhões do sexo masculino (48% da população total) e 12,5 milhões do sexo feminino (52% da população total).

É um País com um número de mulheres mais elevado do que homens. O índice de masculinidade (rácio homens/mulheres) é de 94. Isto significa que existem 94 homens para cada 100 mulheres. Esta tendência é comum em todas as províncias, excepto para a província de Lunda-Norte. Nesta província, o índice de masculinidade é de 106, isto é, existem 106 homens por cada 100 mulheres.

É uma República, com um regime político presidencialista, no qual o Presidente é, simultaneamente, Chefe de Estado e Titular do Poder Executivo, sendo coadjuvado por um Vice-Presidente e por Ministros de Estado (Artº 108º do texto constitucional de 2010). São ainda órgãos de soberania o Presidente da República, a Assembleia Nacional e os Tribunais (Artº 105º do mesmo diploma).

O país está organizado, administrativamente, em 18 províncias, 173 municípios e por 618 comunas (Artº 5º, nº3 da Constituição da República de 2010).

1.2. Situação linguística

1.2.1. Política linguística colonial

As políticas linguísticas das potências colonizadoras, em África, foram, grosso modo, de dois tipos: a de tipo inglês e de tipo belga, que introduziu línguas africanas na escolaridade, e a de tipo francês e português, que apenas permitiu o uso da língua de colonização, não só na escola, como nas outras situações do domínio público (cf. Crispim, 1997, p. 18).

Assim, a neutralização das línguas africanas era uma política seguida à risca pelos portugueses. Uma das medidas para a concretização desse desígnio era o ensino da língua Portuguesa em toda a África Lusófona, conforme defendeu Norton Matos (2000, p. 48) com a seguinte medida: “Ao espalhar o português falado, seguir-se-ia ensinar a ler e a escrever esta língua, e as línguas indígenas iriam desaparecer rapidamente das províncias portuguesas de África”.

Na realidade, esta citação é uma prova inequívoca da política linguística portuguesa, que tinha como objectivo maior a eliminação das línguas nativas. Em consequência dessa medida, o ensino das línguas bantu era proibido, nas escolas, para que não pusessem em perigo a Unidade Nacional Portuguesa.

A actividade das missões religiosas, no ensino, era controlada pelas autoridades civis para que estas não ensinassem línguas africanas.

Tendo em conta a política de ensino vigente na época, Amélia Mingas (2000, p. 48) escreve:

«a política portuguesa de ensino teve como objectivo a imposição da língua portuguesa em detrimento das línguas locais».

Apostado na eliminação das línguas autóctones, por um lado, e na promoção do Português, por outro lado, Norton de Matos, no Decreto nº 77 de 9 de Dezembro de 1921, determina o seguinte²:

Art. 2º - Não é permitido ensinar, nas escolas das missões, línguas indígenas;

Art. 3º - O uso da língua indígena só é permitido, em linguagem falada, na catequese;

1º - É vedado, na catequese das missões, nas suas escolas e em quaisquer relações com os indígenas, o emprego das línguas indígenas por escrito.

Art. 4º - As disposições dos dois artigos antecedentes não impedem os trabalhos linguísticos ou quaisquer outros de investigação científica, reservando-se, porém, o Governo o direito de proibir a sua circulação quando, mediante inquérito administrativo, se reconhecer que ela pode prejudicar a ordem pública e a liberdade ou a segurança dos cidadãos e das populações indígenas. Outras disposições do decreto tem por fim proibir por completo o uso e o emprego das línguas indígenas escritas, quer com qualquer outro fim».

Esta política foi aplicada na África “Portuguesa”, com o argumento de que as línguas africanas constituíam, segundo Norton de Matos, uma “ameaça” à Unidade Nacional Portuguesa e da Nação, e porque “as mesmas não continham, palavras que, de longe, exprimissem as ideias básicas do Cristianismo”.

² Retirado do documento; Norton de Matos foi Governador-geral de Angola (1913-1914), Alto Comissário da República em Angola (1921-1923).

Esta política de assimilação visava a adopção, pelos Angolanos, de hábitos e valores culturais Portugueses, considerados civilizados, entre os quais era priorizado o domínio da língua e cultura Portuguesas, em detrimento dos hábitos e valores Africanos, indígenas.

Não há dúvida, que a língua Portuguesa dominava o mosaico linguístico Angolano. Mas nem sempre foi assim. As línguas vernáculas desempenharam um papel activo ao longo da história de Angola. No período anterior à colonização, as línguas Nacionais constituíram os instrumentos mais importantes de comunicação e de identificação no seio de cada reino. Até à década de 1960, principalmente nas zonas rurais, mais de metade da população Angolana não possuía qualquer conhecimento da língua Portuguesa e nunca tinha falado Português.

Por essa razão, durante a luta de libertação nacional, as línguas Nacionais foram usadas como escudo contra a ocupação colonial. A maioria dos combatentes que participaram nessa luta falava as suas línguas maternas, sendo estas as línguas de mobilização das massas e de comunicação dos segredos militares, de acordo com cada região. O aumento de músicas e canções revolucionárias é um claro exemplo.

Os colonos portugueses desenvolveram novas estratégias para dominar durante essa época, estabelecendo comunidades agrícolas agrupadas, proporcionando melhores condições aos “assimilados”, o que levou a que muitos angolanos comesçassem a procurar expressar-se em Português.

Como resultado da política linguística colonial, a ortografia de todos os trabalhos, feitos sobre as línguas africanas, dependia dos seus autores. Por conseguinte, cada um adoptava o seu sistema ortográfico para a escrita dessas línguas.

Neste período, a utilização das línguas locais nos meios de comunicação social, e a sua introdução no ensino formal estava fora de questão. Entretanto, ficaram limitadas a círculos familiares suburbanos, às igrejas, às unidades militares e ao campo. Quem falasse uma língua Nacional em público era considerado uma pessoa “atrasada”; pois as línguas do dia-a-dia, as línguas das conversas sobre a natureza, as línguas do interior, dos segredos do coração eram votadas ao desprezo e, em muitos casos abandonadas, o que explicava que a maioria envidasse grandes esforços para se

expressar na língua que lhe granjeava maior estatuto social. Esta ambição de conhecer a língua Portuguesa permanece até aos dias de hoje.

1.2.2. Política Linguística Pós-Colonial

O alastramento da guerra civil, nas décadas que se seguiram à independência, facilitou a expansão e penetração da língua Portuguesa, no seio da população rural que tinha abandonado os seus lares naturais, em busca de sossego na cidade. Esta mudança de domicílio viabilizou a sua integração e consequente adopção rápida e irreversível da língua Portuguesa; por um lado, a implementação do novo Estado reforçou a penetração do Português que é utilizado no exército, administração pública, no sistema escolar, nos meios de comunicação, e por outro, as línguas Nacionais passaram a ser faladas, unicamente, nos meios familiares rurais, onde nunca tinham deixado de ser faladas.

Surgiram várias guerras que destruíram o país, mas que não afectaram as línguas Nacionais. Pelo contrário, as guerras travadas no período após a independência contribuíram para a expansão dessas línguas e para retirar do anonimato regional em que se encontravam. Elas penetraram nas grandes cidades, onde eram pouco conhecidas, e como não gozavam da protecção do Estado, foram obrigadas a fazer frente à língua Portuguesa que, essa sim era objecto de protecção e considerada a língua hegemónica, a língua oficial, a língua de unidade nacional, a língua de escolaridade e a da comunicação social.

A língua Portuguesa em Angola cresceu e vai continuar a crescer, partindo do pressuposto que o seu uso, em certos casos, não ocorreu somente por agrado e/ou por necessidade de comunicação, mas igualmente em consequência de várias conjunturas; de igual modo pode transformar-se no contexto multilingue da sociedade Angolana, uma vez que o Português esteve sempre ligado a uma classe culta, prestigiada, onde até o indivíduo do “musseque” se esforçou em falar a língua Portuguesa, como forma de revelar o seu nível de literacia, marcar a sua posição socioeducativa perante o interlocutor, solucionando um problema ou minimizando

outro. Esta é a situação actual em Angola. A grande maioria dos descendentes de famílias Angolanas urbanas não fala nenhuma das línguas Nacionais, porque elas eram sinónimo de atraso social, cultural e, inclusivamente, económico.

Rodriguez (2006, p. 132) observa que quando os Europeus se apropriaram de África, as línguas e os dialectos foram relegados para um plano muito secundário; as línguas Nacionais desde a época colonial, “não foram combatidas nem ignoradas, mas sim, abandonadas à sua sorte natural”.

No ano de 2001, através da Lei 13/01, de 31 de Dezembro (Lei de Bases do Sistema de Educação), foi aprovada pela Assembleia Nacional a Reforma Educativa Angolana, tendo sido implementada em 2002. O Artº 9 da mesma lei representa o primeiro passo em direcção à protecção e valorização das línguas Nacionais depois da independência. Constitui uma conquista de grande valor no seio da nossa cultura Angolana. A maior dificuldade prende-se com a implementação desta decisão legal.

O citado Artigo define:

1. *O ensino nas escolas é ministrado em Língua Portuguesa.*
2. *O Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e a generalização da utilização e do ensino de línguas nacionais.*
3. *Sem prejuízo do nº 1 do presente Artigo, particularmente, no subsistema de educação de adultos, o ensino pode ser ministrado nas línguas nacionais.*

Hoje em dia, o uso dessas línguas está limitado sobretudo à comunicação interétnica e a alguns domínios sociais, religiosos e de ensino. A comunicação social apoderou-se das línguas Nacionais, criando, na Rádio Nacional, um canal próprio, o *Ngola Yetu “A nossa Angola”*, onde treze línguas são utilizadas. A Televisão Pública utiliza sete línguas Nacionais nos noticiários e em programas diversos.

Em Angola, até ao momento, não existe qualquer legislação sobre essas línguas. Existe um anteprojecto de Lei que está em fase de debate político. O mencionado anteprojecto versa sobre o uso das línguas Nacionais em vários sectores da vida económica e social. Esperemos que esta Lei possa regular a política de promoção, valorização e divulgação das mesmas. O país constitui um caso único em África, onde a língua herdada da colonização está fortemente enraizada e expandida na população urbana e suburbana.

O Português, língua oficial de ensino e um dos factores de unificação e de integração social, encontra-se em permanente transformação. As interferências linguísticas resultantes do seu contacto com as línguas Nacionais, a criação de novas palavras e expressões forjadas pelo génio inventivo popular, bem como, certos desvios à norma padrão do Português Europeu, imprimem-lhe uma nova força, vinculando-a e adaptando-a, cada vez mais, à realidade sociocultural Angolana.

1.2.3. Estatuto e funções do Português em Angola

Após a independência, a língua Portuguesa manteve o seu estatuto de “língua de prestígio”, aquela que os políticos determinaram, para ser usada nas relações administrativas, na escolarização e nas relações internacionais, apesar da sua origem estrangeira, enquanto a expressão “língua Nacional” foi e continua a ser normalmente usada para se referir às diferentes Línguas Angolanas de Origem Africana.

Partindo destes pressupostos, vários estudos têm revelado o aparecimento de uma variante angolana do Português, fruto de interferências e empréstimos de que resultam fenómenos lexicais e morfossintácticos entre as duas línguas.

A actual Constituição da República de Angola foi aprovada pela Assembleia Constituinte a 21 de Janeiro de 2010, e promulgada a 3 de Fevereiro de 2010, faz referência às línguas Nacionais no Artº 19, e estipula:

1. *A língua oficial da República de Angola é o Português.*
2. *O Estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como, das principais línguas de comunicação internacional.*

No Artº 21, alínea n), está expresso que é função do Estado: proteger, valorizar e dignificar as Línguas Angolanas de Origem Africana, como património cultural, e promover o seu desenvolvimento, como línguas de identidade Nacional e de comunicação.

O Instituto de Línguas Nacionais, criado em 1978, como uma estrutura tutelada pelo Ministério da Cultura de Angola, no seu Artº 18, descreve as seguintes funções:

- Realizar estudos científicos sobre as línguas Nacionais;
- Contribuir para a normalização e ampla utilização das línguas Nacionais em todos os sectores da vida nacional;
- Desenvolver estudos sobre a tradição oral.

A partir do princípio activo da língua, é possível, em sociedades multilingues, proceder a uma repartição de funções, de acordo com vários aspectos de natureza histórica, política, ou social. Nesta perspectiva, Angola é um exemplo paradigmático pois, a existência de várias línguas desencadeia tal atribuição. Deste modo a língua Portuguesa desempenha várias funções na nossa sociedade diferentes das línguas autóctones:

- *A função comunicativa*- é considerada a atribuição básica de qualquer língua, mas no caso do Português em Angola, ela é usada como o principal veículo de informação na comunicação nacional, e assegura a intercompreensão entre comunidades de línguas maternas diferentes, contribuindo para a consolidação da unidade nacional.
- *A função democratizadora*- ajuda a fomentar o espírito de democracia, e funciona de modo a imprimir celeridade na conciliação democrática, uma vez que, é por força da história, um traço presente na cultura dessa língua. É a única que reúne condições de ser a língua da diplomacia, ou seja, a língua não só das cimeiras entre os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), como também entre cada um deles e outros países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), ou outras instituições internacionais.
- *Função identificadora*- todas as línguas de Angola exercem uma função identificadora, mas em níveis diferenciados. No caso específico da língua Portuguesa esta função realiza-se num nível mais universal, ou seja, a identidade remete-nos para o lugar onde o indivíduo nasceu, onde se sente mais seguro, mais à-vontade, cuja língua é o grande suporte e veículo.

1.2.4. O Português em Angola

Os cinco séculos de presença dos portugueses em Angola foi palco de várias guerras (guerra contra ocupação colonial, luta armada de libertação do jugo colonial e guerra civil pós-independência).

País plurilingue, à semelhança de muitos outros países Africanos, em Angola coabitam três grandes famílias linguísticas diferentes:

1. As línguas Africanas de origem Bantu.
2. As línguas Africanas de origem não-Bantu.
3. A língua Portuguesa de origem neolatina.

A língua Portuguesa é uma herança colonial, estabelecida e oficializada na sequência da independência, num contexto bastante complexo para a nossa história Nacional. Consolidou-se devido à protecção dada pelo Estado Angolano desde 1975, em detrimento das línguas autóctones. Actualmente, a língua Portuguesa é a língua oficial e de escolaridade, constituindo um dos factores de unidade entre os Angolanos.

As línguas Bantu e não Bantu, consideradas Nacionais, não gozam de qualquer estatuto definido, servindo somente de línguas de comunicação a micro-nível, isto é, entre membros de um mesmo grupo etnolinguístico ou de uma determinada comunidade linguística.

O Português é uma língua Nacional em Portugal e no Brasil, e língua oficial na África Lusófona e Timor Leste. No contexto das línguas mundiais, o Português ocupa uma posição de relevo.

A respeito disto, Jorge Couto afirma que

“o Português é actualmente a sexta língua materna a nível mundial, [...], língua de trabalho de doze organizações internacionais, sendo utilizada quotidianamente por milhões de seres humanos”.

1.2.5. As interferências do Português nas línguas nacionais

Com a independência do país, as línguas locais adquiriram o estatuto de línguas Nacionais, coexistindo com a língua Portuguesa como veículos de comunicação e expressão. Elevadas ao mesmo nível, apenas simbolicamente, prosseguiram as interferências mútuas registadas a nível lexical, fonético e morfossintáctico.

No quadro geral dos contactos inter-idiomáticos, os empréstimos lexicais traduzem o tipo de interferências que menos violam a identidade da língua Portuguesa, enriquecendo-a; o mesmo já não se diz das interferências de natureza lógico-gramatical que provocam rupturas, algumas das quais profundas, na estrutura interna, que caracteriza o referido sistema linguístico.

Os exemplos que se seguem demonstram-no:

Português (variante angolana)	Português (variante europeia)
Me beijaram no meu pai.	O meu pai beijou-me.
Minha mãe ainda nu nasceu.	A minha mãe ainda não deu à luz.
António mulher dele morreu.	A mulher do António morreu.
O José comeu o dinheiro do tio.	O José deve ao tio.
Estávamos ir na escola dele e não estávamos lhe encontrar.	Fomos à escola e não o encontrámos.

Do contacto com o Português, resultaram novas e várias unidades lexicais no Kimbundu, que designamos por empréstimos ao Português, designados, em geral, de **Portuguesismos**.

Essas unidades lexicais foram adaptadas ao sistema linguístico do Kimbundu. Citamos alguns exemplos:

Português	Kimbundu
batucar	batukar
bazar	kubaza
bombó	mbombo
cebola	sabola
domingo	lumingo
escola	xicola
garfo	ngalafu
pão	mbolo
Pedro	Petelo
sabão	nzàbà
sábado	sábalàlú

Recordamos que a língua é uma entidade dinâmica. Da mesma forma que se constata evoluções no contexto de uma realidade cultural, no caso, heterogénea, incorporando a modernidade e novas formas de representação linguística dessa mesma realidade, de igual modo se deve reconhecer a contribuição dada pelos vários grupos de falantes da língua Portuguesa para a construção de formas distintas de a representar. Essa dinâmica é gerada pela própria sociedade, pelas relações entre as pessoas, pela necessidade de estabelecer um patamar de compreensão em que todos se insiram.

Segundo Costa (2002, p. 171), a existência da língua Portuguesa, em Angola, ocorre numa sociedade caracterizada por uma forte estratificação linguística. Ela partilha o mesmo espaço sociológico com os outros idiomas geneticamente distintos. É esse facto que faz com que Angola seja um país plurilingue, tal como a maioria dos países africanos, que possuem uma composição sociolinguística muito complexa e heterogénea.

1.3. Línguas Africanas

Muitos linguistas já se debruçaram sobre a classificação das línguas bantu, apresentando os seus estudos científicos. A esse respeito, Ngunga (2004, pp. 19-53) apresenta na sua obra, estudos de linguistas sobre a classificação das línguas bantu.

Segundo Guthrie (1948, p. 50), numa obra em que classificou as línguas de África em zonas e atribuiu um número a cada uma delas, as línguas Angolanas pertencem a três zonas: H, K e R. Essas línguas ocupam uma vasta extensão do território nacional, não apresentando um mesmo grau de desenvolvimento.

A classificação de Guthrie baseou-se em três tipos de critérios: a escolha de traços linguísticos diferenciados, a prioridade concedida à continuidade espacial e a formação de grupos com um máximo de nove línguas, para facilitar a numeração. Em geral, vários traços comuns caracterizam essas línguas, havendo alguns específicos, que permitem distinguir umas das outras.

Dada a diversidade linguística existente, as línguas Africanas integram grupos distintos, divididos por famílias.

Deste modo, Greenberg (1963, p. 98) classifica as línguas Africanas em quatro grandes famílias linguísticas, indicando, ao mesmo tempo, as subfamílias de cada uma delas, como se segue:



Mapa nº 3: Classificação das línguas Africanas em famílias³

- **Família Afro-Asiática** (subfamílias: integra as línguas Berberes do Norte de África, as Cushítica da Etiópia e da Somália e ainda as Semitas, incluindo o Hebreu, o Árabe e o Aramaico);
- **Família Nilo-Sahariana** (subfamílias: Sudanês, Sahariano, Songhai, Fur, Chari-Nilo, Koman);
- **Família Congo-Kordofaniana** (subfamílias: Níger-Congo e Kordofaniana).

A **subfamília Níger-Congo** inclui numerosos grupos predominantes no Sul do Sahara, onde se destacam os **Bantu**, a Sul do Equador;

- **Família Khoisan** (subfamílias: Khoi, San, Sandawe, Iraqwe, Hatsa, ou Hadza).

³ Fonte: <http://image.slidesharecdn.com/angola>

Fazem parte da **família Khoisan** as línguas dos Pigmeus da floresta tropical do Congo Democrático e línguas faladas “com cliques” pelos povos Kung, vulgarmente conhecidos como Hotentotes, Bosquímanos ou ainda como Mukankala, em Angola.

Segundo esta classificação de Greenberg, as línguas bantu pertencem à subfamília Níger-Congo da família Congo-Kordofaniana.

Aplicando as unidades classificatórias indicadas por Greenberg, a **língua Kimbundu** pertence ao grupo das línguas bantu, da subfamília Níger-Congo, da família Congo-Kordofaniana.

Na década de 40, Guthrie (1948, p. 50) agrupou as línguas bantu em quinze “**zonas**” geograficamente representadas por letras maiúsculas: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S.

Cada **Zona linguística** representa vários grupos de línguas, organizadas segundo critérios de proximidade/distanciamento linguístico e geográfico, reflectindo um certo grau de proximidade genealógica. Assim, cada grupo é codificado por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva Zona.

De acordo com esta classificação, a **Língua Kimbundu** enquadra-se na **zona H**.

Cole (1961, pp. 37-38) define “Zonas” como agregados de línguas que têm uma certa uniformidade ou similaridade de fenómenos linguísticos. As Zonas são subdivididas em grupos, cujas línguas têm traços fonéticos e gramaticais comuns e são tão similares, que chegam a ser, em grande medida, mutuamente inteligíveis.

1.4. Designações das etnias e respectivas línguas

No continente Africano, dado o factor multiétnico das actuais sociedades, regista-se o plurilinguismo em todos os países ou regiões resultantes da colonização europeia.

ETNIAS	LÍNGUAS	LOCALIZAÇÃO
Yombe	Kiyombe	Cabinda-Angola, Congo, RDC
Sundi	Kisundi	Cabinda-Angola, RDC
Woyo	Iwoyo	Cabinda-Angola, RDC
Kakongo	Kikongo	Cabinda-Angola, Congo
Nyungwe	Nyungwe	Moçambique
Ambundu	Kimbundu	Angola
Zulu	Zulu	África do Sul
Luba	Luba	RDC
Makwa	Makwa	Moçambique, Malawi
Ovimbundu	Umbundu	Angola
Teke	Teke	Congo, RDC
Lunda	Lunda	Angola, RDC, Zâmbia
Tsogo	Tsogo	Gabão

Designações de línguas e etnias (cf. Obenga, 1985, p. 21).

Tendo em consideração a pluralidade étnica existente nos países Africanos, denominar as línguas *Bantu*, na expressão de Obenga (cf. 1985, p. 21), significa utilizar as designações das **etnias bantu** para designar as suas línguas; o nome das etnias, em África, é idêntico ao das línguas faladas por essas etnias. Nessa época, em todos os territórios dos povos *bantu*, os nomes das línguas tinham origem no nome das respectivas etnias.

1.5. Desenvolvimento das línguas Bantu

Segundo Fernandes e Ntongo (cf. 2002, p. 43), o actual território de Angola é habitado desde há 12.000 anos. A sua população é, maioritariamente, de origem bantu, integrando línguas, genética e estruturalmente, diferentes umas das outras.

Angola é um país plurilingue, onde as línguas locais coabitam com a Língua Portuguesa. Esta carregada de privilégios herdados do período colonial, foi adoptada como língua oficial, processo comum à maioria dos países Africanos. Encontramos no país, línguas do grupo *bantu* como o Umbundu, o Kimbundu, o Cokwe, o Kikongo, o Oxikwanyama, o Oxihelelo, o Oxindonga, o Oxiwambo, o Ngangela e o Olunyaneka-Nkhumbi; e línguas não bantu como as que integram os grupos Khoisan e Vátwa.

Angola destaca-se por ter uma situação particular, consistindo na disseminação do Português entre a população Angolana, ao ponto de haver uma boa parte dela que tem tão-somente a língua Portuguesa como materna e de contacto com o seu meio envolvente.

Sob o ponto de vista linguístico-cultural, Angola constitui uma zona tampão entre os países Africanos de língua oficial francesa, ao norte, e os de língua oficial inglesa, a oriente, sul e sudeste.

O espaço linguístico em que são faladas as línguas *Bantu* abarca os seguintes territórios: Camarões (parte), Gabão, Guiné Equatorial, República Centro-Africana, São Tomé e Príncipe, República Democrática do Congo, Angola, República do Congo, Ruanda, Burundi, Uganda, Quénia, Tanzânia, Zâmbia, Malawi, Moçambique, Zimbabwe, Namíbia (norte), Botswana, Swazilândia, Lesotho e África do sul, que têm semelhanças fonéticas, morfológicas, semânticas, lexicais e culturais.

O **povo bantu** designa o conjunto de populações da África Subequatorial que falam línguas da mesma família, embora pertencendo a tipos étnicos muito diversos, designando o ser humano por *mntu*, no singular e *bantu*, no plural.

Dos bantu não fazem parte os Bochimanes e os Hotentotes que também são povos da África subequatorial.

O radical *ntu*, existente na maioria das línguas Bantu, significa "homem, pessoa, ser humano" e *ba* é o seu prefixo pluralizante.

Assim, *Bantu* é um termo linguístico relativo a uma comunidade cultural, com uma civilização comum e línguas similares. O termo "bantu" foi proposto na obra inacabada de Bleek (1862, p. 143), onde justifica a sua utilização, para distinguir um grupo de línguas, com características comuns, faladas, maioritariamente, na África Subequatorial, desde os montes Camarões até à África do Sul, apresentando características comuns, e que designavam os ser(es) humano(s) por *mntu/bantu*.

O prefixo *BA* constitui um morfema do plural, sendo, *BA+NTU=BANTU*, designando *Pessoas*; é uma flexão do plural, diferente daquela que existe em Português. Com essa designação *BANTU*, as pessoas identificavam-se com o povo que falava o mesmo idioma ou idiomas aproximados. *Bantu* passou a designar a grande família linguística Africana que se estende em Angola, diversificando-se em várias línguas, em diferentes regiões.

O primeiro livro escrito numa língua Bantu foi a "*Cartilha da Doutrina Cristã, em Português e Kikongo*", do Jesuíta Mateus Cardoso, em 1624.

Francisco Pacconio, em 1642, publicou o primeiro catecismo em Kimbundu, "*Gentio de Angola suficientemente instruído nos mysterios de nossa santa fé*" Andrade (cf. 2007, p. 45).

A primeira gramática da língua Bantu foi escrita pelo Capuchinho Giacinto Brusciotto e publicada em Roma, em 1659. Apresentava a sistematização das classes, baseando-se na prefixação.

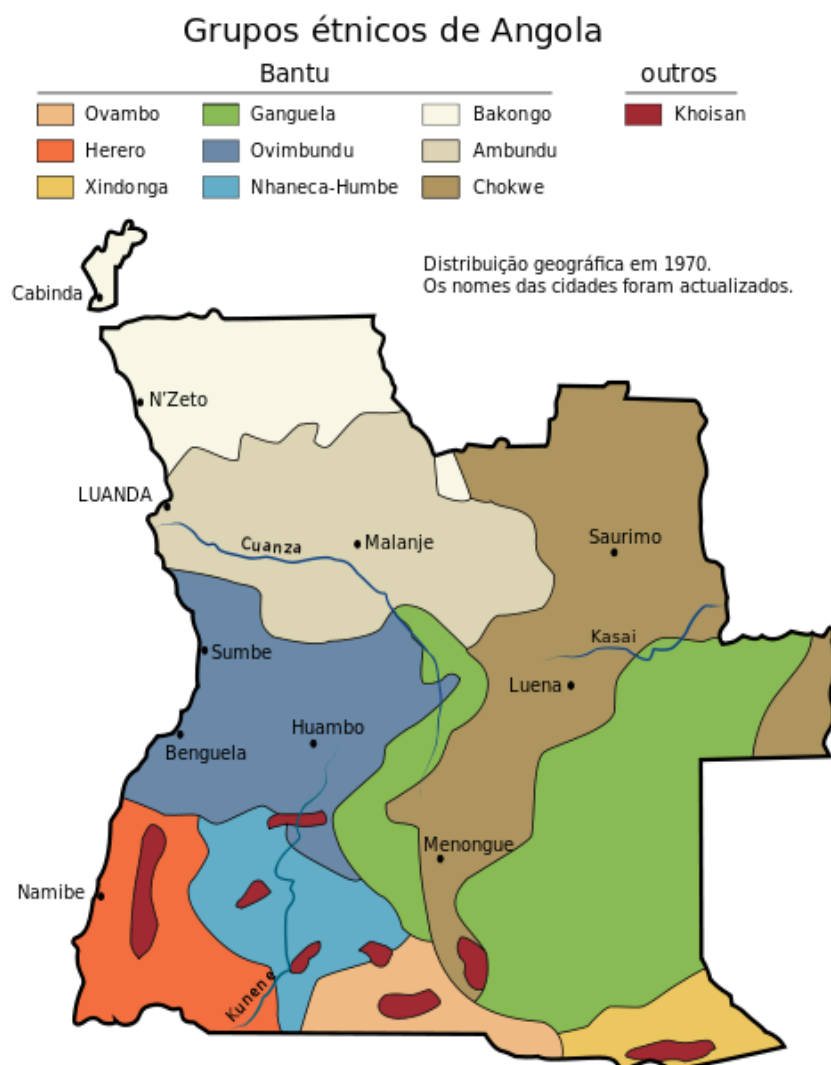
O que levou os estrangeiros a aprender uma língua Bantu, não foi a necessidade de intervir no governo civil e militar, mas sobretudo na agricultura “porque a agricultura em Angola é toda feita pelos negros, nunca pode dirigi-los nem discipliná-los bem nas úteis práticas da lavoura aquele que ignora a língua, porque este exercício pede frequente comunicação entre quem manda e quem obedece” Andrade (2007, p. 45).

Dois autores angolanos, nomeadamente, Fernandes e Ntongo (cf. 2002, p. 25) reconhecendo a situação plurilingue, pluriétnica e pluricultural do país, apresentaram as zonas linguísticas Angolanas, na sua obra, onde distinguem as zonas e respectivas línguas:

- **Zona H:** línguas das partes Noroeste e Centro Este, (Kikongo e Kimbundu);
- **Zona K:** as línguas das regiões Nordeste e Leste, (Cokwe e Ngangela) e talvez, as línguas situadas na orla do Rio Kuvangu (Guriku, Kwangali e Mbukusu);
- **Zona R:** todas as línguas faladas nas regiões Central, Sul e Sudoeste, Olunyaneka-Nkhumbi, Oxihelelo (Oxikuvale), Oxiwambo e Umbundu.

As línguas bantu foram objecto de estudo de muitos autores durante a colonização portuguesa. Desses estudos feitos sobre a Linguística Bantu, destacamos a valiosa contribuição de Redinha (cf. 1975, p. 8) sobre a classificação das línguas de

Angola. O autor classifica as línguas bantu em nove grupos étnicos, como representa o mapa abaixo:



Mapa 4: Comunidades linguísticas de Angola⁴

⁴ Fonte: <http://image.slidesharecdn.com/angola>.

Actualmente, vários estudos estão a ser realizados, por um número cada vez maior de estudantes da Universidade Agostinho Neto e outros investigadores, existindo também trabalhos realizados no exterior do País.

A ausência de uma política linguística contribui, explicitamente, para a massificação e defesa do Português, como a única língua de identificação do Angolano, em detrimento da diferenciação linguística.

Em Agosto de 2004, após a realização do 2º Encontro Nacional sobre Línguas Nacionais, o Ministério da Educação admitiu a hipótese de introduzir, no sistema de ensino, algumas das línguas locais consideradas nacionais. Actualmente, urge definir uma política linguística de carácter psicossocial, cultural e política, obviamente reforçada por interesses económicos que, hoje, se inserem num contexto mundial, de forma a atribuir um estatuto às línguas angolanas de origem africana

CAPÍTULO II

O BONGO: CARACTERIZAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

2.1. Situação Geográfica

A Província do Bengo está situada na zona costeira do Oceano Atlântico, confina a Norte, com a província do Zaire, a Nordeste, com a província do Uíje, a Leste, com a província do Kwanza-Norte e a Sudoeste, com a província do Kwanza-Sul. Com uma superfície de 24.173,15 Km², resultante da nova divisão administrativa pela lei nº3/80, de 26 de Abril, e com sede na Cidade de Caxito, é constituída por seis municípios, nomeadamente, do Ambriz, do Bula-Atumba, do Dande, do Dembos, do Nambuangongo e do Pango-Aluquém.

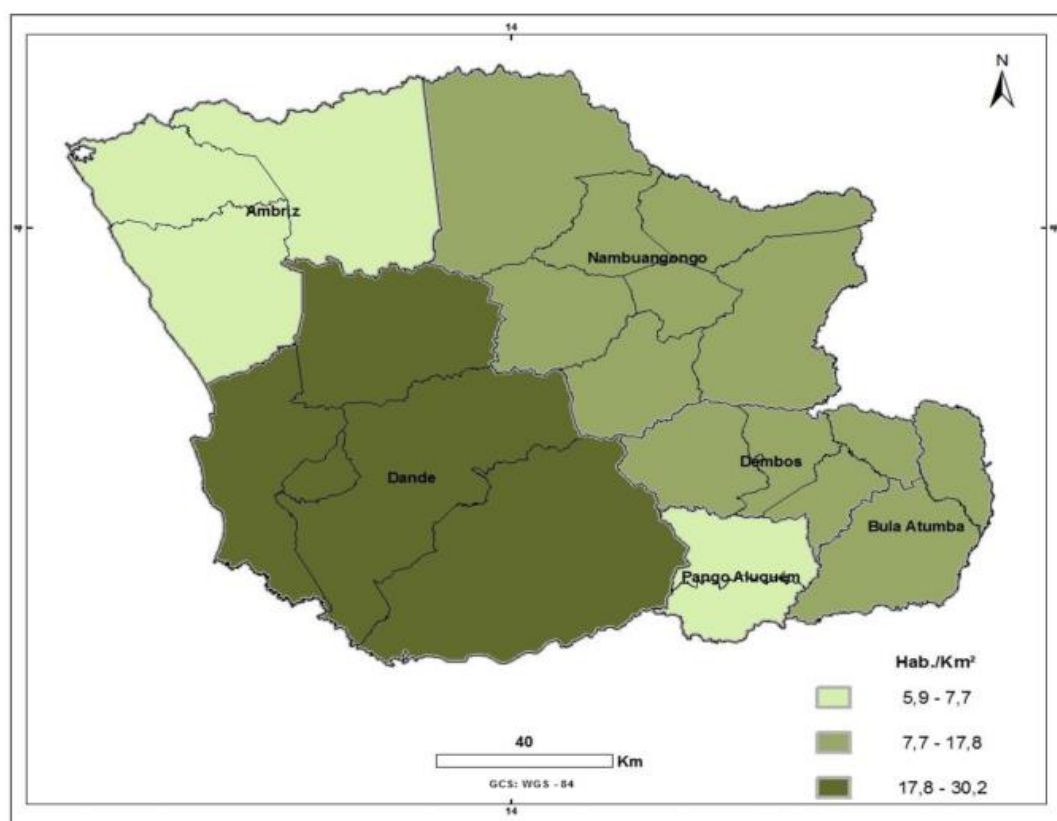


Fig.1 Mapa da província do Bengo⁵

⁵ Caderno de dados estatísticos do Censo populacional de Angola, Maio-2014.

2.2. Densidade Populacional

Dados provisórios do Recenseamento Geral da População e Habitação de Angola, realizado de 16 a 31 de Maio de 2014, dão conta que a província possui uma população estimada em 351 mil e 579 habitantes, dos quais 174 mil e 362 são do sexo masculino e 177 mil e 217 do sexo feminino. Os mesmos dados demonstram que a maioria da população da província do Bengo reside em zonas rurais, num total de 201.657 habitantes (57,4% da população) contra os 149.922 pessoas (42,6%) que residem em áreas urbanas. O seu território divide-se em seis municípios, vinte e três comunas e quarenta e seis bairros ou povoações (aldeias).

Na província do Bengo, o município do Dande é o mais populoso com 217.929 habitantes, o que representa 62% da população, seguindo-se o do Nambuangongo com 61.024 habitantes (17%). Para além de ser o município com maior número de habitantes é, igualmente, o município com maior densidade populacional (30 habitantes por quilómetro quadrado), enquanto o do Ambriz com cerca de seis habitantes por quilómetro quadrado é o que regista a menor densidade populacional da província.

O município do Pango Aluquém é o que menor número de residentes possui, com apenas 6.571 habitantes (1,9%). Com uma extensão de 33.016 quilómetros quadrados, o município tem uma distribuição de 17 pessoas por quilómetro quadrado.

O índice de masculinidade a nível da província situa-se nos 98 homens para cada 100 mulheres, o que significa que a população desta região do país é constituída maioritariamente por mulheres.

A nível de municípios, o Pango Aluquém e o Ambriz apresentam índices superiores ao da província, com 107 e 103 homens para cada 100 mulheres, respectivamente. O município do Bula-Atumba regista o índice mais baixo da província (95 homens para cada 100 mulheres).

O Censo 2014 (Recenseamento Geral da População e Habitação de Angola) é o primeiro depois da Independência Nacional e permitiu apurar que a população residente do país quadruplicou nos últimos 44 anos. O último Censo tinha sido realizado em 1970.

Até 1980, os municípios do Ambriz, do Dande, do Icolo e Bengo, do Kissama e do Nambuangongo pertenciam à província de Luanda e os do Bula-Atumba, dos Dembos-Quibaxe e do Pango Aluquém, à província do Kwanza-Norte.

2.3. Governo

O Governo Provincial do Bengo é um órgão Centralizado da Administração Central e visa assegurar a realização das funções do Estado a nível da Província. É constituído por um Governador, três vice-Governadores, quatro Delegados Provinciais, dezassete Directores Provinciais, seis Administradores Municipais, oito Administradores Municipais Adjuntos, dezassete Administradores Comunsais e dezassete Administradores Comunsais Adjuntos.

2.4. Clima

Tal como a maior parte do território angolano, o clima no Bengo é semi-seco e engloba-se na cintura tropical. Existem duas estações climatéricas durante o ano: o período seco e o período das chuvas, com temperaturas relativas mensais e anuais elevadas. Os valores mais expressivos das temperaturas situam-se entre 22-32°C. A estação seca, também chamada de Cacimbo, abrange os meses de Maio até Agosto, e quase não se regista qualquer precipitação.

2.5. Recursos naturais

A Província dispõe de abundantes recursos naturais que lhe permite almejar um desenvolvimento potenciado e sustentado para exploração do sector primário o que, numa primeira perspectiva, possibilitará: ensaiar mecanismos de combate à carência alimentar; relançar a produção; criar mais postos de trabalho e assim aumentar os rendimentos da população, influenciando significativamente as condições económicas e sociais da mesma.

Na região do Ambriz, junto à bacia sedimentária, existem jazigos minerais, como petróleo; e a 25 quilómetros, a norte de Caxito encontra-se a zona com quartzo, gesso, dolomite, calcário, argila, sal mineral, etc. Na região do Úcuá, município do Dande, encontram-se as reservas de tório, estanho, alumínio e berílio.

A Província é eminentemente agrícola, com uma área arável de cerca de um milhão de hectares, cujas culturas predominantes praticadas por cerca de 70% da população são: a mandioca, o milho, a batata-doce, o feijão, a banana, a jinguba, a batata rena, etc.

2.6. Rede Hospitalar

A Província possui uma rede hospitalar composta por seis hospitais Municipais, dois hospitais Gerais, dezasseis Centros de Saúde, um Centro Materno Infantil, um Centro de Tripanossomíases, um Pavilhão Multiusos e setenta e um Postos de saúde.

2.7. Ensino

O Governo controla 332 escolas, das quais:

- 283 são do ensino Primário;

- 33 escolas do Iº Ciclo;
- 12 escolas do IIº Ciclo;
- 3 institutos Médios;
- 1 escola do Ensino Especial;
- 1 Escola Superior Pedagógica.

2.8. Cultura

Os habitantes deste território são de origem diversificada, isto é, dos Reinos do Ndongo e do Congo, que se instalaram na região durante o processo migratório das populações, muito antes da independência.

O Kimbundu é a língua materna da maioria dos habitantes desta região, que também se expressa em outras línguas nacionais como Kikongo, Loango e o Umbundu para além da língua oficial, Português.

A população na sua maioria professa a religião Cristã (católicos e protestantes). O povo desta região conserva um património cultural e uma identidade própria, desde os hábitos aos costumes.

Os principais eventos culturais ou rituais celebrados a cada ano pelos habitantes do Bengo são: as festas da Mamã Santana, padroeira de Caxito, Mamã Muxima, no município da Kissama, as festas das lagoas de Ibêndoa, na comuna da Barra do Dande e, nos últimos tempos, as festas de Caxito.

Encontram-se no Bengo importantes monumentos e sítios históricos até hoje preservados, num total de doze (12); os demais foram classificados pelo Ministério da Cultura, após a independência Nacional, estando ainda prevista a classificação de mais alguns, entre eles encontram-se os seguintes:

- FORTALEZA DA MUXIMA (Século XVI-XVII)

Situada na Comuna da Muxima, na margem direita do Rio Kwanza; classificada pela Portaria nº 2 – Boletim Oficial nº 1, de 12 de Janeiro de 1924.

- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA MUXIMA (Século XVII)

Situada na Comuna da Muxima, na margem direita do Rio Kwanza; classificada pela Portaria nº 2 – Boletim Oficial nº 1, de 12 de Janeiro de 1924.

- ZONA HISTÓRICA DA MUXIMA

Núcleo Urbano da antiga Vila da Muxima; classificada pela Portaria nº 9354 – Boletim Oficial nº 9, de 8 de Fevereiro de 1956.

- FORTALEZA DO AMBRIZ (Século XVIII)

Situada na sede do município do Ambriz; classificada pelo Despacho nº 43, de 8 de Julho de 1992.

- CASA DOS ESCRAVOS (Século XVIII)

Situada no município do Ambriz; classificada pelo Despacho nº 46, de 10 de Novembro de 1993.

- EDIFÍCIO DA ANTIGA CÂMARA MUNICIPAL DO AMBRIZ (Século XIX – XX)

Situado na parte antiga da sede no município do Ambriz; classificado pelo Despacho nº 26 de 18 de Abril de 1993.

- IGREJA DE NOSSA SENHORA DA SANTANA (Século XIX)

Situada na parte velha da Cidade de Caxito/Dande; classificada pelo Despacho nº 8, de 18 de Abril de 1997.

- CHALLET (Século XIX – XX)

Situado em Caxito, no interior da Açucareira Heróis de Caxito; classificado pelo Despacho nº 9, de 18 de Abril de 1997.

- IGREJA DE S. JOSÉ (Século XIX)

Situada na parte velha do município do Ambriz; classificada pelo Despacho nº 10 de 18 de Abril de 1997.

- ZONA HISTÓRICA DO AMBRIZ

Núcleo Urbano da antiga Vila de Ambriz; classificada pelo Despacho nº 14, de 18 de Abril de 1997.

- LOCAL ONDE NASCEU O DOUTOR ANTÓNIO AGOSTINHO NETO

Situado na comuna de Kaxicane/Catete; classificado pelo Despacho nº 45, de 17 de Setembro de 1997.

- MORRO DO TWENZE (SANTA-DYA-MONGWA)

Sudoeste do Dombe, comuna da Muxima; classificado pelo Despacho nº 95/00 – Diário da República nº 21, de 26 de Maio de 2000.

2.9. Situação Linguística

Linguisticamente, o Bengo é um território plurilingue, caracterizado pela coexistência do Português, do Kimbundu e de outras línguas nacionais, como referimos anteriormente. Apesar do plurilinguismo existente, neste trabalho trataremos apenas das línguas Portuguesa e Kimbundu.

A maioria da população do Bengo tem o Kimbundu como língua materna e o Português como língua segunda; o Português é ainda a língua materna para uma minoria.

O conceito de língua materna tem vindo a ser reequacionado por vários estudiosos. Kochman (1982, pp. 119-128) assinala que, na definição de língua materna, estão presentes três domínios:

- (i) o afectivo, que é definido como o idioma falado por um dos progenitores, geralmente a mãe;
- (ii) o ideológico, que corresponde ao idioma falado no país em que se nasceu e onde supostamente se vive ainda;
- (III) o de autodesignação, enquanto idioma a partir do qual aquele que o fala manifesta um sentimento de posse mais marcado do que em relação a outro idioma. Bastaria verificar um destes domínios para assegurar a definição de língua materna. Contudo, qualquer um deles pode suscitar algumas dúvidas.

Segundo Galisson & Coste (1983, p. 422),

«a língua materna é assim chamada porque é aprendida como primeiro instrumento de comunicação, desde a mais tenra idade e é utilizada no país de origem do sujeito falante».

Entendemos a língua segunda (L2) como a língua não-materna que é aprendida após os 4 ou 5 anos de idade e, tipicamente, adquirida em contexto de aprendizagem informal, e no contacto com falantes nativos, sobretudo por razões de imigração ou de contexto multilingue.

Segundo Stern (cf. 1983, p. 16), a expressão “língua segunda” deve ser aplicado para classificar a aprendizagem e o uso de uma língua não-nativa dentro das fronteiras territoriais em que ela tem uma função reconhecida.

Jack Richards (1978, p.7) afirma que “O termo segunda língua tem sido cada vez mais usado em Linguística Aplicada para referir a aprendizagem de qualquer língua depois da primeira, independentemente do estatuto dessa língua em relação a quem a aprende ou ao país em que essa língua está a ser aprendida”.

Galisson e Coste (1983, pp. 442-443) aproximam L2 e língua estrangeira pela sua natureza de línguas não maternas, destacando o estatuto oficial de que beneficia a L2, sendo esta, por consequência, uma língua ensinada a falantes não nativos como língua veicular.

Na sequência desta perspectiva, apoiamo-nos ainda nas palavras de Isabel Leiria:

“A nossa história de colonização, emigração, imigração e de relações com outros povos e culturas criou para a língua Portuguesa uma diversidade de situações de contacto e de contextos de aprendizagem de que têm resultado produtos linguísticos, de grupo ou individuais, diferentes entre si. Esses produtos são designados pelos termos Português língua segunda (PLS) e Português língua estrangeira (PLE)”. (Leiria, 1999, p. 1).

Apesar da população do Bengo ter outras línguas maternas (línguas Nativas), o Português, língua segunda para uma boa parte destes falantes, continua a ser a língua oficial que se revela indispensável à participação na vida política, económica e social do país.

2.10. O ensino do Português e do Kimbundu no Bengo

No Bengo, o bilinguismo entende-se como o resultado do contacto de duas ou mais línguas diferentes provocado pela aquisição de duas línguas.

O Português nas zonas rurais, resulta da aprendizagem como segunda língua, na escola; nas zonas urbanas, resulta do contacto simultâneo do Português e do Kimbundu, coexistentes no seio da família, ou da comunidade em que está inserido.

No Bengo, a língua Portuguesa tem o estatuto de língua oficial. Ela é utilizada nos domínios da vida sociopolítica, económica e cultural. Assume também um papel veicular, permitindo a comunicação entre os vários grupos etnolinguísticos, sendo a única língua de escolaridade e da administração. Utilizada também nos *media* habituais nas zonas urbanas, permite o contacto com os falantes de uma língua nativa.

Contudo, a língua Kimbundu é leccionada apenas a nível superior no curso de Linguística Africana, como meio de aquisição de conhecimentos científicos e tecnológicos

CAPÍTULO III

A LÍNGUA KIMBUNDU

3.1. A língua Kimbundu

Partindo do pressuposto de que vários trabalhos do género foram, estão e serão realizados em torno desta língua. A fim de não repetirmos os mesmos exemplos e tornarmos exaustivo o tema a desenvolver, a nossa investigação basear-se-á em algumas características do Kimbundu como língua de especialidade.

O Kimbundu estende-se por um espaço que vai dos 8º 11' de latitude Sul, aos 13º 18' de longitude Leste, do território nacional. Sob o ponto de vista administrativo, é falado pelas populações das províncias de Lwanda (cidade capital), Malanje, Kwanza Norte e Bengu. De modo parcial, o Kimbundu é também falado nas zonas fronteiriças ao Sul das províncias do Wíje e do Zaire e ao Norte da do Kwanza Sul. É a língua materna de boa parte de locutores, ocupando o segundo lugar no país, após o Umbundu.



Mapa nº 5 Províncias de expressão linguística Kimbundu.

Do ponto de vista étnico, o Kimbundu é a língua dos Ambundu que, por motivos de sobrevivência, abandonaram o campo, fixando-se na cidade.

Segundo Vatomene Kukanda (2000)⁶, a língua Kimbundu comporta as seguintes variantes linguísticas:

Província	Variante linguística
Lwanda	Lwanda
Bengo	Ambundu, Ntemu, Kisama
Kwanza Norte	Hungu, Lwangu, Dembu e Ambundu
Malanje	Kuna, Jinga ou Ngola, Bando, Mbangala, Holo, Kari, Xinje, Minungu, Songo, Banbara e Sende.
Norte da província do Kwanza Sul	Libolu, Kibala e Haku

Quadro adaptado por nós

Malcolm Guthrie integrou a língua Kimbundu no grupo H, sob o número 20. Vários foram os autores estrangeiros que escreveram sobre o Kimbundu.

Héli Chatelain interessou-se por esta língua, publicando várias obras de que destacamos, em 1888, a *“Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola”* e,

⁶ *Africana Studia*, nº3, 2000, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

mais tarde, os *“Folk Tales of Angola”* a obra a *“Arte da Língua de Angola”*, escrita por Pedro Dias, em 1697.

Sobre a língua Kimbundu, Héli Chatelain⁷ no estudo que fez sobre a mesma língua, dando uma explicação sobre o termo, faz o seguinte comentário:

"Na literatura portuguesa e estrangeira esta língua era conhecida até hoje sob o nome de "língua bunda", ao passo que entre os brancos de Angola é mais conhecida como "ambundo". Cientificamente, porém, nem uma nem outra destas denominações é admissível. [...] "Kimbundu" pelo contrário é o termo vernáculo, dizendo os pretos de Angola, os **a-mbumdu**: o kimbundu, em kimbundu, falar kimbundu, mas nunca falar ambundo ou bundo ou bunda. Os vocábulos **mu-mbundu**, um preto, ou uma preta, **a-mbundu**, pretos ou pretas e **ki-mbundu**, linguagem dos pretos constam como base comum **mbundu** e dos prefixos **mu-**, **a-**, **ki-**, significando **mu-** pessoa, **a-** pessoas e **ki** linguagem. Concorde com isto com o que se nota nas línguas da família bantu, a qual pertence também o nosso kimbundu, sendo o prefixo **ki-** o que mais se emprega nelas para designar linguagem. Algumas tribos pronunciam o **txi-** (**tyi**), **xi-**, **si-**, **isi-**, **se-**, outras preferem-lhe os prefixos **u-** ou **lu-**, outras, mais raras, contentam-se com a base sem acrescentamento de prefixo algum. Assim, sem sairmos da Província de Angola, os Congueses ou Exi-Kongo chamam a sua língua **kixikongo**, os habitantes do Bailundo e do Bihe, os I-mbundu, a sua **u-mbundu**, ao passo que os Akua-Mbamba denominam o seu dialeto simplesmente "mbamba". É pois nossa opinião que, se quisermos falar correctamente, devemos dizer "o kimbundu", "o umbundu", mas não "a língua kimbundu ou umbundu", porque **ki-** e **u-** já significam língua. Não recomendamos tampouco o uso de "língua mbundu" a não ser que se lhe junte: De Angola ou de Benguela (Bangela) para obviar a confusão que, de outra forma, seria inevitável".

⁷ Héli Chatelain, a *“Gramática Elementar do Kimbundu ou Língua de Angola”*, 1888.

Muitos Angolanos escreveram sobre a sua língua materna. De entre eles, destacamos António de Assis Júnior e J. da Matta . O primeiro escreveu, em 1891, *“Philosophia popular em provérbios angolenses”* em 1892, *“Cartilha racional para se aprender a ler o Kimbundu ou língua de Angola”* e o segundo em 1893, *“Ensaio de dicionário Kimbundu-português”*. Várias investigações foram e estão a ser efectuadas para um conhecimento mais aprofundado desta língua.

3.2. Convivência do Kimbundu e do Português: os Kimbundismos

Em Angola, a convivência entre o Kimbundu e o Português permite interferências linguísticas, conduzindo ao aparecimento de novas unidades lexicais em cada um dos sistemas linguísticos; surgem alterações fonéticas, morfológicas e sintácticas. Deste contacto resultam empréstimos lexicais, os fenómenos designados de **Kimbundismos**, isto é, a integração de várias unidades lexicais do Kimbundu no Português, alguns deles já dicionarizados no *Dicionário do Português Contemporâneo* da Academia das Ciências de Lisboa e nos *Dicionários da Língua Portuguesa* da Porto Editora e da Priberam.

Assim, apresentaremos de seguida alguns exemplos desses processos de empréstimos.

Kimbundu	Português
dibute	ferida infectada
dikamba	amigo
dikota	alguém mais velho
funji	prato tradicional
haka	apre (interjeição de admiração)
henda	saudade
imbamba	bagagem, coisas

lwandu	esteira
jindungu	picante
jingongo	gémeos
kabetula	dança popular
kalunga	mar, morte
kambuta	pessoa de pouca estatura
Kandandu	abraço
kandenge	irmão ou filho mais novo
kanjica	prato tradicional
kaporroto	bebida alcoólica tradicional
kasule	último filho
kasumbula	espécie de jogo do rapa
katinga	transpiração desagradável
kavava	pessoa de pernas arqueadas
kazukuta	dança tradicional
Kimbundu	Português
kibetu	luta, tarefa
kibutu	embrulho, carga
kibuzu	mau hálito
kibwa	queda, tombo
kifutu	soador feito às mulheres após ao parto
kikonha	desmaio
kilumba	rapariga, donzela
kimbombo	bebida fermentada tradicional
kitaba	jinguba torrada com picante e sal

Kimbundu	Português
kixikila	dinheiro que se dá a uma pessoa no final de mês ou semana, para render mais
kizaka	esparregado de folhas de mandioqueira
kisangwa	bebida feita de milho grelado e fervido
kizomba	dança, música, festa, divertimento
kumbu	dinheiro
kusungila	divertir-se dançando
kuxinga	insultar
kyabo	legume local
kyanda	sereia, deusa do mar
mabanga	tipo de marisco
maka	problema
makiese	alegria
makulu	oxiúro
masoxi	lágrima
mbaku	pessoa estéril
mbanga	vaidade
mbondo	jóia tradicional
mbumbi	hérnia testicular
misanga	jóia
ndende	fruto da palmeira
nzoji	sonho
salu	trabalho
xoxombo	palerma, parvo

Embora o Instituto de Línguas Nacionais (ILNA) tenha apresentado um alfabeto fonético das línguas bantu e uma proposta de grafia para várias línguas nacionais, tem-se verificado uma certa disparidade na grafia dessas mesmas línguas por parte de alguns autores.

A título de exemplo, uma mesma unidade lexical, ou um topónimo ou um glossónimo aparecem grafadas de duas ou mais formas:

Exemplos:

Bantu	Banto	
Cachicane	Caxicane	Kaxikane
Quiçama	Kissama	Kisama
Quimbundo	Kimbundu	
Quinaxixe	Kinaxixi	

3.3.Características da língua Kimbundu

O Kimbundu é uma língua bantu como tantas outras já mencionadas no trabalho. Segundo Théophile Obenga (1985), essas línguas têm características comuns; passamos a apresentar as mais significativas:

- A *prefixação* dos morfemas flexionais: estas línguas apresentam um *sistema de classes*, caracterizado por prefixos nominais, onde cada classe tem um número.
- Estes morfemas são classificados em função dos seus *prefixos*, onde os números ímpares representam o singular e os números pares o plural.
- A utilização de *tons* no interior de um mesmo significante permite opor o significado de duas unidades lexicais, na maioria dessas línguas. Assim,

o *tom* contribui para a oposição de sentidos das unidades lexicais, mas num contexto fonético semelhante.

- O sistema vocálico é *simétrico*: comporta uma vogal central /a/, duas vogais anteriores /i/, /e/ e duas vogais posteriores /u/, /o/.
- O sistema consonântico comporta *pré-nasais*, como consoantes orais precedidas de consoantes nasais, formando grupos indivisíveis.

3.4. Alfabeto da língua Kimbundu

Vários investigadores concluíram que a língua Kimbundu comporta os seguintes fonemas:

Cinco vogais (a, e, i, o, u), sendo: uma vogal central /a/, duas vogais anteriores /e, i/ e um número idêntico de vogais posteriores /o, u/.

Não apresenta nenhuma vogal nasal, isto é, as vogais que seguem uma consoante pré-nasal realizam-se nasalizadas.

Dois semi-vogais: /y/, /w/

Dezasseis consoantes: /b/, /d/, /f/, /g/, /h/, /j/, /l/, /m/, /n/, /p/, /r/, /s/, /t/, /v/, /x/, /z/.

Uma particularidade do Kimbundu é o facto de todas as palavras terminarem em vogal.

3.5. Sistema vocálico

O fonema **/a/** tem sempre o mesmo valor.

Exemplos:

dikanu	boca
inja	pénis
izavu	pulmões
kinama	perna
maku	mão

O fonema **/e/** é sempre aberto, como o do item **/pé/**.

Exemplos:

ditabela	coxa
dikelengu	faringe, garganta, laringe
kapolepole	tornozelo
kisende	calcanhar
lundemba	cabelo

O fonema **/i/** tem sempre o mesmo valor, como em Português, mas apresenta o valor **/y/** semi-vogal, quando seguido de outra vogal.

Exemplos:

dikoxi	nuca
dyele	mama
midya myadikota	intestino grosso
myongo	rins

O **/o/** é sempre aberto. Em posição final de sílaba, mantém-se a oposição entre as duas vogais. Assim, o **/o/** da sílaba final do item **/Kikongo/** deve ser lido, pronunciando-o como o de **/pó/**.

Exemplos:

dib o mo	crânio
kalindol o	clítoris
kisong o	cancro
mb o to	mamilo
milong o	medicamento

O fonema **/u/** tem sempre o mesmo valor, mas quando seguido de outra vogal toma o valor de semi-vogal **/w/**.

Exemplos:

kiz w ezwe	pestanas
luk w aku	braço
w anza	sémen
milembu	dedos
m u xima	coração

3.6. Sistema consonântico

O Kimbundu tem sete séries de consoantes que são: labial, dental, pré-palatal, palatal, apical, velar e glotal.

		Bilabial	Labiodental	Apical	Pré-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Orais	Surdas	[p]	[f]	[t]	[s]	[...]	[k]	[h]
	Sonoras	[b]	[v]	[d]	[z]	[...]		
Nasais	Nasais	[m]		[n]		[ɲ]		
	Pré-nasais	[mb]	[mv]	[nd]	[nz]	[...]	[ŋ]	
Contínuas				[l]		[y]	[w]	

Algumas consoantes não aparecem de forma isolada por serem sempre pré-nasalizadas, quer dizer precedidas de consoantes nasais, como: **/mb/**, **/nd/**, **/nj/**, **/mf/**, **/mp/**, **/mv/**, **/nz/**.

Exemplos:

kun f unda	enterrar/sepultar
mbambi	frio
mpemba	feitiço
mun j inu	faringe
mvula	chuva
ndandu	parente
jindemba	capilar, cabelo

As mesmas consoantes são sempre proferidas numa só emissão de voz, sendo inseparáveis na divisão silábica e na translineação.

Exemplos:

kim b anda	curandeiro
kin f unata	entorce
lwin j i	veia
n z indu	fígado
sun d u	vagina

O /g/ nunca aparece isoladamente, é sempre antecedido pela nasal /n/. De salientar que não se verifica o fenómeno de palatização, mesmo em posição intervocálica, à semelhança do que acontece em Português.

Exemplos:

dikel ng u	esófago	deve ler-se	diquelengu
dinzun g u	uretra	deve ler-se	dinzungu
musan g a	ovário	deve ler-se	mussanga
myon g o	rim/rins	deve ler-se	miongo
ngandelu	mandíbula	deve ler-se	ngandelu

O /h/ é sempre aspirado.

Exemplos:

ku h ona	tossir
thulu	peito
thumbu	umbigo

O **/k/** no sistema gráfico substitui, em todos os casos o grafema, “qu” do Português diante das vogais anteriores (i, e), bem como o “c” antes das vogais centrais e posteriores (a, o, u).

Exemplos:

Kikwalala	traqueia	deve ler-se	quicualala
Kinama	perna, pé	deve ler-se	quinama
kitatulu	toráx	deve ler-se	quitatulu
lukwaku	braço, mão	deve ler-se	lucuacu
mikasu	sobrancelhas	deve ler-se	micassu

O **/m/** e o **/n/** ao nível fonético, estas consoantes nasalam a consoante seguinte, formando um complexo consonântico **/NC/** (nasal + consoante).

Exemplos:

inja	pénis	deve ler-se	inja
mbumbi	hérnia	deve ler-se	mbumbi
ngenda	cavidade, orifício	deve ler-se	nguenda
nzindu	fígado	deve ler-se	nzindu

O **/s/** tem sempre o mesmo valor; mesmo em posição intervocálica nunca se sonoriza como em Português.

Exemplos:

kususa	urinar	deve ler-se	cussussa
kisuxi	ombro	deve ler-se	quissuchi
kisuxinu	bexiga	deve ler-se	quissuchinu
masangalala	intestino delgado	deve ler-se	massangalala

O /t/ tem sempre o mesmo valor.

Exemplos:

dikutu	estômago
ditaku	nádega
mutanda	coluna vertebral
matuji	fezes
mutungu	ânus

O /x/ representa, sempre, o som palatal [ʃ]; substitui o dígrafo /ch/.

Exemplos:

dikoxi	nuca	deve ler-se	dicochi
kisuxi	ombro	deve ler-se	quissuchi
kisuxinu	bexiga	deve ler-se	quissuxinu
ngaxaxa	espirro	deve ler-se	ngachacha
xingu	pescoço	deve ler-se	chingu

3.7. Género

Nas línguas bantu o género exprime-se gramaticalmente por classes nominais.

Exemplos:

Kimbundu	Português
Dikamba dyami weza.	O meu amigo/ a amiga veio.
Imbwa wangilumata.	O cão/ a cadela mordeu-me.

Mukwetu wabongo mvula.	O outro/ a outra apanhou chuva.
Monetu wabite kuku.	Os nossos filhos/ as filhas passaram aqui.
Mwi mwexile monzo.	O ladrão/ a ladra estava em casa.
Jindandu jami jamukata.	Os meus irmãos/ ou irmãs estão doentes.

3.8. Tom

A presença de tons nas línguas bantu é uma das suas características. Em todas as línguas nas quais o tom é perceptível, o mesmo afecta as vogais, mas não deve ser confundido com o acento gráfico que, nas sílabas, serve para marcar a altura (que as torna, relativamente, superiores às outras).

Distinguem-se dois acentos gráficos que indicam os tons:

- agudo (´) para marcar o **tom alto**;
- grave (`) para marcar o **tom baixo**.

Exemplos:

Kulówa	enfeitiçar	e	kulòwa	pescar
<i>mbàmbì</i>	gazela	e	<i>mbám̃bì</i>	frio
<i>mbànzà</i>	cidade	e	<i>mbánzà</i>	tipo de violão
<i>njìlà</i>	pássaro	e	<i>njílà</i>	caminho

3.9. Artigo

Na língua Kimbundu não existem artigos.

Exemplos:

Kimbundu	Português
Myongo myami myangikata.	Os meus rins doem.
Kinama kyabudika.	A perna partiu-se.
Mona wafu.	O filho morreu.
Mukutu matema.	O corpo está quente.
Disu dyajika.	O olho fechou.

3.10. Classe nominal

Em Kimbundu, por ser uma língua bantu, os nominais estão organizados em classes, de acordo com a presença de afixos que marcam o número; os números ímpares marcam o singular e os números pares correspondem ao plural.

Cada prefixo representa uma classe. Existem 18 classes: a classe 15 caracteriza o verbo e as classes 16, 17 e 18 são locativas.

A flexão dos nomes em Kimbundu realiza-se através da mudança do prefixo na base do nominal. Apresentamos um quadro para melhor esclarecimento:

Classes	Prefixo	Kimbundu	Português
1	Mu-	munjinu,	faringe
2	A-	anjinu,	faringes
3	Mu-	mulembu, musanga, mukonde	dedo, ovário, trompa
4	Mi-	milembu, misanga, mikonde	dedos, ovários, trompas
5	Di-	diju, dituba, divumu, dyele	dente, testículo, abdómen, mama
6	Ma-	maju, matuba, mavumu, mele	dentes, testículos, abdómenes, mamas
7	Ki-	kimbi, kivalelu, kisuxinu	cadáver, útero, bexiga
8	I-	imbi, ivalelu, isuxinu	cadáveres, úteros, bexigas
9	I-	ipumuna, inzeke	joelho, vesícula
10	Ji-	jipumuna, jinzeke	joelhos, vesículas
11	Lu-	lumbanji, lukwaku	costela, braço
12	Ka-	kadibuti, katubya, kapoko, kaonzo	feridinha, fogo brando, faquinha, casinha
13	Tu-	tudibuti, tutubya twonzo, tupoko,	feridinhas, fogos brandos, casinhas, facas pequenas
14	U-	ulongelu, ufilo, uhaxi	ensinamento, falecimento, doença
15	Ku-	kuzwela, kulamba, kuseka, kukata, kusoneka, kutanga	falar, cozinhar, dormir, adoecer, escrever, ler
Classes locativas			
16	Bu-	bulu, bukanga,	em cima, fora
17	Ku-	kudima, kuku, kuná, kumbandu	atrás, aqui, ali, ao lado
18	Mu-	muxi, mumenya, mwalunga	em baixo, na água, no mar

Em Kimbundu, existem três locativos como demonstra o quadro acima, prefixando as bases nominais, formando nominais espaciais, como:

bu - superposição, à superfície de;

ku - direccional, lugar distinto e distante; interioridade;

mu - interioridade

Exemplos:

Milongo wala *bukanga* mudikalu. O medicamento está lá fora no carro.

Dibute dya mona wexile kukinama. A ferida do filho era aqui na perna.

Ngoloya kutakana kudya *kumbandu*. Vou buscar a comida ali ao lado.

Mwene wabongo SIDA kuku ni muhatu ye. Ele apanhou, aqui, o SIDA com a mulher.

3.11. Classe verbal

Na língua Kimbundu, o prefixo **/ku/** caracteriza todos os verbos no modo infinitivo, tratando-se da classe nomino-verbal 15.

Exemplos:

Kimbundu	Português
kubela	emagrecer
kubonga	apanhar
kufwa	morrer
kukata	adoecer
kulenga	fugir
kunwa	beber
kusunga	puxar
kutanga	ler
kuzeca	dormir
kusoteca	procurar
kuxoka	introduzir

O morfema **/Ku/** , nesta língua, também pode associar-se a um nome, desempenhando uma função locativa.

Exemplos:

Kuleba	no alto
Kubandu	ao lado
Kudima	atrás
Kuku	ali
Kutandu	por cima

3.12. Monoclasses

Nem todos os nomes apresentam a oposição singular e plural pois, existem *nomes monoclasses*, ou seja, nomes que só se enquadram numa classe nominal; em geral, são nomes não contáveis muitas vezes relativos a líquidos.

Exemplos:

Kimbundu	Português
maji	óleo
masoxi	lágrima
masu	urina
mate	saliva
mayinga	sangue
menya	água
milongo	medicamento
mungwa	sal
nzoji	sonho
wanza	sémen

CAPÍTULO IV

METÁFORAS TERMINOLÓGICAS NO DOMÍNIO DA SAÚDE

4.1. Metáfora: breves considerações

A partir do séc. XX, a Linguística passou a considerar a metáfora como um fenómeno linguístico, não estritamente literário de carácter estilístico, mas como um processo, estabelecendo uma relação de comparação não explícita entre dois objectos, subjacente a muitas unidades lexicais da língua corrente e a termos científicos e técnicos (cf. Hawkes 1972, pp. 71-72).

O termo “metáfora” provém do vocábulo grego *metaphora* que significa “transferir, transportar ou deslocar para”, implicando um processo linguístico, segundo o qual, elementos ou características de um determinado objecto são transferidos para um outro, de modo a que esse segundo objecto funcione como se fosse o primeiro. A própria palavra *metaphora* é uma metáfora, isto é, «um pedido de empréstimo de movimento», podendo condenar os que procuram definir a metáfora a um percurso circular, já que *phora* significa “mudança de lugar”; uma metáfora caracteriza-se, literalmente, como uma “palavra fora do lugar” (cf. Miguens, 2002, p. 76).

Segundo Castillo (cf. 1997, p. 41), a metáfora cria autoridade e carácter, ou seja, a metáfora apresenta-se como indispensável a todas as disciplinas; ocorre na relação do enunciado com a situação linguística; permeia todo o discurso; é um princípio fundamental do pensamento e da acção, e surge como inabalável a um suposto significado claro. O mesmo autor defende que a metáfora possui um grande poder de persuasão na vida quotidiana, no pensamento e na acção, pois o sistema conceptual, segundo o qual pensamos e actuamos, é, por natureza, metafórico; neste sentido, a metáfora está subjacente à criação de novos conceitos e como tal desenvolve mundos e modos de ser alternativos.

Para Houaiss (2003), a metáfora é um termo com origem no grego (“*meta*”+“*phora*”), que significa “**mudança**” e “**transposição**”, transposição do sentido próprio ao figurado.

Turbayne (1970, p. 11), no livro “Metaphor (*meta-phora*)”, apresenta a seguinte definição: “consists in giving the thing a name that belongs to something else; the transference (*epi-phora*) being either from genus to species, or from species to genus, or from species to species, or on the grounds of analogy”.

Cristo⁸ foi o grande mestre das metáforas, por isso, os seus ensinamentos atraíam multidões. Expressões, como “semeador”, “pescador de homens”, foram tão persuasivas, que mesmo no fim de dois mil anos não perderam a sua contemporaneidade.

A metáfora é essencial à comunicação entre línguas e culturas, participando na consolidação da variedade das mesmas, pois, existem numerosas conexões que determinam e explicam os fundamentos das estruturas metafóricas. Seria praticamente impossível falar e pensar sem recorrermos à metáfora; ela é um processo linguístico muito utilizado, no dia-a-dia, na comunicação humana, pois o ser humano necessita de unidades lexicais, de termos e de expressões metafóricas para designar objectos e realidades do mundo que o rodeiam e para expressar o que sente.

Um dos meios mais poderosos das metáforas são as comparações não explícitas, pois elas permitem fazer um número ilimitado de conexões mentais. Quando não percebemos algo, usamos uma unidade lexical, contendo uma metáfora, e dessa maneira a compreensão de uma noção torna-se mais fácil. É essa a grande força da metáfora que permite usar expressões como “carrego o mundo nos ombros”. Todos nós usamos metáforas, às vezes involuntariamente, devido à força do hábito, pois são unidades lexicais ou expressões que do ponto de vista semântico e pragmático contêm uma maior força e persuasão do que outras unidades lexicais.

⁸ Bíblia Sagrada, Mateus: 12-28

As metáforas que usamos, todos os dias, fazem parte da língua corrente e, provavelmente, fazem parte da nossa “cultura partilhada” (termo criado por Robert Galisson, 1987).

Apresentamos de seguida alguns exemplos:

Expressão familiar e cultural com sentido metafórico	
“ De pequenino se torce o pepino”.	Corrigir os erros desde a infância.
“Vou arrancar o mal pela raiz”.	Acabar com o mal logo de início.
“Vamos tomar um café com letras”.	Tomar um café e ao mesmo tempo debater um tema ou conversar.
“A ideia de ontem não amadureceu”.	Quando a discussão de um assunto não ficou esclarecido.
“Cada macaco no seu galho”.	Colocar cada um no seu lugar.
“Carrego o mundo nos ombros”.	Quando alguém está desesperado com muitos problemas.
“A professora produziu bons alunos”.	A professora formou bons alunos.
“Naquela reunião o chefe ficou com a batata quente”.	O problema ficou para ele resolver.
“A Carla e o João são farinha do mesmo saco”.	Quando duas pessoas têm o mesmo carácter.
“A mãe é manteiga derretida”.	A mãe é muito emotiva.
“ O pai tem um coração de pedra”.	O pai é insensível.
“ O vizinho é um banana ”.	O vizinho é uma pessoa sem atitude.
“ O António colocou a mulher na lama ”.	O António denegriu a mulher.
“ Vamos aproveitar porque a noite é uma criança ”.	O início da noite no sentido de que ainda há a noite inteira pela frente.

O uso de expressões metafóricas, que interiorizamos, determina os nossos pensamentos, os nossos actos e exerce um grande poder sobre a nossa vida. As metáforas que usamos do ponto de vista semântico podem ser positivas e intensas; fazem parte das convicções que adoptámos e, ao quebrá-las, ou ao mudá-las, suspendemos esse paradigma.

A língua de especialidade é descritiva, clara e neutra. Mas não ignora a utilização de figuras de estilo consideradas como sendo circunscritas aos textos literários. Na tradução especializada observam-se também inúmeros exemplos de recurso a metáforas que ultrapassam o âmbito de mero ornamento retórico, passando a expressar conceitos técnicos e científicos e a assumir o estatuto de termo. Desta forma, as metáforas através das suas funções denominativa e didáctica têm um papel importante, por um lado, no desenvolvimento da ciência e, por outro, na difusão da ciência.

Assim, podemos interrogar-nos sobre o papel da metáfora terminológica:

“Qu’est-ce que la métaphore terminologique? À quoi sert-elle? [....]

Est-il légitime d’opposer science et métaphore? N’y a-t-il pas rationalité dans la métaphore? [....] Le spécialiste emploie la métaphore de spécialité sans être consciente de son processus de création[....] En effet, la métaphore terminologique suppose un ensemble de règles stables valables pour les membres d’une communauté scientifique” Oliveira, Isabelle(2009, p.20-21).

4.2. Metáfora e ciência

A história da ciência demonstra que à medida que diversos estudos no âmbito da língua científica foram realizados, a metáfora tem uma função significativa na

fundamentação da ciência. As metáforas, neste domínio, são indispensáveis, pois a língua desde sempre incluiu expressões metafóricas. O próprio termo Terminologia tem uma origem metafórica, uma vez que um novo termo implica sempre uma delimitação conceptual.

As metáforas não são apenas figuras de estilo; elas estão subjacentes a muitos termos e neónimos científicos, políticos e sociais.

Na língua científica, o “encanto” da metáfora apresenta-se como uma componente integrante do discurso científico. Segundo Contenças (cf. 1999, p. 9), as metáforas e as expressões figurativas interceptam o discurso científico de uma determinada disciplina.

Num estudo sobre a eficácia da metáfora na ciência, no caso específico da Genética, Contenças (cf. 1999, p. 97) apresenta a importância da *metáfora da dupla hélice* nos desenvolvimentos do conceito de ácido desoxirribonucleico (ADN) e na explicação do genoma humano. Por exemplo, num contexto de discurso científico, a expressão relativa à metáfora “ADN é sequência de código” é um enunciado pertinente. Mas num contexto de discurso pedagógico ou informativo, as expressões referentes à mesma metáfora são reformuladas; por outras palavras, os mapeamentos nocionais no contexto científico, são mais precisos, limitados, enquanto nos outros contextos são menos exactos.

Todo o corpo da ciência contemporânea constitui uma tentativa de explicar fenómenos que, geralmente, são difíceis de entender pelo ser humano, porque referem-se a forças e a processos que não são perceptíveis directamente, ou porque são de tamanho insignificante, como as moléculas, ou porque são imensas, como o universo, ou ainda porque resultam de forças que os nossos sentidos não podem detectar, como o electromagnetismo, ou como a formação de um organismo desde a sua geração a partir de um ovo fecundado.

Segundo Contenças (cf. 1999, pp. 11-12), a metáfora permite a elaboração de princípios originais, aumentando as fundamentações da teoria científica e possuindo uma função heurística e cognitiva, porque articula a lógica da descoberta com a lógica da justificação. Assim, as metáforas não podem ser eliminadas da língua científica, uma vez que se situam no próprio interior da ciência; não é possível descrever as relações naturais estabelecidas pelos modelos e pelas teorias sem a utilização de metáforas.

Vilela (cf. 2001, pp. 193-194) observa a metáfora numa perspectiva cognitiva: a estrutura cognitiva da compreensão humana concebe primeiramente o vocabulário universal do espaço, que adquire, posteriormente, sentidos temporais. O conhecimento encontra-se estruturado de acordo com a visão da realidade extralinguística e não se apresenta caótico. Desta forma, a metáfora surge como a principal força na mudança semântica, operando entre domínios, entre a visão e o conhecimento, entre o espaço e o tempo; esta passagem de um domínio para outro é efectuada por meio de mapeamentos cognitivos.

A metáfora tem uma função importante, na medida em que não só antecede a própria descoberta científica, como também se apresenta como um veículo de descoberta do mundo; descobrem-se novos aspectos, novas realidades que levam à criação de novas unidades lexicais e/ou termos científicos. A metáfora não é um processo linguístico provisório que é rejeitado num segundo momento; pelo contrário, é um dos meios que permite a adequação à estrutura original do mundo real; possibilita a fixação de um novo conceito, porque se trata, por um lado, de um processo de criação, e por outro, de uma forma de desenvolver uma nova descoberta Castillo (cf. 1997, p. 39).

Daniel Innerarity (1997, pp. 142-144) propõe que não se pode conceder uma mera função heurística à metáfora, como se esta fosse um instrumento irracional capaz de suscitar procedimentos racionais; assim como o discurso não-literário não pode

ser encarado como um discurso impróprio, indirectamente literal, uma vez que o discurso não-literal não é uma propriedade da língua natural, mas antes constitutiva desta.

A função inovadora da metáfora deve-se à incapacidade de ser substituída, desmentindo a teoria segundo a qual a metáfora pode ser substituída por expressões autênticas ou literais. No entanto, no caso de catacrese, a metáfora é absorvida pelo uso da língua corrente; o seu uso é tão corrente que não é mais tomada como tal, servindo para suprir a falta de uma unidade lexical específica que designe determinado objecto, como por exemplo: *braços* de poltrona; *pernas da mesa*; *dentes* do serrote; *nariz* do avião; *pescoço* de garrafa.

Segundo Daniel Innerarity, podem identificar-se duas vertentes no que se refere à presença da metáfora na ciência: uma diz respeito ao seu surgimento na produção do conhecimento científico: «dando a conhecer»; a outra vertente relaciona-se com a sua função na divulgação da ciência, permitindo a passagem de uma língua monológica ou formal para uma língua dialógica ou quotidiana e a possibilidade de convencer a comunidade científica relativamente a novas teorias e modelos.

A Linguística Cognitiva é uma área de conhecimento que se originou dentro das Ciências Cognitivas (cf. Evans & Green (2006, p. 107); Geeraerts & Cuyckens (2007, p. 97). É uma área interdisciplinar com relações com a Psicologia, a Linguística, a Neurociência, a Antropologia, a Filosofia e a Robótica.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, a metáfora é acima de tudo uma questão de pensamento e de acção, onde intervêm todos os aspectos da vida, da língua, do pensamento e dos actos culturais. O nosso sistema conceptual, em função do qual pensamos e agimos, é basicamente de natureza metafórica. A essência da metáfora reside no entendimento e na experiência de uma coisa em função de uma

outra, sendo os conceitos e as actividades estruturadas metaforicamente (cf. Lakoff & Johnson, 1980, pp. 3-5).

Segundo Boyd (*apud* Ungerer & Schmid, 1997, p. 147), as metáforas são omnipresentes na ciência, tendo sido a maioria delas introduzidas na língua científica com fins explicativos, como é o caso das metáforas na ciência computacional.

O uso de metáforas consiste num dos mecanismos disponíveis para a comunidade científica alcançar a acomodação da língua à estrutura causal do mundo, quer seja pela introdução de terminologia, quer seja pela modificação do uso de terminologia já existente, de modo a que as categorias linguísticas descrevam causal e, explicativamente, os traços relevantes do mundo (cf. Oliveira, I., 2009, 111).

A relação entre a percepção externa e os estados emocionais e cognitivos são esclarecidos unidireccionalmente, uma vez que a explicação de alguns estados psicológicos se efectua através do léxico do corpo humano (cf. Silva, 1992, p. 317).

Boléo (cf. 1935, p. 24-26; 29-30) menciona algumas metáforas da língua corrente com origem no ser humano. Por exemplo, alguém que medita está a *aparafusar*; alguém a quem se diz para *meter a viola no saco* deve calar-se; alguém bem-disposto está *fresco como uma alface*; *falar pelos cotovelos*; *dor de cotovelo*; *dar ao badalo*; *tomar tento na língua*, entre muitos outros.

Newton concebeu o sistema solar como um mecanismo concreto de um *relógio*; esta metáfora foi, progressivamente, cedendo lugar às *metáforas* da *máquina* e do *computador* aplicadas às várias disciplinas e aos seus respectivos conceitos.

A metáfora não é apenas uma figura de estilo, própria dos poetas e artistas, mas está envolvida em actividades quotidianas, na própria conceptualização do mundo. Por exemplo, quando um indivíduo lê "A mente *processa* e *armazena* a informação", tal *prompt* activa, no sistema conceptual do leitor, a metáfora "a mente é um computador"; assim, os mapeamentos conceptuais sofrem um processo de metáfora a partir do domínio fonte "Computador", sem o qual não possuiriam uma estrutura própria. De forma inconsciente e automática são realizados mapeamentos conceptuais que projectam elementos, esquemas e relações do domínio fonte sobre o domínio alvo.

A natureza metafórica da cognição tem sido observada não apenas pelos linguistas cognitivos, mas também por filósofos, psicólogos e cognitivistas. Se pretendermos que as nossas explicações não sejam apenas propostas somente formais, expressas numa língua técnica, mas que apelem para a compreensão do mundo, desenvolvida por meio da nossa própria experiência comum, elas terão, obrigatoriamente, de utilizar uma linguagem metafórica.

Ao investigar o discurso científico relativo às Ciências Biológicas, Semino (cf. 2008, p. 167) percebeu a natureza metafórica das teorias, assim como as suas relações com aspectos ideológicos e retóricos. A autora argumenta que a ciência tem defendido um discurso objectivo e claro, mas isso encontra-se relacionado com a convencionalidade e com a estandarização.

A mesma autora apresenta algumas metáforas científicas e filosóficas, como "*Consciência é fama/influência*", "*Átomo é sistema solar em miniatura*", "*Mente é computador*". Cita ainda algumas metáforas relacionadas com o corpo humano, como "*Hemóstase é música/balanço*", "*Coração é bomba/sistema de transporte*", "*Sistema imunológico é guerra/agressão/conflito físico*", etc.

Assim, a hemóstase está associada a metáforas do domínio da "música", por ser a propriedade fisiológica relativa à auto-organização/ritmo/equilíbrio, o coração

está associado a metáforas relativas a “bomba” e o sistema imunológico é descrito através de metáforas relativas a “guerra/agressão/conflito”.

Reisfiels & Wilson (cf. 2004, p. 409) também reconhecem a importância da metáfora no discurso de portadores de cancro. Salientam que a metáfora “*vida é viagem*” tem grande importância no processo de tratamento, pois o cancro é conceptualizado em termos de impedimento na “*estrada da vida*”. O processo de tratamento é descrito através da metáfora *estrada*, pois pode ser irregular, pouco iluminada em alguns percursos, cheia de ramificações, gerando medo e insegurança.

Fleischman (cf. 2001, p. 484) menciona a presença de outras metáforas no domínio da Medicina, nomeadamente as metáforas existentes no domínio da dor; também na comunicação médico/paciente existem metáforas como por exemplo “Medicina é guerra” e “Corpo é uma máquina”, entre outras.

Além dessas metáforas, os autores mencionam as metáforas “*Câncer é drama*”, “*Câncer é dança*”, “*Câncer é maratona*”, “*Câncer é guerra*”, “*Câncer é jogo de xadrez*”, etc., e concluem dizendo que as metáforas facilitam a comunicação e o tratamento. Neste processo, o médico e os profissionais de saúde são guias, oferecem novos caminhos e rotas aos pacientes.

As metáforas “*Câncer é drama*”, “*Câncer é dança*”, “*Câncer é maratona*”, “*Câncer é guerra*”, “*Câncer é jogo de xadrez*” têm como características o facto de serem comparativas e, por isso, são muito próximas de metonímias.

A tese da corporeidade diz que o sistema conceptual emerge a partir da experiência sensório-motor no/com o mundo, o que significa que a aprendizagem está sempre ligada ao corpo (cf. Evans & Green, 2006, p. 176). Por exemplo, quando um

indivíduo diz “Estou quase *alcançando* meus objectivos”, tal enunciado refere-se à metáfora primária “*objectivos são destinos*”.

Para além das metáforas primárias existem as metáforas complexas, que se originam a partir da inter-acção com aquelas. Quando um indivíduo diz “Estou quase *alcançando* meus objectivos, assim *sairei* da empresa e *mudarei o rumo* da minha vida” as expressões em itálico referem-se à metáfora complexa “*Vida é Viagem*”. Esta metáfora pode ser decomposta em metáforas primárias.

Apesar da diversidade, todas estas teorias partilham de algumas criações, como representação, modularidade, algoritmos, condições de verdade, processamento da informação (cf. Garfield & Rissland, 1995, p. 13). Foi a partir destes princípios que a Linguística Cognitiva se instaurou como uma segunda geração de Ciências da Cognição. A Linguística Cognitiva não ignora os avanços da primeira geração, mas apenas ultrapassa os seus limites, pois considera as teorias científicas como modelos constituídos, por vezes, através de metáforas. Não se pode criar uma ciência sem usar uma linguagem metafórica.

Estas análises provam como a Linguística Cognitiva tem sido importante em vários contextos, desde a análise de discursos científicos, à criação de novas teorias, até à aplicação clínica. Por ser uma área recente e inovadora, são poucos os trabalhos que focam o corpo humano, a saúde, a doença e o tratamento, áreas do conhecimento que requerem um estudo aprofundado.

Grande parte das Ciências da saúde entende a metáfora, infelizmente, apenas como uma figura de estilo, e não como uma entidade intrinsecamente conceptual, capaz de criar um mundo de experiência.

4.3. Metáforas em saúde

A utilização da metáfora vem sendo difundida em várias abordagens psicoterapêuticas. Num diálogo comum, torna-se difícil encontrar uma unidade lexical ou expressão para manifestar um sentimento ou uma emoção, e a metáfora auxilia, significativamente, na interacção comunicativa com o paciente, facilitando o médico no processo de recuperação da história clínica e no tratamento.

A metáfora pode ser utilizada como um instrumento no processo terapêutico. O terapeuta não oferece uma significação, pelo contrário, permite que o paciente extraia a sua própria interpretação e revele a sua história.

Na compreensão da metáfora, o paciente tem de explorar a significação dentro de si mesmo e usar as próprias experiências de vida, para dar sentido à sua história. O procedimento terapêutico inclui métodos introspectivos, como um instrumento primário que permite ao paciente começar a confiar em si mesmo, recorrendo à sua própria interpretação das produções linguísticas e das operações metalinguísticas associadas.

A metáfora é analisada tanto consciente como inconscientemente, contudo, o seu principal uso como intervenção terapêutica é o de ajudar o paciente a conectar-se ao inconsciente, um vasto repositório de experiências e aprendizagens que pode ser usado para alcançar as mudanças desejadas.

Para assegurar a eficácia de uma metáfora, devem ser consideradas algumas orientações para a sua construção.

A primeira condição é a de que ela deve ser *isomórfica*: na construção da metáfora, é importante que haja um símbolo que seja equivalente ao problema apresentado pelo paciente. De acordo com Crystal (2008, pp. 256-257),

“O isomorfismo é a propriedade de duas ou mais estruturas, cujos constituintes estão numa correspondência de um-para-um. Por exemplo, uma análise sintáctica e semântica seria isomórfica, se para cada unidade sintáctica correspondesse uma unidade semântica, isto é, sujeito + verbo + objecto: actor + acção + objectivo. Da mesma forma, um isomorfismo estrutural pode ocorrer entre línguas ou dialectos, isto é, no vocabulário (os termos similares na língua X podem ser isomórficos com os da língua Y)”.

A segunda condição relaciona-se com o *campo semântico* a que se refere o conteúdo que será usado na metáfora. Alguns exemplos de campo semântico são: histórias de animais, ficção científica, contos de fadas, um incidente da infância, história de um outro paciente, ou de um amigo e ou de uma criança. As possibilidades de campo semântico são muitas. Ao escolhê-lo dever-se-á retractar o paciente, utilizando a sua idade, interesses e habilidades.

De acordo com o mesmo autor, a teoria do *campo semântico* é uma abordagem que se desenvolveu na década de 1930; considerou que o vocabulário de uma língua não é simplesmente uma lista de itens independentes (como as entradas num dicionário podem sugerir), mas é organizado em áreas ou campos, dentro dos quais as palavras se relacionam e definem entre si, de várias maneiras. As unidades lexicais que denotam cor são, frequentemente, citadas como um exemplo de um campo semântico (cf. Crystal, 2008, p. 429).

Conquista de objectivos: em todas as técnicas terapêuticas a conquista de objectivo é um assunto importante. Muitos pacientes vêem a terapia como um

objectivo específico ou mudança de mente. O terapeuta deve entender o objectivo e construir a metáfora de tal maneira que seja eficaz, para ajudar o paciente na conquista do seu objectivo. A primeira parte da metáfora deve espelhar e acompanhar o paciente no seu mundo e, à medida que se desenvolve, deve conduzi-lo em direcção às suas conquistas.

Acesso a recurso: em alguns casos, esses recursos podem ser específicos como desconstracção, segurança e acessibilidade. No entanto, eles podem também ser mais gerais, como tomar decisões ou possuir capacidade para resolver problemas. É realmente útil incluir um acesso a recurso espontâneo na parte da metáfora, como ter um sonho que ocorre dentro da história. O estado de sonho é considerado como um modelo para o processo inconsciente.

A metáfora, muitas vezes, tem uma função didáctica: é feita para ensinar o paciente a confiar e apoiar-se nos seus próprios recursos, como intuição, conhecimento tácito, integração das partes internas e uso dos aprendizados passados. Além disso, para ganhar acesso a recursos internos, uma metáfora pode, facilmente, ajudar um paciente a utilizar recursos externos, como os de outra pessoa, livros, cursos, etc.

Ponte ao futuro: ela une as aprendizagens espontâneas e os recursos tornados disponíveis através da metáfora, aos estados normais de consciência e, mais específico, ao problema apresentado.

Segundo Kövecses (2002, p. 63), as metáforas motivam não somente o comportamento verbal: a fala e a escrita, mas também o comportamento não-verbal: os gestos, as emoções, os pensamentos, as experiências humanas, em geral. Por exemplo, quando uma pessoa vivencia a metáfora “*Tristeza é força física*”, ela constrói a metáfora em torno de “*Tristeza*” a partir do domínio fonte “*Força Física*”. Assim a pessoa entristecida andarà cabisbaixa, com o corpo encurvado, com a expressão facial

decaída, e terá dificuldades em iniciar ou manter as suas actividades diárias. Essa sensação de peso é vivida não apenas pela pessoa entristecida, mas também pelos interlocutores, que partilham os mesmos modelos culturais de tristeza.

Por outro lado, Lakoff & Johnson (cf. 1999, p. 16) consideram que quando alguém diz “Eu não tenho *forças* para viver”, tal enunciado é apenas a revelação parcial contida na sua expressão, pois a metáfora motiva também outras manifestações comportamentais não-verbais. Isso serve também para ilustrar que a Linguística Cognitiva não é objectivista, nem subjectivista, mas baseada no experiencialismo da mente corporizada.

É vulgar as pessoas queixarem-se: “Eu sou um trouxa”, “Eu estou num poço” e “Eu sou uma escrava”. Usam metáforas positivas para descrever os seus sentimentos, de modo a sentirem-se mais fortalecidos. As metáforas positivas fortalecem o ser humano, pela sua extensão e melhoria da prática da vida. As metáforas negativas não deixam de ser expressivas, mas, por vezes, debilitam e intensificam a dor.

Tendo em conta a temática por nós apresentada, partimos do pressuposto que a metáfora é um fenómeno pelo qual um termo é utilizado através de uma relação de semelhança real ou imaginária; assim, recorrendo ao princípio de que o “corpo humano é máquina”, o “corpo humano é indústria”, o “corpo humano é tecido”, apresentaremos alguns termos que são metáforas em vários sistemas do corpo humano.

4.3.1. Sistema Digestivo

Domínio metafórico: *Máquina transformadora*

Pela sua constituição este sistema é considerado *transformador*. A cavidade bucal, a faringe, o esófago, o estômago, os intestinos delgado e grosso, o recto e o ânus são descritos através de metáforas relativas a *canais*, os alimentos entram pela boca e as matérias fecais saem pelo ânus.

Assim, o sistema digestivo (*canal alimentar*) apresenta cavidades, fendas, canais, saliências, etc., pela sua estrutura dá origem à metáfora de *máquina transformadora*.

Termos	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáforas
ânus	(...) porção terminal do <i>tubo</i> digestivo
boca	(...) <i>fenda</i> limitada pelos lábios
dente	(...) <i>estrutura</i> rígida de minerais
esófago	(...) <i>conduto</i> membranoso que liga a faringe ao estômago
estômago	(...) órgão do <i>tubo</i> digestivo
faringe	(...) é um <i>canal estriado</i>
fígado	(...) contém quatro <i>saliências</i> : esquerda, direita, quadrada e caudada
intestino delgado	(...) é um <i>canal</i> longo e <i>delgado</i>
intestino grosso	(...) é um <i>canal</i> curto e grosso
pâncreas	(...) os <i>ductos</i> colédoco e pancreáticos <i>desembocam</i> no duodeno
vesícula biliar	(...) <i>ducto</i> hepático que <i>drena</i> a vesícula biliar

4.3.2. Sistema urinário

Domínio metafórico: *Indústria*

Este domínio por ser considerado como um sistema *transportador* de remanescentes do meio interno para o externo do corpo humano é metaforizado como termo de *Indústria* como: veículo, fábrica, reservatório, via, armazém, etc.

Termos	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáfora
bexiga	(...) é o <i>reservatório</i> de urina
rim	(...) elabora a urina a partir da filtração do sangue; <i>fábrica</i> de urina
ureter	(...) é a <i>via</i> por onde o <i>fluxo</i> da urina sai dos rins
uretra	(...) constitui o último segmento das <i>vias</i> urinárias

4.3.3. Sistema respiratório

Domínio metafórico: *Ventilador*

O sistema respiratório é metaforizado em termos de *Ventilador*, pelo sistema pneumático da força mecânica em detrimento das diferenças de pressão externa e interna, trabalhando assim, como um aquecedor e humidificador do ar inspirado.

Termos e <i>termo-metáfora</i>	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáforas
brônquio	(...) é uma <i>divisão</i> (sucessiva) da traqueia
<i>cavidade</i> nasal	(...) é dividida em duas partes (direita e esquerda) pelo <i>septo</i> nasal
faringe	(...) o <i>tubo</i> muscular associado ao sistema respiratório e digestivo
laringe	(...) é o órgão onde estão localizadas as <i>cordas</i> vocais, responsáveis pela <i>produção</i> de um grande número de sons.
pulmões	(...) direito e esquerdo são saliências separadas por duas <i>fendas</i> profundas
traqueia	(...) <i>estrutura cilíndroide</i> constituído por <i>anéis</i>

4.3.4. Sistema circulatório

Domínio metafórico: *Máquina*

A função básica do sistema circulatório é a de *transportar* o material nutritivo e o oxigénio às células.

O sistema circulatório, por ser metaforizado em termos de *Máquina*, possui uma *bomba contráctil-impulsora*, *tubos* de diversos comprimentos, diâmetros e espessuras (veias, artérias e vasos).

O coração é idêntico a uma bomba hidráulica, pois bombeia o sangue venoso e arterial, num movimento de contracção e relaxamento como um *sistema eléctrico automático*.

Termos e <i>termos-metáforas</i>	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáforas
<i>aurícula</i>	(...) <i>cavidade</i> situada na parte superior do coração que se assemelha a uma <i>orelha</i> e, por isso, é designada de <i>aurícula</i> .
artérias, Veias, <i>Vasos</i>	(...) <i>vasos</i> condutores do sangue
capilar	(...) <i>tubo</i> que liga a circulação arterial à venosa
coração	(...) funciona como uma <i>bomba contráctil-impulsora</i>
<i>válvula</i>	(...) entre <i>átrios</i> e ventrículos existem <i>orifícios</i> com <i>dispositivos orientadores</i> da corrente sanguínea

4.3.5. Sistema genital feminino

Domínio metafórico: *Fábrica ou Máquina*

O sistema genital feminino por ser metaforizado em termos de *Fábrica* possui *vias condutoras* de gâmetas, *alojamento*, órgãos produtores de óvulos, hormonas e leite. O sistema genital está envolvido na “fabricação de um novo corpo”, pois a mulher possui um alojamento especial, o útero e os ovários considerados a fábrica de óvulos e de hormonas.

Por ser metaforizado em termos de *Máquina*, o sistema genital feminino possui *lubrificante*, *tubo estreito*, *compartimentos*, *anexos*, *mecanismo de implantação*.

Em resumo, o sistema genital feminino é metaforizado em termos de *tubos*, que possibilitam a passagem de substâncias do corpo masculino para o feminino.

Termos e termos-metáforas	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáforas
clítoris	(...) é formado por <i>tecido</i> eretil, capaz de dilatar-se como resultado da irrigação sanguínea
hímen	<i>Membrana de tecido</i> que fecha parcialmente o <i>óstio</i> da vagina nas virgens (...)
lábios (pequenos e grandes)	(...) duas pequenas <i>pregas</i> cutâneas
mama	(...) glândula que se especializa na <i>produção</i> de leite após a gestação. <i>Fábrica</i> de leite (...)
útero	(...) serve de <i>alojamento</i> ao embrião (...). É o órgão que <i>aloja</i> o embrião e no qual este se desenvolve até ao nascimento.
ovário	(...) <i>produz</i> os gâmetas femininos ou óvulos no final da puberdade. <i>Fábrica</i> de óvulos e de hormonas
tuba uterina (trompa)	(...) é uma <i>vias condutora</i> que <i>transporta</i> os óvulos, rompendo a superfície do ovário para a <i>cavidade</i> do útero
vagina	(...) O termo vagina vem do latim e significa <i>bainha; canal do parto</i>

4.3.6. Sistema genital masculino

Domínio metafórico: *Máquina*

O sistema genital masculino metaforizado em termos de *Máquina* é composto por *ductos/canais*, *termostato* e *substâncias activadoras* de espermatozóides, que se interconectam, para alcançar a *cavidade* uterina, *germinar* e crescer.

Termos e <i>termos-metáforas</i>	O enunciado de uma parte da definição terminológica apresenta um ou vários termos-metáforas
canal deferente	(...) <i>ducto deferente</i> conduz os espermatozóides até ao <i>ducto</i> ejaculatório.
epidídimo	Os espermatozóides são <i>armazenados</i> no epidídimo até ao momento da ejaculação.
escroto	(...) um <i>termostato</i> , a produção de espermatozóides depende de uma temperatura ideal.
pénis	(...) constituído por dois <i>corpos cavernosos</i> e um <i>tubo</i> central; é constituído por um <i>tecido</i> especial, <i>cilindróide</i> e erecto, quando é intumescido de sangue.
prepúcio	O prepúcio é uma <i>prega</i> mediana e inferior.
sémen	<i>Componente</i> líquida, como a função de <i>activar</i> os espermatozóides.
testículo	(...) <i>órgão produtor</i> de espermatozóides; a partir da puberdade <i>produz</i> também hormonas, que são responsáveis pelo aparecimento dos caracteres sexuais secundários.

4.4. Metáforas em saúde na Língua Kimbundu

No *corpus* oral em língua Kimbundu, recolhemos vários exemplos de termos que são metáforas que apresentamos no quadro seguinte:

O Termo em Kimbundu	Significado do Termo-metáfora	Equivalente do Termo em Português
divumu	<i>divumu</i> designa mala	abdómen
jindemba	<i>jindemba</i> designa cabelos	artérias, veias, capilares
kixinda	<i>Kixinda</i> designa peito de pomba	bronquite
mutanda	<i>mutanda</i> designa bengala que suporta o corpo humano	coluna vertebral
njinvunji	<i>njinvunji</i> designa barriga d'água	hidropisia
dilonga dya kisuxi	<i>dilonga dya kisuxi</i> designa prato do ombro	omoplata
makulu	<i>makulu</i> designa parasitas	oxiuro
dilonga dya kipumuna	<i>dilonga dya kipumuna</i> designa prato do joelho	rótula

4.5. Metáfora e níveis de especialização

As línguas de especialidade, de um modo geral, apresentam vários níveis de especialização.

No *corpus* bilingue que constituímos, encontrámos metáforas de vários tipos nos diversos níveis de especialização, quer em Português, quer em Kimbundu.

Encontrámos termos-metáforas no nível altamente especializado como por exemplo: *átrio, aurícula, canal, ducto, tubo, válvula, vaso*, entre outros.

Os enunciados definitórios apresentam também termos-metáforas: *bomba, corpo cavernoso, corrente, dispositivo orientador, ducto, prega, tecido, vias condutoras*.

No entanto, encontramos termos metaforizados de um outro nível ou grau de especialização como por exemplo: *alojamento, fábrica, indústria, máquina, reservatório, termostato*. São metáforas de um nível de semi-vulgarização ou vulgarização que têm frequentemente uma função pragmática, facilitando a comunicação entre médico e paciente. Por vezes, podem assumir uma função didáctica entre profissional de saúde e doente.

As metáforas dos termos Kimbundu são de um outro tipo: são termos pré-científicos que pertencem a níveis familiares da língua. No entanto, apresentam metáforas com uma forte base cultural, uma cultura partilhada no seio da cultura Kimbundu.

Podemos concluir que quer em Português, quer em Kimbundu, observamos vários tipos de metáforas terminológicas com uma função cognitiva e que podem ser utilizadas com uma função didáctica, junto de doentes e pacientes ou em situações de ensino-aprendizagem, facilitando a tarefa do professor de língua de especialidade (ou de língua para fins específicos).

CAPÍTULO V

LÍNGUAS DE ESPECIALIDADE E ENSINO DA TERMINOLOGIA

5.1. Princípios teóricos e metodológicos

5.1.1. Língua de especialidade e domínio da saúde: definição

A necessidade de pesquisa terminológica surge por um lado quando é necessário organizar o conhecimento, e, por outro, quando é preciso analisar um conjunto de termos, para conhecer, reconhecer e utilizar conceitos e objectos, em toda e qualquer comunidade linguística.

Assim, entendemos por língua de especialidade (LSP), a língua utilizada num determinado domínio que se caracteriza pela utilização de meios linguísticos específicos (cf. Norma ISO 1087) dos quais se destacam a terminologia.

A nossa opção recaiu sobre o **domínio da saúde** que definimos como um ramo do conhecimento especializado (cf. Norma ISO 1087). É um domínio interdisciplinar onde se interpenetram várias áreas do conhecimento: Medicina, Farmácia, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Educação Física, Psicologia, Serviço Social, entre outras.

Neste domínio da saúde, exercem funções diferentes **tipos de profissionais**: médicos, enfermeiros, e profissionais com conhecimentos na prevenção de doenças, prática assistencial e promoção do bem-estar da população.

A definição do **conceito de saúde** mais difundido encontra-se no preâmbulo da Constituição da Organização Mundial da Saúde: *saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de doenças.*

5.1.2. Terminologia: a disciplina e o seu objecto

A Terminologia, hoje, é considerada uma disciplina autónoma que se baseia em dois alicerces: 1) um objecto próprio: o *conceito* e o *termo*; 2) um *quadro conceptual* bem definido com uma terminologia específica.

A Norma ISO (1087) define *conceito* como:

“unité de connaissance créée par une combinaison unique de caracteres. Note : Les concepts ne sont pas nécessairement liés à des langues particulières. Ils sont cependant soumis à l'influence du contexte socioculturel qui conduit souvent à des catégorisations différentes”.

No plano da língua, o *conceito* é designado por um *termo*:

“**désignation** verbale d'un **concept general** dans un **domaine** spécifique. Note : Un terme peut être constitué de symboles et peut avoir des variantes”, Norma ISO 1087.

As línguas de especialidade e as terminologias que as caracterizam são matérias importantes para a carreira do ensino actual, pois, os termos científicos e técnicos definidos de maneira incorrecta, ou a incoerência no uso dos mesmos, origina problemas didácticos tanto a docentes, como a discentes, como aos profissionais que as utilizam.

No século XX, com o surgimento de escolas clássicas de Viena, de Praga e da Rússia, com características similares, que a Terminologia se desenvolveu de forma expressiva.

Foi Wüster quem desenvolveu a Teoria Geral da Terminologia (TGT). O autor não era linguista, mas sim um engenheiro que teve necessidade de formular uma teoria que possibilitasse uma comunicação eficiente e sem ambiguidade entre profissionais de um mesmo domínio; consequentemente, a sua abordagem defendia a

intervenção na composição das terminologias, a fim de obter uma estandarização (cf. CABRÉ, 2006: 19).

A preocupação com essas questões levou Wüster, fundador da escola de Viena, a criar o Comité 37 da International Organization for Standardization (ISO) com o intuito de regulamentar a prática terminológica (cf. CABRÉ, 2006: 162). A variação do significado, numa óptica linguística, não tem lugar na teoria do mesmo autor, ou seja, na sua abordagem, os termos expressam conceitos, entendidos como unidades de conhecimento únicas e invariáveis.

A ISO destaca a necessidade de harmonizar o conhecimento especializado; o papel da organização não-governamental tem como objectivo facilitar a coordenação e unificação internacional de normas industriais, que regulem e promovam a actividade terminológica. O sistema de estandardização da ISSO parte das necessidades internacionais de harmonização em termos económicos, políticos e sociais a ser implementado em cada país.

Para esta instituição, a Terminologia é definida segundo três acepções:

- (i) «ensemble des désignations à une langue de spécialité;
- (ii) science étudiant la structure, la formation, le développement, l'usage et la gestion des terminologies ; dans différents domaines,
- (iii) terminologie structurée de façon systématique selon des règles de dénomination pré-établies» (ISO/FDIS-1087-1, 2000, p. 10).

Nesta definição dá-se conta das polissemias do termo “terminologia”, ou seja, conjunto de termos de uma determinada área do conhecimento, uma ciência, ou ainda uma terminologia estruturada, segundo princípios utilizados para descrever um domínio de especialidade.

Gouadec recorre à designação de «política terminológica» para se referir à necessidade de harmonizar as práticas ao nível dos diferentes sectores de actividade,

sendo que para ele, a política terminológica: «...est toujours au service d'une politique plus large de communication ou d'une politique technique ou commerciale» (1990, pp. 6-7).

Rondeau (1984, pp. 1-4) refere várias causas de ordem socioeconómica para explicar a explosão da Terminologia:

(1) O avanço das ciências: a necessidade urgente de definir as inovações avançadas das ciências e da tecnologia; com o aumento das disciplinas científicas influenciou, consideravelmente, o desenvolvimento das terminologias. A interdisciplinaridade necessita da regularização terminológica, porque a univocidade dos termos é uma condição essencial para a comunicação entre especialistas de disciplinas diferentes; por outro lado, a micro-especialização tem por objectivo realçar a necessidade de invenção neológica em Terminologia.

(2) O desenvolvimento da tecnologia: com a invenção de máquinas, de produtos e de processos destinados a actividades como a aeronáutica, a exploração de novas formas de energia, a exploração do universo, etc.; até há bem pouco tempo, ignorados pelo homem. Outras já conhecidas por ele como: a física nuclear, a biologia, a inteligência artificial, o tratamento automático de dados, etc., investigações e novas utilizações modernas, que desde a sua percepção, abrem novos trilhos, provocam uma avalanche de conceitos actuais que necessitam ser designados em várias línguas.

(3) O desenvolvimento dos meios de comunicação: contribui para um novo fenómeno linguístico: a vulgarização científica. Como resultado, temos a entrada na língua corrente de um número relevante dessas unidades lexicais especializadas; ou seja, é preciso notar que os conceitos designados pelas unidades lexicais especializadas, isto é, os termos não passam, necessariamente, para o espírito do falante com o rigor com que os especialistas as empregam.

(4) O desenvolvimento das relações políticas internacionais: surgiram organismos políticos internacionais como a ONU, a UNESCO, a OMS e outros, cujo objectivo principal foi estabelecer regras que regulam as relações entre os estados. Estas relações, inicialmente, de ordem política ou militar, alargaram-se a outros domínios como: a cultura, a educação, a agricultura, a saúde, etc. A política desses organismos consiste em manifestar nas diversas línguas, conceitos que não são idênticos em todas as línguas. Surgiu a necessidade de uma uniformização dos conceitos em política internacional, o que favoreceu o surgimento de uma terminologia de interesse comum para esses mesmos estados intervenientes.

Ao longo deste trabalho, utilizámos as três acepções atribuídas à Terminologia, embora as possamos enquadrar num nível teórico ou num nível prático.

No nível teórico, esta investigação tem como objecto de estudo os conceitos, os termos e as metodologias de trabalho; o objectivo último de carácter prático é a elaboração de um produto ou recurso terminológico final que englobe o conjunto dos termos de um domínio científico.

Assim, o *valor cognitivo* está relacionado com os conceitos, que dizem respeito às unidades de conhecimento de uma área e que são alvo de definições.

O valor *linguístico* está relacionado com as formas de representação desses conceitos, isto é, os termos.

O valor *comunicativo* ocupa-se da investigação sobre o uso dos termos e sobre as suas dimensões pragmáticas.

5.1.3. Terminologia, Lexicologia e Lexicografia

A Terminologia e a Lexicologia são duas disciplinas que guardam entre si como factor de aproximação a descrição de unidades lexicais, embora marcadas por uma interpenetração entre subsistemas da língua geral, por transferências semânticas que ocorrem da língua de especialidade para a língua geral e vice-versa.

O conjunto das unidades lexicais de uma língua é composto por dois subconjuntos: o da *língua corrente* e o das *línguas de especialidade*. Ou seja os trabalhos lexicológicos podem tomar como objecto de estudo todas as unidades lexicais da língua geral, mas os trabalhos terminológicos limitam-se ao estudo do termo, forma linguística com características próprias.

A Lexicologia tem por objecto o léxico de um modo geral, enquanto a Terminologia centra-se na unidade lexical especializada e nos conceitos que caracterizam as áreas de conhecimento. As suas bases metodológicas podem ser aplicadas no ensino das línguas materna e estrangeira, na tradução, na elaboração de dicionários especializados, no ensino das disciplinas técnicas e científicas, na documentação, no jornalismo científico, nas ciências sociais, na transferência de saber técnico e científico, na produção industrial e nas políticas linguísticas.

Desmet define a Terminologia como a disciplina

«...qui s'occupe des termes, en les décrivant dans toutes leurs composants linguistiques et extra-linguistiques, en vue de l'élaboration de produits terminologiques diversifiés, en fonction des différents publics, des terminologies et des langues spécialisées (1997, p. 302) ».

Por outro lado, Sager (cf. 1990, p. 3) define a Terminologia através de diferentes aspectos:

- (i) A Terminologia como sistema conceptual e de designações de uma especialidade técnica e científica, ou seja, como um conjunto de

termos técnicos ou científicos, podendo apresentar-se sob a forma de dicionários terminológicos que podem ser monolíngues, bilingues e multilingues; glossários (são listas de termos técnicos de uma especialidade, ordenadas alfabeticamente, providas de definições), que também podem ser monolíngues, bilingues e multilingues e tesouros (que são listas de termos técnicos, de uma especialidade, estruturadas como sistemas abertos de relações conceituais e designações);

(ii) A Terminologia como conjunto de métodos e práticas usadas para recolha, descrição, processamento e apresentação de termos;

(iii) A Terminologia como conjunto de princípios, argumentos e conclusões requeridos para esclarecer os relacionamentos entre conceitos e termos, fundamental para dar coerência à actividade terminológica.

Assim, a Lexicologia tem como objecto as unidades lexicais da língua corrente; por isso, não se confunde com a Terminologia que tem como objecto as unidades lexicais especializadas ou termos relativos a domínios de especialidade. São, hoje, duas disciplinas com quadros conceptuais bem delimitados e terminologias específicas.

A Terminologia é uma ciência linguística multidisciplinar, que encara a língua do ponto de vista sincrónico, ou seja, o que importa ao terminólogo é o significado actual dos termos, o sistema de conceitos e a forma escrita dos mesmos.

A Lexicologia ocupa-se dos problemas teóricos que estão na base do estudo científico do léxico.

Por outro lado, a Lexicografia ocupa-se das teorias e das metodologias de elaboração de dicionários, enquanto a Metalexicografia estuda a descrição da língua feita pelas obras lexicográficas.

Segundo Isquierdo e Oliveira (2001, p. 27), a Terminologia tem como objecto de estudo os termos, as unidades lexicais especializadas das línguas de especialidade, relativos aos conceitos de diferentes áreas de conhecimento.

A Terminologia distingue-se da Lexicologia no modo como encara o seu objecto. Enquanto a Lexicologia é essencialmente descritiva, a Terminologia é descritiva e normativa, pois ambas dão um tratamento diferente à sinonímia, à homonímia e à neologia. Enquanto na Lexicologia a sinonímia é equivalente de enriquecimento da língua, na Terminologia deve ser controlada de modo a manter a clareza das línguas científicas e técnicas.

Se a homonímia é “um mal necessário” (na expressão de Rondeau, op. cit., 62), em Lexicologia, isso não traz problemas à Terminologia, por causa do elo existente entre cada termo e o seu domínio ou rede conceptual. A neologia é, lexicologicamente, um fenómeno espontâneo e natural, que se desenvolve basicamente para responder a necessidades precisas de um domínio de especialidade ao contrário, da Terminologia.

Os métodos da Terminologia e da Lexicologia distinguem-se pelo percurso. A metodologia lexicológica segue um percurso semasiológico, no sentido em que toma como ponto de partida uma forma linguística para explorar os seus valores semânticos; já a metodologia terminológica é de carácter onomasiológico, ou seja, consiste em procurar uma denominação que represente um conceito.

Acontece que, às vezes, o terminólogo é levado a escolher ou a fixar um trabalho de normalização ou mesmo criar uma denominação para um conceito novo. Quanto aos seus métodos de recolha de termos, a Terminologia deve determinar primeiro se o mesmo pertence à área do conhecimento que se pretende estudar, ao contrário da Lexicologia que faz uma análise semântica da unidade lexical. Assim, podemos afirmar que a Terminologia tem como objectivo reunir os resultados da investigação terminológica para os pôr à disposição dos utentes de maneira sistemática, elaborando dicionários terminológicos, diferentes dos da língua corrente.

Uma das características da Terminologia, como ciência, é o rigor que imprime nos seus trabalhos metodológicos, presentes não só em grupos nacionais como internacionais. Para uns, esses trabalhos estão ligados à tradução, como é o caso das comunidades europeias, para outros, servem para a difusão de uma língua e a preservação da sua integridade (como é o nosso caso Angolano), e para outros, esses trabalhos seguem objectivos múltiplos e paralelos.

Esta especificidade de objectivos levou o Comité Técnico nº 37 da ISO a elaborar e adoptar normas internacionais de Terminologia, apoiando-se em critérios rigorosos.

A difusão dos termos diz respeito às formas de apresentação dos produtos aos utentes, seja por meios informatizados ou convencionais: léxicos, glossários, bases de dados de terminologia, dicionários terminológicos, etc..

Conforme os objectivos específicos determinados pela necessidade dos utentes, a metodologia dos trabalhos terminológicos divide-se em duas categorias: a metodologia da terminologia pontual e a metodologia da terminologia temática.

A terminologia pontual tem por finalidade fornecer respostas de qualidade a questões específicas, localizadas no tempo e no espaço ou seja o pesquisador precisa de estar integrado num macro ou micro contexto. Este pode ser um tradutor, um redactor de comunicação de língua técnica, um terminólogo, um professor de língua de especialidade. Para uma terminologia pontual bilingue cumprem-se as seguintes etapas: um macro e microcontexto, consulta a um banco de dados, análise documental e consulta a especialistas, uma equivalência conceptual da língua-alvo, uma equivalência de denominação.

A Terminografia consiste em recolher e organizar os termos e os conceitos de uma mesma área, sob a forma de dicionários, glossários, léxicos, etc. É também tarefa do terminógrafo difundir o seu trabalho entre os utilizadores seleccionados sob a forma de consultores, ordenar e classificar, linguisticamente, o produto da recolha.

A Lexicografia de Especialidade, por sua vez, respeitando os princípios da dicionarística na elaboração do dicionário, apresenta os dados dos léxicos de especialidade em Dicionários Terminológicos.

5.2. Terminologia: teorias e abordagens

Destacamos várias investigações de natureza terminológica dentre as quais: a Teoria Comunicativa da Terminologia – desenvolvida pela professora Maria Teresa Cabré e seu grupo no Instituto de Linguística Aplicada (IULA), em Barcelona; os trabalhos de François Gaudin, em França, representante da Socioterminologia na contemporaneidade, que enfatiza o aspecto social da comunicação especializada e privilegia a variação como parte constitutiva do discurso em que as terminologias estão inseridas; a Terminologia Cultural defendida por Diki-Kidiri: nos seus estudos desenvolvidos com base em línguas africanas demonstra que a percepção cultural dos termos pelos membros de uma comunidade está ligada a factores de ordem histórica e social.

Nesse sentido Gaudin (1993, p. 6) afirma que

“[...] dans le même mouvement qui a conduit de la linguistique structurale à la sociolinguistique, une socioterminologie peut prendre en compte le réel du fonctionnement du langage et restituer toute leur dimension sociale aux 10 pratiques langagières concernées”.

Este autor apresenta críticas à política normalizadora conferida aos estudos da terminologia tradicional; uma das primeiras implicações foi o reconhecimento da variação terminológica e a consequente valorização do enfoque social esquecido pela teoria clássica da Terminologia wusteriana. O autor lembra que a inoperância e o artificialismo do ideal normalizador para a produção terminográfica devem ser

transpostos pelo contexto de produção discursiva em que os léxicos especializados se encontram.

Segundo Gaudin (1993, p. 16), os signos que encontram funcionalidade nas línguas de especialidade apoiam-se em situações sociocomunicativas, itens do léxico especializado que passam por processos de evolução, devendo ser analisados no plano síncronico e diacrónico. O termo encarado dessa maneira perde a característica evidente postulada pela TGT (Teoria Geral da Terminologia formulada por Wuster), passando a ser visto como fenómeno linguístico variável. Sendo assim, as variantes encontradas nas terminologias são resultantes dos diferentes usos que a comunidade de falantes na sua diversidade social, linguística e geográfica faz da língua de especialidade.

Aplicando o princípio da variação em toda a sua dimensão, o termo passa a ser visto como, uma unidade lexical especializada que sofre todas as implicações sistémicas e contextuais próprias a qualquer unidade lexical no evento comunicativo da língua. O autor dedica uma grande parte da sua obra ao tema que ele mesmo designa de “*Pistes pour une socioterminologie*”, propondo as bases do planeamento terminológico por meio de noções resultantes de várias outras áreas do conhecimento como a Sociolinguística, a Sociologia, a Glotopolítica, entre outras (cf. Gaudin, 1993, p. 17).

A TGT é marcada largamente pela aversão às condições sociolinguísticas da comunicação científica e técnica. É consensual que a TGT por privilegiar a univocidade do termo acabou desrespeitando as condições sociais em que as terminologias se inscrevem. Isso impulsionou o crescimento da área que hoje tem trazido resultados promissores para o reconhecimento do léxico de especialidade, nos mais diferentes domínios do conhecimento (cf. Gaudin, 1993, p. 24).

Fenómenos ignorados pela TGT como a banalização ou vulgarização do discurso técnico-científico é amplamente estudado pela Socioterminologia, tendo em vista que a dimensão social da comunicação especializada não pode ser separada do discurso

em que os termos aparecem. O grande mérito de Gaudin foi ter considerado os princípios sociolinguísticos e trazer para o tratamento dos dados terminológicos a possibilidade de descrever e analisar o léxico especializado no seu contexto real de uso. O mesmo autor defende uma terminologia fundamentada na observação do funcionamento da língua e no estudo das condições sociais de circulação dos termos.

O termo é o objecto de estudo da Socioterminologia como ciência terminológica. Para esta teoria os termos devem ser pesquisados numa dimensão pragmática, discursiva e sociolinguística.

Assim, existe uma grande barreira entre a abordagem prescritiva e normativa da TGT que observa as línguas de especialidade sem ter em conta o seu contexto de uso e as correntes mais recentes da Terminologia.

Através da teoria da Socioterminologia, Gaudin (cf. 1993, p. 26) critica as posições das escolas clássicas que esquecem que a variação é um factor universal das línguas e está também presente nas línguas de especialidade. Critica a inoperância dos instrumentos de referência, glossários e dicionários técnicos que não expressam a realidade dos usos terminológicos, propondo que o artificialismo do ideal normalizador seja suplantado pelo exame do contexto de produção dos léxicos especializados.

Gaudin (cf. 1993, p. 180), reportando-se ao objecto de estudo da Socioterminologia, defende uma aproximação discursiva dos termos. Para ele, as unidades terminológicas devem ser observadas na sua condição de produção discursiva, pois é na interacção que se podem observar os sentidos reais que lhes são conferidos. Nesse sentido, os limites da frase devem ser ultrapassados para se compreender os parâmetros e padrões de funcionamento dos termos.

Os termos não podem ser separados do contexto social em que circulam (cf. Gaudin, 1993, p. 122). É no uso da língua que o falante expõe impressões, pontos de vistas e representa a realidade que o cerca.

Consequentemente, o léxico de especialidade é passível de variação assim como o léxico geral de um determinado sistema linguístico. A relação entre o trabalho

e a língua reflecte-se directamente no âmbito das práticas linguísticas e sociais em que os termos se inserem. Afirma o autor que:

“[...] la socioterminologie, pour peu qu’elle veuille dépasser les limites d’une terminologie ‘grafière’, doit replacer la genèse des termes, leur réception, leur acceptation mais aussi les causes de leur échec et les raisons de leur succès, au sein des pratiques langagières et sociales concrètes des hommes qui les emploient. Ces pratiques sont essentiellement celles qui s’exercent dans des sphères d’activité. C’est pourquoi la socioterminologie devait rencontrer les réflexions sur les liens qui se nouent entre travail et langage” (Gaudin, 1993, p. 216).

O autor sustenta ainda que, mesmo sendo duas abordagens distintas, a Socioterminologia comunga dos princípios da Sociolinguística. E afirma que

“O refinamento das especializações, o incremento da interdisciplinaridade e a rapidez da vulgarização provam que os limites entre o vocabulário geral e o especializado tornam-se cada vez menos nítidos” Gaudin (1993, p.218).

É nesse sentido que, para o autor, a Socioterminologia vem pôr em destaque os problemas resultantes da metodologia usada na prática terminográfica.

Para Faulstich (1995, p.20), as variantes terminológicas devem ser sistematizadas nos planos vertical, horizontal e temporal da língua pela Socioterminologia. Para isso é necessário reconhecer, nos domínios da disciplina, uma metodologia que afaste os padrões valorizados pela tradição. Os tipos de variantes terminológicas previstas pela autora (2006) são de ordem linguística e de registro (concorrentes), decorrentes da sinonímia terminológica (coocorrentes) e decorrente também de empréstimos linguísticos (competitivas).

Conforme Mollica (1998), “as línguas naturais acham-se em permanente dinamismo, razão porque estão sujeitas a processos de variação e mudança...”. Em Socioterminologia não é diferente, os termos são passíveis de variação e mudança, pois são constitutivos da língua.

Para Boulanger (cf. 2001), a Terminologia é uma disciplina cognitiva, linguística e social especializada. É uma disciplina cognitiva na medida em que tem por base o conhecimento; uma disciplina linguística na medida em que pressupõe a análise de um conceito e de um termo e uma prática social especializada na medida em que o saber circula em todas as sociedades humanas. Afirma o autor que a Socioterminologia surge justamente para identificar a relação entre língua de especialidade e a sociedade.

No entanto, o termo e a definição, como afirma Rey (cf. 1979, p.42), devem ser considerados na medida em que são duas faces da mesma moeda. Definição e termo estão ligados por um traço comum: designam na sua origem o estabelecimento de um limite, de um fim (definir) e seu resultado (termo). No plano conceptual, para que um nome tenha direito ao estatuto de termo, é necessário que ele possa, enquanto elemento de um conjunto (uma terminologia), ser identificado e delimitado de outro. O único caminho para exprimir esse sistema de distinções recíprocas é a operação dita definição.

Por sua vez, Rey (cf. 1979, p. 42) defende que o termo, a fraseologia e a definição se constituem como objectos de estudo no quadro teórico-metodológico das ciências terminológicas. Esses três objectos projectam de diferentes maneiras os fundamentos do conhecimento especializado. Embora saibamos que o avanço dos estudos terminológicos demonstre uma nova perspectiva do seu objecto, propomos focar apenas o termo e a definição uma vez que a fraseologia exigiria um recorte teórico-metodológico que fugiria aos propósitos da nossa pesquisa.

Para Barros (cf. 2002, p.32), o termo, que pode ser também denominado de unidade terminológica, é uma unidade do léxico com conteúdo específico dentro de um domínio específico. A autora afirma ainda que como signo linguístico das línguas de especialidade, o termo pode ser descrito e analisado em diferentes aspectos, dando sustentação teórica ao trabalho de diversas ciências aplicadas: do ponto de vista do significante e significado; das relações que mantém com outros termos (sinónimo, homónimo, polissemia, etc.); do ponto de vista sociolinguístico (usos, preferências, processo de vulgarização, etc.).

Faulstich (1995, p.20), considerando os postulados metodológicos que sustentam a teoria da variação terminológica propõe uma releitura da definição do objecto de estudo da Socioterminologia: o termo. Para a autora uma unidade terminológica pode ter ou assumir diferentes valores, de acordo com a função que uma dada variável desempenha nos contextos de ocorrência. Nos domínios da disciplina socioterminológica os termos podem ser entendidos como: “... no mesmo movimento que conduziu a linguística estrutural à sociolinguística, uma socioterminologia pode levar em conta o real funcionamento da língua e restituir toda a sua dimensão social às práticas linguageiras concernentes”.

A Socioterminologia, como campo teórico e aplicado, tem início a partir de trabalhos desenvolvidos em França, na década de 1990. Afirma Faulstich (1995, p.20) que Gaudin “ao publicar a sua tese de doutorado – ‘Pour une socioterminologie – des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles’ discute com mais pertinência a propriedade da Terminologia voltada para o social [...]”, reconhecendo que os termos são susceptíveis à variação. Nessa obra, Gaudin apresenta os caminhos teóricos da evolução histórica da Terminologia Moderna fazendo uma revisão crítica dos postulados da Terminologia Tradicional. O falante ao interagir no meio social acaba gerando “conceitos interaccionais para um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito” Faulstich (1995, p.21). A autora apresenta a Socioterminologia como um ramo da Terminologia que se propõe observar o conhecimento dos discursos especializados, científicos e técnicos, auxiliar a

planificação linguística e oferecer princípios sobre a elaboração de recursos terminológicos.

Nas perspectivas tradicionais, termo e definição possuem um valor conferido pela univocidade que caracteriza o léxico especializado. No entanto, sublinharemos muito mais a condição de produção do discurso especializado, pois é nesse contexto social de produção discursiva que o termo e a definição ganham contornos de especialidade, ganhando significação por quem os usa. Além do mais, o termo e a definição, como duas faces da mesma moeda, devem integrar o quadro que constitui o objecto de investigação terminológica.

Um dos princípios básicos da língua é postulado pela própria Sociolinguística é o fenómeno da variação, inerente a toda a manifestação linguística. Assim, a Socioterminologia, considerando os princípios da Sociolinguística, refuta os moldes tradicionais impostos pelos estudos clássicos da Terminologia. Essa nova maneira de estudar o termo tem em conta a variação e a condição de produção das terminologias no contexto sociocultural.

No entanto, hoje, existem outras tendências como a abordagem conceptual da Terminologia.

5.3. Trabalho terminológico e suas etapas

Todo domínio do saber implica um grande número de conceitos e um quadro conceptual definido. As necessidades terminológicas passam a ser sentidas como cruciais e os trabalhos terminológicos surgem para preencher lacunas terminológicas dos léxicos científicos e técnicos, frente às novas realidades da ciência e da técnica.

Segundo Rey (1979, p. 54), existem três tipos de necessidades terminológicas:

- (i) “Necessidade de descrição sistemática dos conjuntos de termos necessários à formação dos discursos sobre um domínio;

- (ii) Necessidade de transmissão e de difusão dos conhecimentos num domínio através de sua terminologia;
- (iii) Necessidade de normas, que se aplicam em geral a todo o uso linguístico, a toda a formação teórica, a toda a prática e a toda a transmissão do saber”.

O trabalho terminológico pode ter os seguintes objectivos:

- 1º Contribuir para uma comunicação mais eficiente dentro e entre os sectores públicos e privados em matéria de ciência e tecnologia;
- 2º Melhorar o processo de ensino-aprendizagem no plano do ensino superior;
- 3º Facilitar a publicação e o aproveitamento dos resultados da investigação científica;
- 4º Contribuir indirectamente para incrementar o intercâmbio de informação científica no âmbito internacional;
- 5º Contribuir para o aperfeiçoamento dos profissionais de um domínio determinado e os demais interessados.

Muitos dos termos técnicos não se encontram nos dicionários de língua corrente nem nos dicionários terminológicos. Quem, em geral, se depara com essa problemática terminológica, nas suas actividades, e que, de um modo ou de outro, tem que utilizar léxicos de especialidade são pessoas e instituições como: académicos, universitários, investigadores, tradutores, administrativos, especialistas de uma área do conhecimento.

Assim, pessoas ligadas às ciências e às instituições convivem, necessariamente, com as línguas de especialidade; por isso, é importante a elaboração de pesquisas terminológicas para colmatar essas dificuldades.

Para elaboração de um trabalho terminológico são preciso princípios metodológicos, exigindo também da parte do terminólogo uma certa familiaridade com a área do conhecimento, tais como:

1ª A escolha do domínio e da língua de trabalho: esta dupla escolha não depende do terminólogo, ela é fixada pelo organismo, em função da necessidade dos utentes.

2ª A delimitação do subdomínio: não se pode desenvolver uma pesquisa sobre um domínio completo; por um lado pela sua complexidade e amplitude que supõe uma determinada área, por outro lado, porque a maior parte dos domínios compreendem não somente uma rede conceptual que lhe é própria, mas também numerosas redes conceptuais conexas. Por isso, impõe-se uma delimitação do domínio para se desenvolver uma pesquisa.

3ª A consulta a especialistas: o papel do especialista, no desenvolver do trabalho, consiste em auxiliar o terminólogo na delimitação do subdomínio e ajudá-lo na selecção dos documentos, na validação dos termos e das definições e no esclarecimento de alguns conceitos do domínio em análise.

4ª A recolha de informações: esta etapa tem por finalidade reunir informações especializadas, lexicográficas e documentais necessárias aos trabalhos.

5ª A organização conceptual do domínio: o sistema conceptual do domínio tem por fim situar e delimitar precisamente o campo conceptual a ser estudado. Para estabelecer a rede conceptual do domínio, o terminólogo terá que consultar classificações diversas como dicionários, glossários, tesauros, etc..

6ª A representação do domínio escolhido: esta etapa decorre normalmente das etapas 2 e 5. Há aqui a necessidade de se pedir ajuda aos especialistas do domínio, não somente para guiar os trabalhos próprios desta etapa, mas também com o fim de se verificar os resultados obtidos na precedente.

7ª O limite da pesquisa terminológica: o limite da extensão quanto ao número aproximado de conceitos é fixado em função dos objectivos que se tem em vista e das disponibilidades de tempo e de meios financeiros. É necessário lembrar que

normalmente o número de termos que existe é superior ao número de conceitos, possibilitando a sinonímia, presente em graus diversos, em todos os domínios.

8ª A recolha e a classificação dos termos: as unidades terminológicas são extraídas e classificadas a partir de um *corpus* de especialidade. Exige do terminólogo um conhecimento sobre o domínio e/ou subdomínio; é também necessário que ele seja capaz de distinguir uma unidade terminológica de uma unidade lexical ou de uma expressão de língua corrente, a fim de evitar termos ou expressões que não são específicas da área.

9ª A elaboração da ficha terminológica: esta etapa diz respeito à composição da ficha terminológica, que consiste num conjunto de informações sobre os termos de um determinado domínio especializado. A ficha terminológica é constituída, tendo em conta a natureza do trabalho; no nosso caso, privilegiámos os seguintes campos: entrada, definição, contexto, categoria gramatical e equivalente; devem ser privilegiados os contextos definitórios e os contextos de substância.

A criação neológica tem a ver com a função do terminólogo, que muitas vezes tem de propor novas designações. A criação de neónimos justifica-se na falta de uma designação para um novo conceito ou nova propriedade de um conceito. Para esta tarefa, o terminólogo precisa ter conhecimentos sólidos em Linguística.

5.4. Novos recursos terminológicos

A generalização do uso das tecnologias da informação e da comunicação levaram a mudanças profundas na organização e na instrumentalização do trabalho terminológico.

Assim, Rousseau (1999, p. 4) apresenta algumas características do novo ambiente de trabalho terminológico:

« La production de la terminologie est largement informatisée à toutes les étapes du travail ; la terminologie devient un travail collectif ; Il est maintenant possible de créer des réseaux informatiques de production et d'échange de données ; le nouvel environnement technologique introduit la possibilité du travail à distance ; l'ordonnancement du travail terminologique peut varier dans le temps ; les bases de données terminologiques font l'objet d'une mise à jour permanente ; le poste de travail du terminologue est désormais constitué para la mise en relations de nombreux outils informatisés».

Até chegar à concepção de um produto terminológico, temos que ultrapassar várias etapas, a informática está presente nas diferentes fases; da constituição do *corpus* à concepção do produto final. Determinado o público-alvo e o objectivo do produto, é necessário estabelecer, de entre a multiplicidade de escolhas possíveis, qual o caminho a seguir. É aqui que a informática assume um papel relevante, permitindo a escolha de opções metodológicas que se vão reflectir em termos da funcionalidade do produto terminológico.

A relação entre o dicionário e os seus utilizadores evolui, devido à pressão resultante da existência, cada vez maior, no que concerne a qualidade, a actualidade e a diversidade de produtos linguísticos informatizados.

Humbley (2002, p.95) refere-se ao facto de esta evolução não consistir apenas numa evolução técnica, mas ser resultante de uma mudança de perspectiva. O autor justifica da seguinte forma :

«... nous adoptons une définition très large de ce qu'est un dictionnaire, mais il nous semble que cet abus de langage apparent est le prix à payer pour l'innovation, car non seulement le dictionnaire de demain ne ressemblera pas à celui d'hier, mais en plus il sera multiforme».

Actualmente, não se pretende dar conta «...d'un état de langue ou d'un domaine de spécialité considéré comme préexistant», mas chegar ao diálogo com os utilizadores para melhor responder às suas necessidades. Desta forma, terminólogos e lexicógrafos verificam quais as melhores soluções informáticas para as novas exigências do utilizador.

Pruvost (2000, p.121) distingue o dicionário informatizado do dicionário electrónico, baseando-se em Gaston Gross. Assim, os dicionários informatizados são «(...) ceux qui représentent la version électronique de dictionnaires papier» ; enquanto que os dicionários electrónicos correspondem «...à un dictionnaire élaboré d'emblée sur un support informatique (...) dès l'origine dans une perspective de traitement automatique, reconnaissance ou générations» (Gross, G., 1996, p.195).

São, pois, necessárias indicações muito precisas para se proceder às descrições da língua, já que, a automatização do tratamento da língua pode ser parcial ou total.

O dicionário em linha é acessível através dos recursos tecnológicos da Internet, os dicionários informatizados destinam-se a facultar as informações correspondentes aos pedidos formulados pelos utilizadores com o máximo de clareza, flexibilidade e eficiência possíveis; estes dicionários prevêm um constante diálogo entre terminólogos, especialistas e informáticos, abrindo caminho para o dicionário interactivo. A constituição de produtos terminológicos pressupõe a descrição da língua de especialidade com o apoio de recursos informáticos de análise linguística.

A dificuldade enfrentada na criação de produtos que contemplem a descrição da língua, advém da necessidade de um conhecimento profundo das estruturas linguísticas da língua em estudo e da sua representação de um ponto de vista formal.

A escassez de produtos, neste âmbito, leva-nos a apresentar uma proposta de *e-Dicionário bilingue Português-Kimbundu em linha* que sirva de auxílio à aprendizagem da língua nacional, Kimbundu, no domínio da Saúde.

5.5. Língua de especialidade, Língua para fins específicos e Terminodidáctica

A aquisição de conhecimentos técnicos, científicos e profissionais, assim como, dos meios linguísticos que permitem a comunicação passam, obrigatoriamente, pelo ensino/aprendizagem das línguas de especialidade. O aluno só atingirá um determinado nível (elementar, independente, competente, avançado, segundo a classificação do Quadro Europeu de Referência para as Línguas) numa língua de especialidade, considerando as competências linguísticas já adquiridas na sua língua materna ou na língua que está em processo de aprendizagem.

Para o desenvolvimento do ensino das línguas de especialidade (designadas de *línguas para fins específicos*, numa perspectiva de didáctica) e respectiva terminologia de um determinado domínio, é necessário uma organização linguística e terminológica, que passa, num primeiro plano, pelo incentivo à utilização de programas de investigação e de produção de instrumentos de divulgação do conhecimento científico e técnico.

Defendemos que, as empresas podem encarar melhor as exigências do mercado e contribuir para o desenvolvimento económico e de forma auxiliar, para a valorização da língua, com terminologias consistentes estabelecidas segundo critérios que se regem pelas metodologias utilizadas em Terminologia que resultam numa organização estruturada e hierarquizada da esfera do conhecimento.

Costa defende que as «...terminologias são um instrumento fundamental de ajuda à preservação de uma língua...” (2005, p. 5), ou seja, na medida em que permite uma melhor difusão e consolidação de uma língua nacional, determina a produção de produtos de divulgação dessas terminologias e das línguas de especialidades.

Ao abordarmos a problemática da identidade linguística e cultural, perante a diversidade linguística existente em Angola, traçamos três caminhos que pretendemos interligar no desenvolvimento desta investigação, como:

- (i) O estudo da constituição e da harmonização de terminologias, estudando os termos, os conceitos e a relação entre eles;
- (ii) A aprendizagem do léxico de especialidade, considerando o seu funcionamento linguístico;
- (iii) A construção de produtos terminológicos e didácticos, com recurso às novas tecnologias que sirvam os interesses dos utilizadores.

O desenvolvimento económico do país passa também por uma política de preservação e valorização das línguas maternas, podendo essa preservação ser feita através do aumento da investigação e do ensino das línguas maternas.

O nosso objectivo é a criação de recursos terminológicos possíveis de serem utilizados com um carácter didáctico, dando assim um contributo para o ensino das nossas línguas angolanas de origem africana.

Neste contexto, recorreremos ao conceito de “Terminodidáctica” que surgiu relacionado com o «...ensino da terminologia, em língua materna ou em língua estrangeira a vários níveis (do sistema escolar, por exemplo) e a diferentes tipos de públicos (em sistemas escolares e não-escolares)» Lino (1991, p. 2).

A Terminodidáctica surge, assim, como uma vertente da Terminologia que se preocupa com o ensino da terminologia em contextos diversos. Para a concepção e para o desenvolvimento de recursos terminológicos que possam ser utilizados em situação de sala de aula, é necessário pensar na vertente informatizada.

A informática é a parte integrante da metodologia em Terminologia, Sager refere:

«...terminology collection and processing is a semiautomatic process, constantly responding to innovations borrowed from information technology, information science and computational linguistics...» (1990, p. 5).

É um recurso de considerável importância, quer para o desenvolvimento da investigação, quer para o ensino das línguas. A este respeito Piri salienta:

« L'apprentissage des langues est aussi facilité par le progrès rapide des technologies de l'information et de la communication (...) et les médias (... favorisent tous le développement des compétences linguistiques» (2002, p. 14).

A Didáctica das *Línguas para fins específicos* remete-nos para o conjunto dos métodos, hipóteses e princípios necessários à aprendizagem das línguas, mais especificamente das línguas de especialidade, na medida em que é considerada

“[...] como a articulação de vários saberes, visando criar condições favoráveis à aprendizagem de determinada matéria; e sendo constituída por um conjunto de técnicas que pré-estabelecerem, ao ensino, princípios e métodos que se destinam a criar condições favoráveis para que o aluno possa de maneira eficaz tirar partido do ensino/aprendizagem [...]” (Lamas, 2000, p. 126).

Desta forma, elaboram-se estratégias que passam pelo recurso aos meios informáticos, que permitem um melhor acesso ao conhecimento especializado, de acordo com as metodologias próprias da ciência terminológica.

Desenvolvemos a nossa investigação, numa perspectiva terminológica, tendo em conta as lacunas existentes em termos de investigação em Terminologia para o

ensino do Kimbundu. Partimos da análise e organização terminológica para propor um produto que possa ser utilizado como um recurso didáctico na aprendizagem de uma língua de especialidade. Para tal, é necessário definir objectivos e direccionar o produto para um público e um contexto pedagógico específico.

Assim, a interactividade entre o profissional de saúde e os conteúdos, possibilitada pela tecnologia digital, proporciona que a aprendizagem possa ser a “qualquer hora” e em “qualquer lugar”, permitindo que os utilizadores acedam a ambientes de aprendizagem virtuais, independentemente da localização geográfica e do fuso horário.

Apontamos alguns objectivos que, do nosso ponto de vista, justificam a elaboração deste *Dicionário* que, posteriormente, poderá ser integrado num *e-curso de Língua de Especialidade*, em *sistema de e-Learning*:

- (i) Elaborar um instrumento de trabalho de consulta sobre termos da língua Kimbundu, ligados às áreas de Anatomia e Fisiologia do corpo humano, para auxiliar o pessoal de saúde no atendimento ao paciente e a outros interessados; mantendo viva a língua Kimbundu;
- (ii) Contribuir para a criação de condições materiais para que trabalhos do género possam ser feitos, tendo como base outras línguas angolanas de origem africana.

A elaboração de recursos de lexicografia de aprendizagem em língua de especialidade deverá ter sempre subjacente, muito em especial, hoje, à luz das teorias da Terminologia Cultural, o facto de o conceito científico ser sensível aos elementos de cultura ou de lexicultura (Galisson, 1987, p.95) da comunidade científica que o utiliza.

5.6. Concepção de e-dicionário de língua de especialidade

Ao propormos o termo “E-dicionário de língua de especialidade”, pretendemos que esta denominação descreva a realidade que queremos apresentar, ou seja, um dicionário inserido num ambiente electrónico acessível que contemple uma variedade de tecnologias e actividades, restringindo-se a uma área de especialidade.

O dicionário, que propomos, espelha as novas tendências de adequação de um dicionário às necessidades do utilizador. Consideramos que é um contributo para a construção, divulgação e valorização do saber especializado no domínio da Saúde, pois, constatamos uma escassez de recursos neste âmbito.

Pretendemos que este dicionário interactivo permita o acesso ao funcionamento linguístico dos termos na área da saúde, constituindo um apoio de carácter, tanto profissional, técnico, como didáctico.

Temos assim, como propósito, contribuir para a aquisição de competências linguísticas e comunicativas por parte do utilizador, que se apropria das estruturas da língua nacional, tornando-o consciente da necessidade do conhecimento da mesma. Este dicionário é um recurso término didáctico, na medida em que é um instrumento de trabalho terminológico ao qual se pode recorrer na aprendizagem de uma língua nacional, facilitando, assim, a gestão da sua aprendizagem.

O principal objectivo é disponibilizar, ao utilizador, um produto de qualidade científica, tendo por base metodologias inovadoras que permitam o acesso à informação de forma interactiva. Neste sentido é relevante considerar:

- (i) Os destinatários, na medida em que deve ser pré-definido o perfil do público-alvo a quem se destina o produto;
- (ii) A finalidade, estabelecendo que o dicionário pretende ser um contributo para o ensino do Kimbundu, uma língua nacional.

(iii) Estas premissas são determinantes para a construção de um modelo, cuja componente interactiva depende da informação disponível e da forma como esta se encontra organizada.

Segundo alguns autores, como Hernandez (1989, p. 32) “no momento em que o usuário utiliza o dicionário para ver como se escreve uma palavra, qual é o seu significado, quais seus usos dentro de uma construção qualquer, etc.” tem informação sobre como deve utilizar uma unidade lexical em discurso.

Assim, Vilela (1996, p. 50) reconhece os aspectos culturais do dicionário quando afirma que: “o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou electrónico, arquivando esse saber, que pode ser consultado por pessoas e máquinas”.

Por outro lado, Pontes (1992, p.30) esclarece que “... na escola, os dicionários devem ser lidos e não apenas consultados para daí se localizarem respostas”. Ou seja, o dicionário deve ser concebido como um texto em que a mensagem é produzida numa só direcção: do autor para o utente, tendo um carácter metalinguístico formado por dois níveis, um enunciado definicional e a metalíngua da unidade lexical.

Segundo Galisson e Coste (1983, p.442), a elaboração de um dicionário deve responder ao processo de autoaprendizagem da própria língua, por parte do aluno.

Pretendemos efectuar um recurso indispensável para a verdadeira motivação na aprendizagem das duas línguas (Kimbundu e Português) e suas respectivas culturas, facilitando directa ou indirectamente a sua aprendizagem. Este dicionário terá uma

missão didáctico-pedagógica, facilitando a comunicação, ou seja, deverá ser um instrumento didáctico que ajude à produção de vários tipos de textos.

5.7. Público visado e motivações de aprendizagem

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem de uma língua de especialidade depende do perfil dos utilizadores e dos seus objectivos de aprendizagem, é indispensável definir o público a quem se dirige este dicionário.

Destina-se a um público adulto que pode ou não frequentar o ensino superior, a estudantes de medicina, funcionários das Organizações Não Governamentais (ONG), enfermeiros e médicos nacionais e estrangeiros, que em contacto mais profundo com a população angolana, possa melhorar o diagnóstico, a medicação e o tratamento de várias doenças. Poderá ser útil também a tradutores, redactores, entre outros. O público visado, apesar de possuir motivações diferentes, nomeadamente profissionais, académicas ou pessoais, têm em comum a necessidade de compreender e/ou expressar-se em língua nacional.

Os lexicógrafos partem das necessidades de um público-alvo, isto é, de um grupo concreto de utentes que condiciona a escolha da macroestrutura (organização e caracterização geral do dicionário) e a microestrutura (organização do artigo lexicográfico). Nesta óptica, conforme os utentes, temos diversos grupos de interessados como: conhecedores da língua materna (nativos bilingues), os que estão na fase de aprendizagem da língua materna, os que aprendem a língua estrangeira e os locutores especializados em determinada área.

Com a actualização permanente do conhecimento, exige-se a determinação dos utilizadores de dicionário, facilitando, em certa medida, a feitura dos mesmos, reconhecendo a importância dos dicionários terminológicos de aprendizagem.

No quadro seguinte, apresentamos os dicionários de acordo com os utilizadores e as suas funções específicas. Os *gerais* servem muito mais para a leitura e interpretação de textos, os *escolares* para o uso na aprendizagem escolar, os *especiais* servem para descodificar e contrastar duas línguas diferentes e os *especializados* ou de *especialidade ou terminológicos* destinam-se a especialistas, profissionais de várias áreas do conhecimento.

Tipos	Utilizadores	Funções	Exemplos
Gerais	Locutores em geral	Generalidade: leitura	Dicionário geral
Escolares	Crianças e alunos	Escolares: aprendizagem	Dicionário infantil Dicionário escolar
Especiais	Grupos especiais	Descodificação e contraste	Dicionário bilingue
Especializados	Especialistas de uma área científica	Profissões e profissionalizante	Dicionário de especialidade ou terminológico

(Quadro adaptado-cf. Pontes, 2000:31)

5.8. Competências em língua de especialidade

A aprendizagem de uma língua e o seu uso dependem das competências adquiridas nomeadamente ao nível fonético, semântico, lexical, morfossintático e pragmático. Assim, as estratégias de aprendizagem devem ser incrementadas no sentido de desenvolver estas competências, tendo em conta o perfil e os objectivos de aprendizagem. A aprendizagem de uma língua de especialidade é um processo

consciente de aprendizagem das estruturas da língua e das suas especificidades linguísticas.

Num contexto de aprendizagem de uma língua de imersão, como é o caso de médicos estrangeiros a viverem em Angola, a aprendizagem de conhecimentos linguísticos, culturais, sociais, profissionais e académicos em que os médicos estão inseridos, muitas vezes poderão recorrer a uma aprendizagem mais flexível de forma simultaneamente autónoma e interactiva.

Ao propormos um dicionário interactivo de Terminologia que seja uma ferramenta para o ensino das línguas de especialidade, temos de avaliar, em primeiro lugar, quais as competências que os utilizadores podem e/ou devem atingir ao utilizar este recurso. Das competências comunicativas, destacamos as que se enquadram, nesta fase, na nossa proposta de aprendizagem. Pretendemos criar estratégias de aprendizagem para a aquisição e/ou consolidação de competências linguísticas.

Destas competências destacamos a competência lexical, ou seja,

«...a capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreender elementos lexicais e gramaticais» Trim (2001, pp. 156-159).

A competência lexical consiste na capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua e compreender, remetendo para o «...conhecimento dos recursos gramaticais da língua e a capacidade para os utilizar»; e a competência semântica remete para a «...consciência e controlo que o aprendente possui sobre a organização do significado». As competências desenvolvidas inscrevem-se nos vários tipos de situações de comunicação especializada, no âmbito do domínio profissional e educativo.

No dicionário que queremos elaborar, incidimos na importância da aquisição da competência lexical de especialidade. O utente ou o aluno interessado terá acesso aos

termos em contexto de especialidade. Para a comunicação profissional surgem diferentes objectivos, desde a aprendizagem dos termos em contexto, até ao discurso especializado entre especialistas. Estes objectivos vão de encontro às necessidades que o profissional de saúde leva à aprendizagem de uma língua de especialidade, sendo considerada a necessidade de comunicar com os seus pacientes, colegas e com outras pessoas numa língua nacional.

Para descrever as competências linguísticas ligadas a uma actividade, considera-se o percurso intelectual, a relação com os outros, a relação tempo-espço e o conhecimento enciclopédico. Estes critérios vão determinar as capacidades dos utilizadores para a aquisição de competências que permitam, posteriormente, o uso correto da língua de especialidade (Kimbundu). Têm como objectivo que o profissional/utilizador deste dicionário se aproprie da Terminologia do domínio da saúde e a possa aplicar correctamente. Para usar os termos no âmbito do estudo de uma língua de especialidade, o utilizador deve conhecer os mecanismos linguísticos, em Kimbundu, que permitem dar conta dessa área de especialidade de saúde.

Os recursos terminológicos permitem a divulgação do conhecimento especializado, em língua Kimbundu, dando possibilidade para melhorar a qualidade e a precisão da comunicação dos diferentes utilizadores, sejam eles profissionais de saúde, sejam aqueles que utilizam as línguas nacionais noutros contextos profissionais, nomeadamente, os tradutores, os redactores, os professores de Kimbundu e os estudantes.

CAPÍTULO VI

PRINCÍPIOS TEÓRICOS EM LEXICOGRAFIA BILINGUE

6.1. Lexicografia Bilingue

A Lexicografia é a disciplina que tem como objecto as teorias e as metodologias sobre a elaboração de dicionários monolíngues, bilingues ou plurilíngues.

O mundo globalizado dos nossos dias e o mercado de trabalho, exigem pessoas competentes com uma pluralidade de conhecimentos e domínio de uma qualidade e quantidade cada vez maior de informações relevantes e a adequação de comportamentos a situações diversas; assim o profissional precisa de falar vários idiomas diferentes, ser capaz de participar em diferentes projectos para se inserir nesta globalização cada vez mais exigente.

6.2. Breve história dos dicionários

Segundo Haral Weinrith (1979: 361), em relação à história dos dicionários, afirma que os primeiros dos mais antigos dicionários são os glossários, índices e concordâncias, elaborados com a finalidade de, por meio deles, compreender os textos latinos. O aparecimento da imprensa, no séc. XV, promoveu a difusão e o uso dos dicionários. Com o aumento das apostilas manuscritas, nasceu a necessidade dos frades começarem a organizá-las de forma alfabética, para facilitar a sua localização e consulta; daí surgiu a necessidade do primeiro dicionário de língua latina, que surgiu no final da Idade Média.

Na Mesopotâmia, a.C. em 2.600, os “embriões” de glossários eram feitos de tabletas escritas, com informações que reportavam signos, nomes de profissões, divindades e objectos usuais, funcionando como dicionários unilíngues e/ou plurilíngues.

No séc. I da nossa era, criou-se o *léxicon* com a finalidade de catalogar o uso das palavras da língua grega. Os gregos e os romanos já usavam “embriões” de dicionários para esclarecerem as suas dúvidas, unidades lexicais e conceitos; mas, nessa época, os dicionários não eram alfabéticos.

Hoje, existem vários dicionários com diversos objectivos e funções específicas de descrição de língua, mas citaremos os mais comuns:

- Os dicionários gerais de língua corrente, com várias concepções (polissémica, homonímica, enciclopédica) com um número variável de entradas (entre 50.000 e 80.000), apresentando definições lexicográficas com um número significativo de polissemias, locuções e expressões familiares;
- Os dicionários de sinónimos e antónimos definem o significado das unidades lexicais por equivalências ou afinidades e por significados opostos;
- Os dicionários etimológicos fornecem informações sobre a origem de cada unidade lexical, por meio da sua formação e evolução;
- Os dicionários analógicos que são os que reúnem as unidades lexicais por campos semânticos ou por analogia com os conceitos que eles veiculam, normalmente dispensam a ordem alfabética;
- Os dicionários terminológicos organizam léxicos específicos de determinada ciência ou arte; enquadram-se neles os dicionários de Saúde, de Medicina, de Comunicação, de Astrologia e outros;
- Os dicionários de abreviaturas que fornecem informações úteis, facilitando a comunicação no uso das abreviaturas e das siglas;
- Os dicionários bilingues que têm a missão de explicarem o significado das unidades lexicais de uma língua estrangeira e a sua equivalência com as unidades lexicais da língua materna ou ainda da língua oficial, conforme o caso.

6.3. Dicionário: definição

O termo dicionário designa, em geral, uma colecção alfabetizada das unidades lexicais de uma língua ou de qualquer ramo do saber, com a respectiva significação ou

equivalência para outra língua e ainda, por vezes, com certas características fonéticas, morfológicas, sintácticas e semânticas.

O dicionário é “um objecto cultural” que descreve uma parte do léxico, componente da língua que constitui uma parte significativa da “memória cultural” (Cf. Rey, A., 2008, p. 120). É uma selecção limitada relativamente à riqueza do léxico de uma língua, factor de identidade cultural de um povo. Neste âmbito, o dicionário tem como função contribuir para preservar e descrever a língua, permitindo, simultaneamente, o seu desenvolvimento.

A finalidade de um dicionário é expressa em Jacob Grimm, op cit por Harald Weinrith (1979: 318), nos termos seguintes: “ Deve constituir um santuário da língua; conservar na íntegra o seu tesouro e ser acessível a todos”.

No entanto, assistimos, hoje, a uma reconceptualização do conceito dicionário que designa não apenas um produto em suporte de papel, mas diz respeito geralmente a produtos electrónicos ou telemáticos. Todos os dicionários, para além de indicarem as significações das unidades lexicais neles contidos, devem indicar a sua categoria gramatical e informações de carácter funcional.

Um dos aspectos a ter em conta nos dicionários é a gramática, isto é, as características sintáctico-semânticas das unidades lexicais. Assim, entre a gramática e o dicionário existe uma fronteira aberta. Em muitos dicionários, encontramos indicações sobre a categoria gramatical, e, por vezes, insuficientes quando comparadas ao conjunto de regras de algumas línguas, em especial com as línguas bantu.

O termo dicionário adquire novas significações, tornando-se, por isso, um termo polissémico. A Lexicografia, hoje, não é apenas a “arte” de elaborar dicionários,

mas constitui simultaneamente, uma ciência e uma tecnologia de preparação dicionarística.

O termo dicionarística, criado por Bernard Quemada (1990, p.229), veio colmatar uma carência nocional e denominativa; surgiu no momento em que a Lexicografia deixou de envolver a redacção de dicionários, tendo em conta as exigências do editor e do público a quem se destina o dicionário.

6.4. Tipos de dicionários

Em Lexicografia, se observarmos a tipologia de obras lexicográficas, podemos catalogar uma lista bastante significativa, cuja classificação em tipos e subtipos dependerá da abordagem adoptada pelo lexicógrafo.

Quem produz um dicionário pode ser um lexicógrafo, um dicionarista, um linguista, onde o dicionarista é o profissional que executa um projecto concebido pelo lexicógrafo. Este não é apenas um técnico, mas possui uma formação teórica em Lexicologia e Lexicografia. Existem porém, editoras ou institutos de investigação que têm equipas de especialistas, mesmo não sendo lexicógrafos na elaboração de projectos internos ligados a dicionarística.

Para a elaboração de um dicionário, seja de que tipo for e para que o produto seja apresentado ao público, o lexicógrafo deve estar munido de conhecimentos lexicológicos e metalexicográficos; tem que definir com rigor a macro e a micro estrutura da obra, a concepção polissémica ou homonímica da entrada, apresentação de sinónimos ou de variantes, de contextos, além de outros dados linguísticos.

Segundo a proposta de B. Quemada e R. L. Wagner, (1967: 120) os dicionários classificam-se em três tipos:

- (i) Os dicionários bilingues e dicionários monolingues caracterizam-se do seguinte modo: os primeiros comportam duas línguas, enquanto os segundos, uma língua. Os primeiros dicionários foram bilingues, cujo uso parece remontar no tempo, à época em que o latim se tornou uma língua estrangeira para os leigos. A necessidade de colocar os textos religiosos ao alcance dos fiéis levou à compilação de “glossários, constituídos de listas de palavras latinas com a tradução correspondente ou uma explicação na língua “vulgar”;
- (ii) Os dicionários extensivos e dicionários selectivos são os que apresentam duas tendências opostas quanto à amplitude do material lexicográfico. Os primeiros, os dicionários extensivos, tendem a estender o campo de pesquisa, com maior número de verbetes/entradas, transformando os dicionários em verdadeiros “catálogos gerais” das unidades lexicais da língua. Os segundos, os dicionários selectivos, seleccionam os dados segundo critérios sociais, técnicos, históricos, etc., dando aos dicionários das diferentes técnicas ou actividades humanas, desde a marinharia e a jurisprudência até à caça, à pesca, ou às palavras cruzadas. É neste tipo de dicionários em que se enquadram o dicionário técnico ou terminológico, tanto monolingue como bilingue quanto multilingue;
- (iii) Os “dicionários de palavras” e “dicionários de coisas” são dicionários que se distinguem pela sua orientação no tratamento do objecto. Nos “dicionários de palavras” analisa-se a língua a partir do seu léxico, apresentando um conjunto de signos linguísticos e informando sobre a origem, as características formais, a pronúncia, as construções admitidas, os níveis sociolinguísticos peculiares da entrada lexicográfica.

6.5. Dicionário monolingue

É uma criação do século XVII; é neste século que surge o dicionário das Academias. A primeira edição deste tipo de dicionário foi publicada pela Academia della Crusca, de Florença, em 1612, com o objectivo de reduzir os múltiplos dialectos da Itália a um determinado padrão linguístico, isto é, à língua clássica dos três grandes autores florentinos: Dante, Petrarca e Boccaccio.

Em 1694, é publicado o dicionário da Académie Française, tendo como finalidade fixar uma língua de cultura num estado clássico, determinar quais as unidades lexicais que deviam ou não figurar nesse dicionário; cabia aos académicos, uma vez por semana, reunirem-se para discutir a correcta significação e do correcto uso das unidades lexicais.

Em 1789, surge o Dicionário da Língua Portuguesa, da autoria de Moraes Silva, editado em Lisboa. É o primeiro dicionário “moderno” monolingue, na história da Lexicografia Portuguesa.

O dicionário monolingue é aquele que dá explicações sobre as unidades lexicais de uma mesma língua. É considerado como o campo central da arte, da ciência e da tecnologia dos dicionários. Este dicionário descreve o signo linguístico, seleccionado como entrada/vedeta de uma língua. Temos como exemplo: o “Dicionário da Língua Portuguesa”, Porto Editora, e o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Os dicionários também podem ser: analógicos (conceptuais), dicionários gerais da língua (linguísticos), dicionários de sinónimos e antónimos, dicionários etimológicos, dicionários de provérbios, dicionários electrónicos, dicionários de siglas e abreviaturas, dicionários de verbos, e outros.

Os utentes consultam estes dicionários para encontrar o significado de uma unidade lexical ou garantir a exactidão sobre essa unidade quer do ponto de vista gráfico, semântico ou morfológico, ou relativamente a um determinado uso.

Nesses dicionários, as entradas são organizadas por ordem alfabética, incluindo a etimologia, uma descrição fonética, uma indicação da categoria gramatical, a indicação das polissemias, as especificidades morfológicas ou sintácticas e exemplos que ilustram o uso. Portanto, são instrumentos específicos para o bom emprego da língua, destinados a todas as classes sociais.

6.6. Dicionário Bilingue

Ao contrário do dicionário monolingue, a definição lexicográfica do dicionário bilingue é uma equação entre a língua de partida e a língua de chegada; procura-se uma equivalência de significações entre duas línguas. O dicionário bilingue tem um papel fundamental, quer no ensino, quer na tradução de línguas, permitindo, desta forma, a comparação de dois sistemas linguísticos.

Assim, chama-se língua A à língua de partida e B à língua de chegada.

Hans Peter Kromam (1991, p.272) diz que o verdadeiro objectivo do dicionário bilingue é

“ajudar o utente que deve fazer uma tradução da sua língua materna para uma língua estrangeira, ou duma língua estrangeira para a própria língua materna”.

A tradução que o utente faz da sua língua materna para uma língua estrangeira ou vice-versa processa-se pela indicação de um equivalente, considerado por alguns

autores como uma espécie de sinónimo da vedeta ou termo da língua de partida. Na sequência de uma equivalência total ou equivalência parcial, a tradução deve ser feita através de uma definição para explicar a significação do termo. Para tal é necessário que o autor desse tipo de dicionário domine a língua de chegada.

No dicionário bilingue está presente toda uma série de informações referentes à categoria gramatical, à pronúncia, à semântica, de cada signo linguístico. Este conjunto de informações torna-se indispensável ao processo de ensino e aprendizagem e de tradução de uma língua estrangeira. O dicionário bilingue é considerado um produto particularmente importante em situação de bilinguismo, facilitando a tradução de línguas em contacto.

Carla Marello (1996, p.37) define dicionário bilingue nos termos seguintes:

”Le dictionnaire bilingue est un dictionnaire dans lequel des expressions dans une langue (dite langue source ou de départ) sont traduites dans une autre (dite langue cible ou langue d’arrivée)”.

A este respeito, Hartmann (1979, p. 181) afirma o seguinte:

”O autor de um dicionário bilingue deve dispor não apenas de uma competência superficial da língua estrangeira, mas de conhecimentos profundos para poder reproduzir as relações cruzadas que apareçam” [...] “é necessário um mínimo de bilinguismo e precisamente uma competência culta bilingue para o vai-e-vem da praxis de tradução”.

No que diz respeito ao papel do dicionário bilingue, Catherine Carras (1991-1992: 50) sublinha o seguinte:

“La fonction du dictionnaire bilingue est beaucoup plus vaste, et ne se limite heureusement pas au contexte scolaire. Si ce type d’ouvrage peut effectivement aider à traduire, de façon plus générale, il est un outil d’aide à la compréhension et à l’expression; ...”.

Tendo em conta os parâmetros da **macroestrutura** e **microestrutura**, os **dicionários bilingues** apresentam a seguinte tipologia:

(i) Os *Dicionários Bilingues Gerais* são essencialmente destinados ao público em geral e ao uso escolar.

Estes dicionários registam o léxico geral de uma língua, contêm alguns termos científicos e técnicos vulgarizados de diferentes domínios. Este tipo de dicionários têm uma função didáctica; o público que os usa tem necessidades práticas de comunicação. Estes dicionários contêm indicações sobre a pronúncia da entrada, a categoria gramatical, o equivalente na língua de chegada e uma definição dada na língua de partida;

(ii) Os *Dicionários Bilingues de Bolso* são destinados, sobretudo, aos viajantes. O volume reduzido de entradas nestes dicionários permite uma utilização e uma consulta fácil. A sua apresentação é geralmente clara, sendo os artigos lexicográficos curtos, para facilitar a rapidez na pesquisa da informação;

(iii) Os *Dicionários Bilingues Especializados* são os que se limitam a um dado domínio de conhecimento. Sobre a caracterização deste tipo de dicionário, Marengo (1996: 39), diz o seguinte:

“Par rapport à la macrostructure d’un dictionnaire générale la macrostructure de spécialisé est beaucoup plus réduite, mais elle

contient des termes que les dictionnaires généraux n'ont pas. Les adresses sont plus souvent des syntagmes, et sont la plupart du temps des noms. Il n'y a en général pas d'entrées homonymiques”.

Neste tipo de dicionários, afirma Carras (1991-92: 51), as informações gramaticais são poucas ou nulas, dando a prioridade aos equivalentes noutras línguas; o termo-vedeta contém informações primordiais, no quadro de uma língua de especialidade.

6.7. Macro e micro-estrutura do dicionário

A organização do dicionário obedece a orientações teóricas e metodológicas sobre a macro e a microestrutura.

A macroestrutura é a organização geral do dicionário, o conjunto das entradas ou vedetas que o mesmo apresenta descritas na definição lexicográfica. A macroestrutura do dicionário proposto tem uma **organização conceptual** por subdomínios, nos quais são organizados os conceitos e os respectivos termos; o conjunto de entradas lexicais, em Português, com as respectivas definições, está organizado alfabeticamente, no interior da organização conceptual.

A microestrutura é a organização dos dados lexicográficos ou terminológicos referentes às formas tratadas ou contidas num artigo lexicográfico. A microestrutura tem uma organização mais complexa no dicionário bilingue que no do dicionário monolingue. Mediante o objectivo científico-didáctico do nosso trabalho, o artigo do dicionário será organizado com o propósito de fornecer informações conceptuais e linguísticas relativas à uma unidade terminológica, isto é, a vedeta.

6.8. Lexicografia Bilingue no Contexto Angolano

A nossa investigação tem como objectivo a elaboração de um dicionário bilingue Português-Kimbundu. Não somos os primeiros nesta actividade lexicográfica bilingue, na África bantófona.

Durante o período colonial, e tendo em conta o papel das línguas Africanas, em alguns sectores da sociedade, foram desenvolvidos alguns trabalhos bilingues e multilingues no âmbito da Lexicografia do Português, que, de certo modo, nos despertaram o interesse em estudos lexicográficos.

Sobre estas obras lexicográficas, sublinhe-se que todos os trabalhos foram elaborados por missionários europeus, com o intuito de se servirem das línguas Africanas para a cristianização dos povos autóctones de Angola.

Em Angola, registaram-se as seguintes produções lexicográficas, algumas já citadas, em outros trabalhos, por vários autores:

- (i) Pe. BONNEFOUX, B. M. (1941), *“Dicionário Olunyaneka-Português”*.
- (ii) ALVES, A. (1951), *“Dicionário Etimológico Bundo-Português”*.
- (iii) MAIA, Pe. António da Silva (1961), *“Dicionário Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Norte de Angola)”*.
- (iv) ALVES, A. (1994), *“Dicionário Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Norte de Angola)”*, 2ª edição, Cooperação Portuguesa.

O Pe. José Artur Alves, ao prefaciar o *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo* (línguas nativas do centro e norte de Angola), reconhece o valor das línguas autóctones, tendo escrito:

“(...) Até vem acudir a uma necessidade para que dentro de pouco tempo sejam desenvolvidas as duas culturas em simultâneo, a europeia e a Africana, evitando assim que o aborígene se envergonhe de falar as línguas nativas tão ricas de máximas e contos populares”.

No que diz respeito à importância do ensino das línguas bantu, o Pe José Artur Alves afirma que

“ o quimbundo e o quicongo são veículos excelentes para os respectivos povos aprenderem o português através desta apreciada obra, o Dicionário Complementar agora publicado. Logo, os que se aplicam a ele, já por uma questão de noutro, têm direito ao mais alto louvor”.

O mesmo missionário faz votos à rápida difusão do novo Dicionário que, sem dúvida, contribuiria para tornar a Língua Portuguesa mais conhecida e divulgada entre os povos que tinham de a aprender. Estas obras lexicográficas bilingues tinham também como função, por um lado, permitir a difusão da Língua Portuguesa, e, por outro lado, adoptar as línguas Africanas como veículos de difusão do cristianismo.

Em cada uma destas línguas bantu há neologismos de origem Portuguesa, patentes nas respectivas obras lexicográficas bilingues.

(v) MAIA, Pe. António da Silva (1964), *“Dicionário Rudimentar Português-Kimbundu (Língua nativa falada mais ou menos de Luanda a Malanje)”*, 1ª ed., Editorial Missões-Cacujães.

(vi) SILVA, António da (1966), *“Dicionário Português-Nhaneca”*, Instituto de Investigação Científica de Angola, Lisboa.

(vii) Padres Grégoire le Guennec e José Francisco Valente (1972), *“Dicionário Português-Umbundu”*, Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda.

Mais, recentemente, surgiram as publicações lexicográficas seguintes:

(viii) DANIEL, Henriques (2000) *“Dicionário Umbundu-Português”*, NAHO, Europress; nota: o autor é um falante nativo da Língua Umbundu.

(ix) YAMBO, Francisco Xavier (2003) *“Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu”*, Editorial Nzila; nota: o autor é um antropólogo e estudioso das Línguas Nacionais de Angola.

(x) DANIEL, Henriques Etaungo (2010), *“Dicionário Português-Umbundu”*, Mayamba editora, Luanda.

Outros trabalhos lexicológicos e lexicográficos realizados, recentemente:

CHICUNA, Alexandre (2003), *“Léxico Português-Kyombe do Corpo Humano”*.

COSTA, Teresa (2015), *“Umbundismos no Português de Angola. Proposta de um Dicionário de Umbundismos”*.

MUDIAMBO, Quibongue (2013), *“Da Lexicologia e Lexicografia de Aprendizagem ao Ensino da Língua Portuguesa”*.

Outros trabalhos estão a ser elaborados em áreas científicas idênticas.

Assim, a Dicionarística tem por objectivo a elaboração precisa de dicionários, respeitando o público-alvo, o nº de volumes, de entradas e de páginas.

Um dicionário pode ter uma compilação de unidades lexicais dispostas por ordem conceptual ou por ordem temática, ordem alfabética, apresentando as respectivas definições.

CAPÍTULO VII

E-DICIONÁRIO BILINGUE PORTUGUÊS-KIMBUNDU EM SAÚDE

7.1. Elaboração de um E-Dicionário Bilingue Português-Kimbundu em saúde

O nosso trabalho consiste na elaboração de um dicionário bilingue Português-Kimbundu, em saúde, para facilitar a falta de comunicação registada nos profissionais de saúde com os pacientes que acorrem aos serviços médicos e de saúde, em geral.

Por outro lado, este dicionário destina-se ao ensino-aprendizagem de uma língua de especialidade autóctone para os não falantes; destina-se também à utilização por profissionais de saúde, servindo como um instrumento de comunicação no exercício da sua função com não locutores de Português; servirá de fonte de dados culturais referentes ao léxico das duas línguas e também para todos os interessados na matéria.

7.2. Constituição do *corpus*

O *corpus* é um conjunto finito de enunciados tomados como objecto de análise, afirma Galisson e Coste (1976: 131-132). Ainda, segundo o mesmo autor, o *corpus* é também definido, como

“um conjunto finito de enunciados considerados característicos do tipo de língua a estudar, reunidos para servir de base à descrição e à elaboração de um modelo explicativo dessa língua”.

Jean-Pierre Cuq (1990: 57) define *corpus* como:

“un ensemble de données collectées par enregistrement, par observation directe, par questionnaire, ou entretien, et réunies pour décrire et analyser un phénomène. On parle de corpus pour designer la nature de la compétence linguistique unilingue, bilingue diglotte actifs ou passifs. Il est formé par l'ensemble des

données nécessaires, la production langagière et la compétence linguistique”.

Mas, hoje, um *corpus* não é apenas um conjunto de dados linguísticos que serve de base de análise a uma investigação. Por exemplo, actualmente, um *corpus* textual é um conjunto de textos escritos ou por vezes orais em formato electrónico/digital que obedecem a uma organização através de critérios pré-estabelecidos.

O *corpus* deve ser representativo, homogéneo e pertinente, tendo em conta os objectivos da investigação.

Contente (2008, p. 149) afirma que o *corpus*

“ deve ser representativo relativamente ao objectivo da investigação...”.

Falando da organização de *corpus* constituídos por textos de especialidade escritos, Costa e Silva dizem o seguinte

“ Le texte de spécialité peut, simultanément, être compris comme la production et le produit d’une communauté de communication restreinte. Dans le texte se concentrent tous les éléments linguistiques et extralinguistiques qui résultent de l’interaction du langage avec la vie sociale,...”.

O nosso ***corpus bilingue de referência no domínio da saúde*** é constituído por vários **subcorpus: documental, lexicográfico, textual e oral** que serviu de base à selecção dos termos em Português e respectivos equivalentes em Kimbundu.

Este *corpus* resulta duma pesquisa realizada para o efeito, durante quatro anos:

1- o **subcorpus documental** é constituído por uma recolha bibliográfica: livros e atlas de Medicina;

2- o **subcorpus lexicográfico** agrupa vários dicionários e glossários de termos médicos;

3- o **subcorpus oral** agrupa os enunciados extraídos das entrevistas orais em língua Kimbundu, com falantes de Kimbundu na província do Bengo;

4- o **subcorpus textual** é constituído por textos em Português, em formato digital, correspondentes às obras de Anatomia e Fisiologia que apresentamos seguidamente:

J. A. Esperança Pina, (1998) - Anatomia Humana da Relação-Parte I

J. A. Esperança Pina, (2004) - Anatomia Humana dos Órgãos

Os textos foram digitalizados através de um skanner; os textos em *word* foram convertidos em TXT de modo a permitir a criação de um *corpus* textual que sofreu um tratamento semiautomático com ajuda do *software Hyperbase*.

Com base neste *corpus*, foram extraídos os termos nos domínios da *Anatomia e da Fisiologia*, referentes ao corpo humano, por subdomínios: esqueleto humano, sistema urinário, digestivo, circulatório, respiratório, e os genitais (reprodutores) feminino e masculino.

O *corpus terminológico da Anatomia e da Fisiologia*, constituído por 98 termos foram seleccionados a partir das 4.130 formas-tipo e das concordâncias.

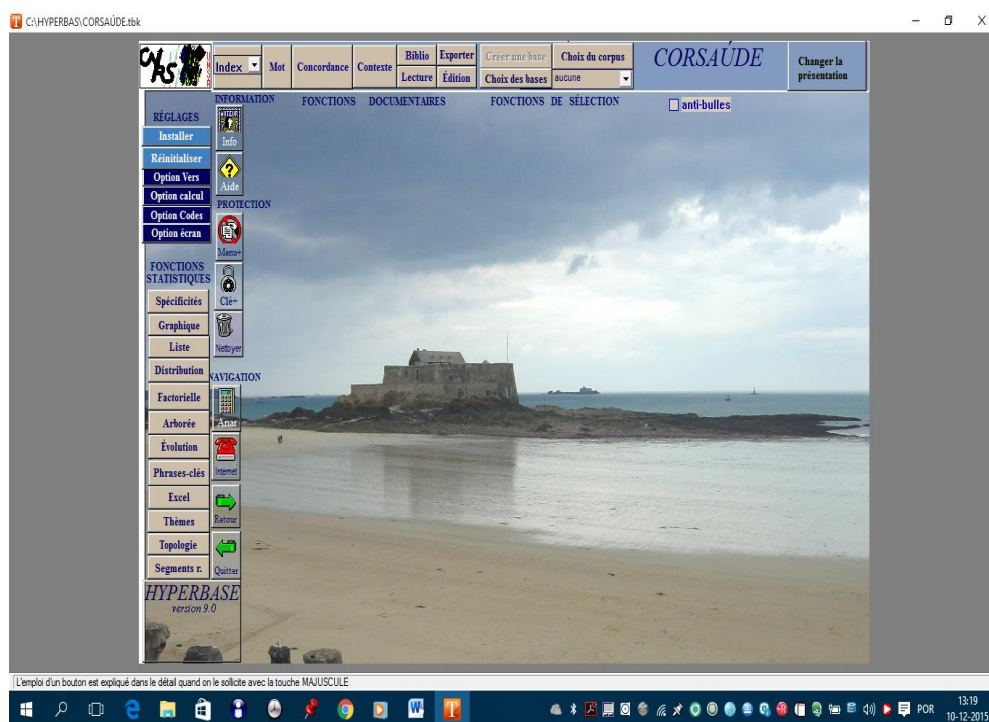
Os equivalentes em Kimbundu foram seleccionados a partir dos enunciados que constituem *corpus* oral recolhido junto da população do Bengo.

7.3. O Corpus **CORSAÚDE**

O *corpus* textual **CORSAÚDE** foi constituído e analisado com o software *Hyperbase*, um hipertexto, com o objectivo de observar e extrair o léxico de especialidade que integrará o nosso dicionário. Seleccionámos termos dos domínios da Anatomia e da Fisiologia; extraímos termos e contextos úteis para a elaboração do dicionário.

O *corpus* **CORSAÚDE** é um corpus bilingue Português-Kimbundu, em saúde, que pode servir para fins pedagógicos; é, simultaneamente, uma ferramenta de aprendizagem e de trabalho para o pessoal de saúde que apresenta dificuldades de comunicação com os utentes nos nossos hospitais que não falam Português. Os textos do *corpus* podem servir para a aprendizagem da significação dos termos e de actualização científica dos diferentes profissionais.

CORPUS CORSAÚDE



TOTAL DE FORMAS-TIPO : 4.130

TOTAL de OCORRÊNCIAS : 26.192

C:\HYPERBAS\CORSAUDE.tbk

Occurrences, vocables, étendue

N°	TITRE	OCORRENCES	VOCABLES	Prob P	Prob Q	ABREGE	CODE
1	Txt1	2465	814			TXT1	T1
2	Txt2	2231	796			TXT2	T2
3	Txt3	2551	896			TXT3	T3
4	Txt4	3058	939			TXT4	T4
5	Txt5	2310	792			TXT5	T5
6	Txt6	2890	971			TXT6	T6
7	Txt7	3406	1017			TXT7	T7
8	Txt8	3206	1088			TXT8	T8
9	Txt9	3035	1048			TXT9	T9
	TOTAL	26192	4130				

Tableau de l'étendue des textes du corpus et calcul des probabilités

CONCORDÂNCIA DO TERMO MALÁRIA

M1 141c| . O baixo índice de suspeição da malária , com diagnósticos tardios e m

M1 144a| infectado . As manifestações da malária estão relacionadas com a esqui

M1 148a| As manifestações da malária variam consoante a espécie de

M1 148d| O período de incubação da malária é em geral curto na maioria do

M1 150a| Definição de Malária severa . A presença de uma o

M1 151c| na profilaxia e no tratamento da malária . Actualmente mantém a sua e

M1 155d| para todas as formas graves de malária .

M1 157a| habitualmente no tratamento da malária , o quinino pode administrar -

M1 157c| usa isoladamente no tratamento da malária . Em associação com o quinino

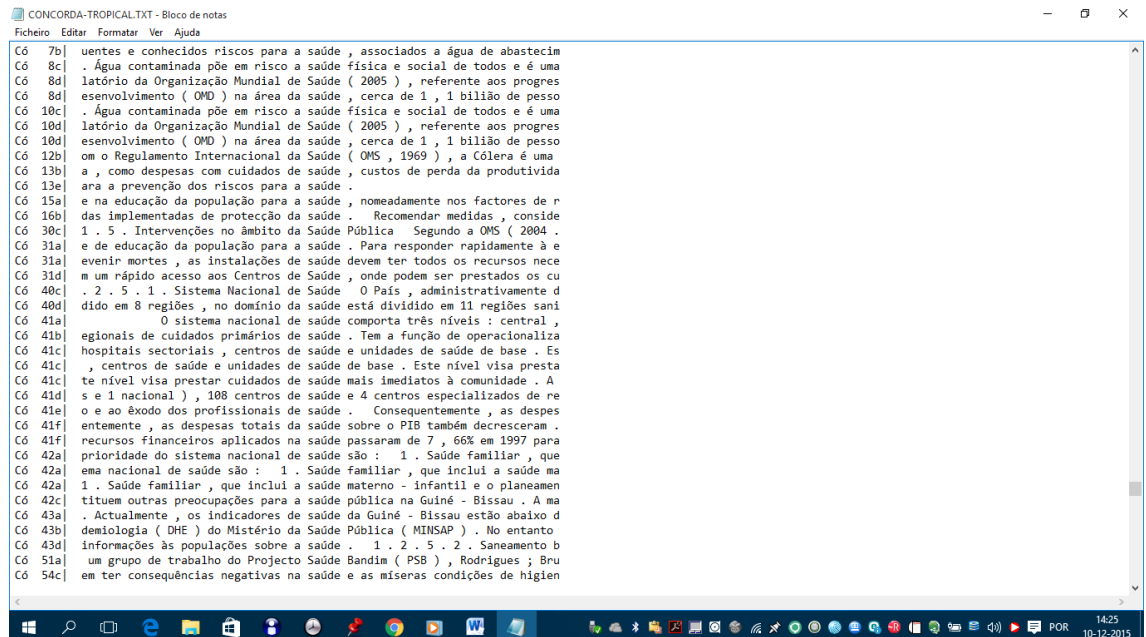
M1 160c| em profilaxia. TRATAMENTO DA MALÁRIA .São factores a ter em conta

M1 161b| de doses insuficientes . Malária por Plasmodium vivax e ovale

M1 162c| de 6 / 6 horas (3 tomas) . Malária por Plasmodium malariae

M1 162c| de escolha para esta espécie . Malária por Plasmodium falciparum

CONCORDÂNCIA DO TERMO SAÚDE



CONCORDÂNCIA DE QUALIDADE

e

Termos extraídos a partir da concordância de qualidade:

Qualidade da água dos poços, qualidade da água consumida e higiene,

Qualidade de vida e saúde

- C 79e| factores que podem comprometer a *qualidade da água dos poços* e a saúde
- C 82b| uma vez que não é salvaguardada a *qualidade da água* durante o mesmo . A
- C 99b| pulação é a sua atitude perante a *qualidade da água consumida e a higiene*
- C 101c| unidade actuar na melhoria da sua *qualidade de vida e saúde* , incluindo

As concordâncias são contextos automáticos que permitem extrair termos, candidatos a termos e outros dados linguísticos.

7.4. Corpus terminológico e Base de dados terminológica

O *corpus* terminológico (conjunto de termos seleccionados) foi inserido numa Base de dados terminológica correctamente elaborada com o software *Access*, com o objectivo de registar as unidades terminológicas para a constituição do nosso e-dicionário bilingue em saúde.

A ficha terminológica é um suporte que constitui um conjunto estruturado de dados terminológicos relativos a um termo. Fazem parte da ficha terminológica os campos seguintes: entrada, categoria gramatical, domínio, definição, contexto, sinónimo, equivalente, imagem, nota.

Os **contextos** são extraídos do *corpus*; tivemos a preocupação de seleccionar contextos definitórios ou contextos de substância que permitem elaborar a definição.

A definição é elaborada através de um enunciado curto que contém as propriedades fundamentais do conceito.

São apresentados sinónimos e variantes quando existirem.

As **imagens** têm uma função referencial, estabelecendo uma relação directa com o conceito.

No entanto, num caso ou noutro a **imagem poderá ter também uma função cultural e etnográfica**.

A **nota** contém explicações linguísticas sobre metáforas terminológicas, as suas especificidades e funções numa ou noutra língua. Pode também apresentar informações complementares de carácter enciclopédico, relativamente à definição. Por vezes, apresenta esclarecimentos sobre particularidades linguísticas do Português ou do Kimbundu.


O *corpus* terminológico é concebido como um corpus aberto, sempre disponível a ser actualizado e completado.

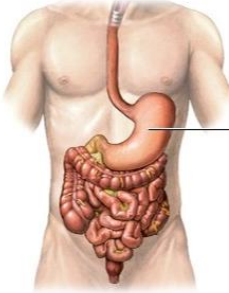
A Base de dados terminológica é um embrião da estrutura do dicionário que pretendemos elaborar.

No entanto, o **dicionário** apresentará uma **organização conceptual** por domínios, subdomínios; os conceitos serão organizados numa **rede conceptual**, facilitando a consulta e a aprendizagem.

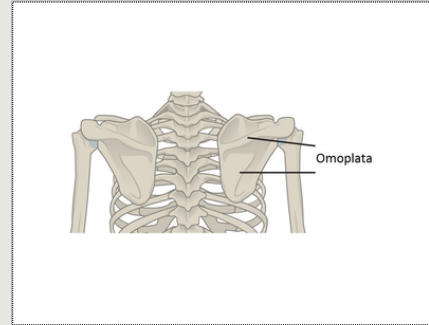
Ficha Terminológica		Coluna Vertebral		Mutanda	
Guardar e Novo				Eechar	
		Português		Kimbundu	
Entrada	Coluna Vertebral	Mutanda			
Plural		Mitanda			
Classe				3	
Sinónimo					
Cat. Gramatical	s.f.			n.sg.	
Contexto	A coluna vertebral é uma parte da estrutura corporal dos vertebrados				
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T., e Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia				
Domínio	Anatomia e fisiologia				
Definição	A coluna vertebral ou espinha dorsal é formada quase sempre por uma série de vértebras				
Equivalente Inglês	vertebral column				
Equivalente Francês	colonne vertébrale				
Equivalente Espanhol	columna vertebral				
Notas	Mutanda é um termo metafórico em Kimbundu que designa "bengala" pela função de sustentação do corpo humano				
Registo: 14 15 de 15 Sem Filtro Procurar					

Ficha Terminológica		Coração		Muxima	
Guardar e Novo				Eechar	
		Português		Kimbundu	
Entrada	Coração	Muxima			
Plural		Mixima			
Classe				4	
Sinónimo					
Cat. Gramatical	n.m.sg.			n.sg.	
Contexto	O coração humano é o órgão responsável pelo percurso do sangue bombeado através de todo o organismo, que é feito em aproximadamente 45 segundos em repouso. Bate cerca de 109.440 a 110.880 vezes por dia, bombeando				
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T., & Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia				
Domínio	Anatomia e fisiologia				
Definição	Tem a função de gerar a pressão sanguínea, dirigir a circulação				
Equivalente Inglês	Heart				
Equivalente Francês	Coeur				
Equivalente Espanhol	Corazón				
Notas					
Registo: 14 3 de 15 Sem Filtro Procurar					

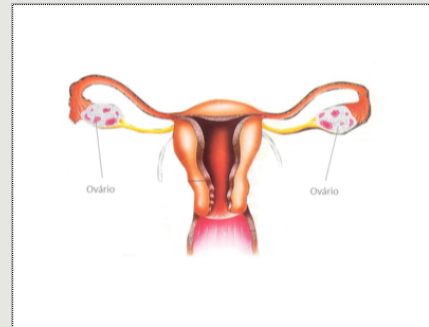
Ficha Terminológica		Dibumu	
Guardar e Novo		Eechar	
Português		Kimbundu	
Entrada	Crânio	Dibumu	
Plural		mabumu	
Classe			6
Sinónimo	cabeça		
Cat. Gramatical	n.m.sg.	n.sg.	
Contexto	O crânio é uma caixa óssea constituída por uma parte superior, a abóbada craniana, e uma parte inferior, a base do crânio		
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T. e Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia		
Domínio	Anatomia Humana		
Definição	O crânio adulto é normalmente composto de 22 ossos. Exce		
Equivalente Inglês	cranium		
Equivalente Francês	crâne		
Equivalente Espanhol	cráneo		
Notas			
Registo: 14 de 15		Sem Filtro Procurar	

Ficha Terminológica		Dikutu	
Guardar e Novo		Eechar	
Português		Kimbundu	
Entrada	Estômago	Dikutu	
Plural			
Classe			
Sinónimo			
Cat. Gramatical	n.m.sg.	n.sg.	
Contexto	O estômago é um órgão presente no tubo digestivo, situado logo abaixo do diafragma, mais precisamente entre o esófago e o duodeno. Nele, os alimentos são pré-digeridos e esterilizados, a fim de seguirem para o		
Fonte do Contexto	Anatomia humana dos órgãos- J. A. Esperança Pina- Lidel- e		
Domínio	Anatomia e fisiologia		
Definição	É um reservatório, interposto entre o esófago e o duodeno,		
Equivalente Inglês	Stomach		
Equivalente Francês	Estomac		
Equivalente Espanhol	Estómago		
Notas	Pertence ao grupo dos termos monoclasses em Kimbundu		
Registo: 14 de 15		Sem Filtro Procurar	


Ficha Terminológica		Dilonga dya kisuxi	
Guardar e Novo		Fechar	
Português		Kimbundu	
Entrada	Omplata	Dilonga dya kisuxi	
Plural		Malonga kya isuxi	
Classe			6
Sinónimo	paleta		
Cat. Gramatical	n.f.sg.		
Contexto	Os ossos do ombro são o úmero (osso do braço), a escápula (omplata ou "paleta") e a clavícula.		
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T. e Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia humana		
Domínio	Anatomia humana		
Definição	É um osso achatado e triangular que se pode ver e apalpar		
Equivalente Inglês	Shoulder-blade, scapula		
Equivalente Francês	Omplate		
Equivalente Espanhol	Omplata		
Notas	"Dilonga dya Kisuxi" é um termo metafórico em Kimbundu que designa "prato do ombro"		
Registo: 14 de 15		Sem Filtro Procurar	

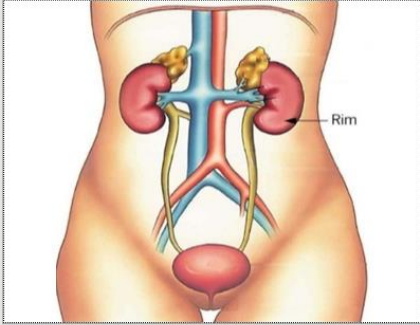


Ficha Terminológica		Musanga	
Guardar e Novo		Fechar	
Português		Kimbundu	
Entrada	Ovário	Musanga	
Plural		Misanga	
Classe			4
Sinónimo			
Cat. Gramatical	n.m.sg.		
Contexto	O ovário começa a se desenvolver ainda na barriga da mãe. Os ovários são órgãos pares, em forma de amêndoa com cerca de 4cm em seu maior eixo e que têm por função produzir os gametas feminino (óvulos) e hormonas.		
Fonte do Contexto	Anatomia humana dos órgãos- J. A. Esperança Pina- Lidel- e		
Domínio	Anatomia e fisiologia		
Definição	São órgãos glandulares destinados a produzir os óvulos.		
Equivalente Inglês	Ovary		
Equivalente Francês	Ovaire		
Equivalente Espanhol	Ovario		
Notas			
Registo: 14 de 15		Sem Filtro Procurar	




Ficha Terminológica		Kifuba dya mbunda	
<div> <div>Guardar e Novo</div> <div>Eechar</div> </div>			
<div>Português</div>		<div>Kimbundu</div>	
Entrada	Pélvis	Kifuba dya mbunda	
Plural		Ifuba kya mbunda	
Classe			
Sinónimo	Bacia, pelve		
Cat. Gramatical	n.f.sg.	n.sg.	
Contexto	A pelveis é a região de transição entre o tronco e os membros inferiores. O períneo, na anatomia humana, é geralmente definido como a região superficial entre a sínfise púbica e o cóccix, tanto em homens quanto em		
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T., e Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia		
Domínio	Anatomia humana		
Definição	Denominação atribuída à concavidade da zona inferior (ou		
Equivalente Inglês	Pelve		
Equivalente Francês	Pelvis		
Equivalente Espanhol	Pelvis		
Notas			
<div> <div>Registo: 14</div> <div>10 de 15</div> <div>Sem Filtro</div> <div>Procurar</div> </div>			

Ficha Terminológica		Kizavu	
<div> <div>Guardar e Novo</div> <div>Eechar</div> </div>			
<div>Português</div>		<div>Kimbundu</div>	
Entrada	Pulmão	Kizavu	
Plural		Izavu	
Classe		8	
Sinónimo			
Cat. Gramatical	n.m.sg.	n.sg.	
Contexto	São dois órgãos de forma piramidal, de consistência esponjosa medindo mais ou menos 25 centímetros de comprimento que localizam-se dentro da caixa torácica, revestidos externamente por uma membrana chamada		
Fonte do Contexto	Seeley, R., Stephens, T., & Tate, P. (2001). Anatomia e fisiologia		
Domínio	Anatomia e fisiologia		
Definição	São os principais órgãos da respiração e os mais volumosos		
Equivalente Inglês	Lung		
Equivalente Francês	Poumon		
Equivalente Espanhol	Pulmón		
Notas			
<div> <div>Registo: 14</div> <div>2 de 15</div> <div>Sem Filtro</div> <div>Procurar</div> </div>			

Ficha Terminológica		Myongo
<div> <div>Guardar e Novo</div> <div>Eechar</div> </div>		
<div> <div>Português</div> <div>Rim</div> </div>		<div> <div>Kimbundu</div> <div>Myongo</div> </div>
Entrada	Rim	Myongo
Plural		
Classe		
Sinónimo		
Cat. Gramatical	n.m.sg.	n.sg.
Contexto	<p>Os rins são duas glândulas da cor vermelha escura colocadas simetricamente ao lado da coluna vertebral, na região lombar. Medem 10cm de largura e pesam cerca de 150gr cada um. O peritónio, membrana serosa que cobre a</p> <p>Anatomia humana dos órgãos- J. A. Esperança Pina-Lidel-ec</p>	
Fonte do Contexto		
Domínio	Anatomia e fisiologia	
Definição	Os rins são duas glândulas de cor vermelha escura colocade	
Equivalente Inglês	Kidney	
Equivalente Francês	Rein	
Equivalente Espanhol	riñón	
Notas	Pertence ao conjunto de termos monoclasses em Kimbundu.	
<div> <div>Registo: 14 de 15</div> <div>Sem Filtro</div> <div>Procurar</div> </div>		

Ficha Terminológica		Dilonga dya kipumuna
<div> <div>Guardar e Novo</div> <div>Eechar</div> </div>		
<div> <div>Português</div> <div>Rótula</div> </div>		<div> <div>Kimbundu</div> <div>Dilonga dya kipumuna</div> </div>
Entrada	Rótula	Dilonga dya kipumuna
Plural		
Classe		5
Sinónimo	Joelho	Kipumuna
Cat. Gramatical	n.f.	n.sg.
Contexto	<p>rótula é um osso tipo sesamoide, grosso, que se articula com o fémur e cobre e protege a superfície articular anterior da articulação do joelho.</p>	
Fonte do Contexto	Seeley,R. , Stephens, T. ,e Tate, P. (2001). Anatomia e fisiolog	
Domínio	Anatomia e fisiologia	
Definição	Osso sesamoide contido no tendão do músculo quadricípite	
Equivalente Inglês	Patella	
Equivalente Francês	Rotule	
Equivalente Espanhol	Rótula	
Notas	"Dilonga dya Kipumuna" é um termo metafórico em Kimbundu que designa "prato do joelho"	
<div> <div>Registo: 14 de 15</div> <div>Sem Filtro</div> <div>Procurar</div> </div>		

Ficha Terminológica		Dyele	
Mama		Dyele	
Guardar e Novo		Echiar	
Português		Kimbundu	
Entrada	Mama	Dyele	
Plural		Mele	
Classe			6
Sinónimo	Seio, peito		
Cat. Gramatical	n.f.sg.	n.sg.	
Contexto	<p>As mamas (conhecidas popularmente também como seios ou peitos nos humanos) são a parte do corpo feminino de um mamífero que é responsável pela produção de leite para os bebés em seus primeiros meses de vida.</p> <p>Anatomia humana dos órgãos- J. A. Esperança Pina- Lidel- e</p>		
Fonte do Contexto	Anatomia e fisiologia		
Domínio	Órgão em par destinado a segregar o leite, assegurando a		
Definição	Breast, Mamma, Udder teat		
Equivalente Inglês	Sein		
Equivalente Francês	Mama		
Equivalente Espanhol			
Notas			
			
Registo: 14 9 de 15 Sem Filtro Procurar			

7.5. Entrada

A *entrada* é um dos termos seleccionados no *corpus* de especialidade, constituído com o objectivo de elaborar o dicionário terminológico.

A *entrada*, de acordo com outros autores, e numa perspectiva da Lexicografia de língua corrente, é entendida como uma “unidade significativa, palavra simples ou composta, locução, frase, afixo, abreviatura ou símbolo, que abre um verbete nos dicionários, enciclopédias, vocabulário, cujo conjunto é geralmente disposto em ordem alfabética e com destaque visual, cabeça, lema, etc., é o conjunto de informações estruturais de um item lexical” António Houaiss (2003:1510).

Apresentamos os seguintes exemplos de termos:

Crânio, n.m.

Dibumu, n. m.

Ovário, *n.*

Misanga, *n. pl.*

7.6. Categoria gramatical

As *categorias gramaticais* apresentam as informações gramaticais das unidades lexicais (número, género), em itálico, abreviadas e normalizadas.

Exemplos:

<i>n.</i>	nome
<i>n. sing.</i>	nome singular
<i>n. pl.</i>	nome plural
<i>n. f.</i>	nome feminino
<i>n. m.</i>	nome masculino
<i>n. f. pl.</i>	nome feminino plural
<i>n. m. pl.</i>	nome masculino plural

Exemplos, Português-Kimbundu:

Coração, *n. m.*

Muxima, *n.*

Traqueia, *n. f.*

Kikwalala, *n.*

Lábio, *n. m.*

Mizumbu, *n. pl.*

Costela, *n. f.*

Kabanji, *n. pl.*

7.7. Domínio

O *domínio* terminológico diz respeito a uma área científica ou a uma esfera do saber. Em Terminologia, o domínio tem subjacente um sistema conceptual. A Anatomia de Sistemas e Aparelhos estabelece uma rede conceptual com as várias especialidades que são subdomínios da Anatomia.



No nosso dicionário bilingue Português-Kimbundu, indicámos o domínio de cada termo em análise.

Exemplos:

Mama, *n.f.*

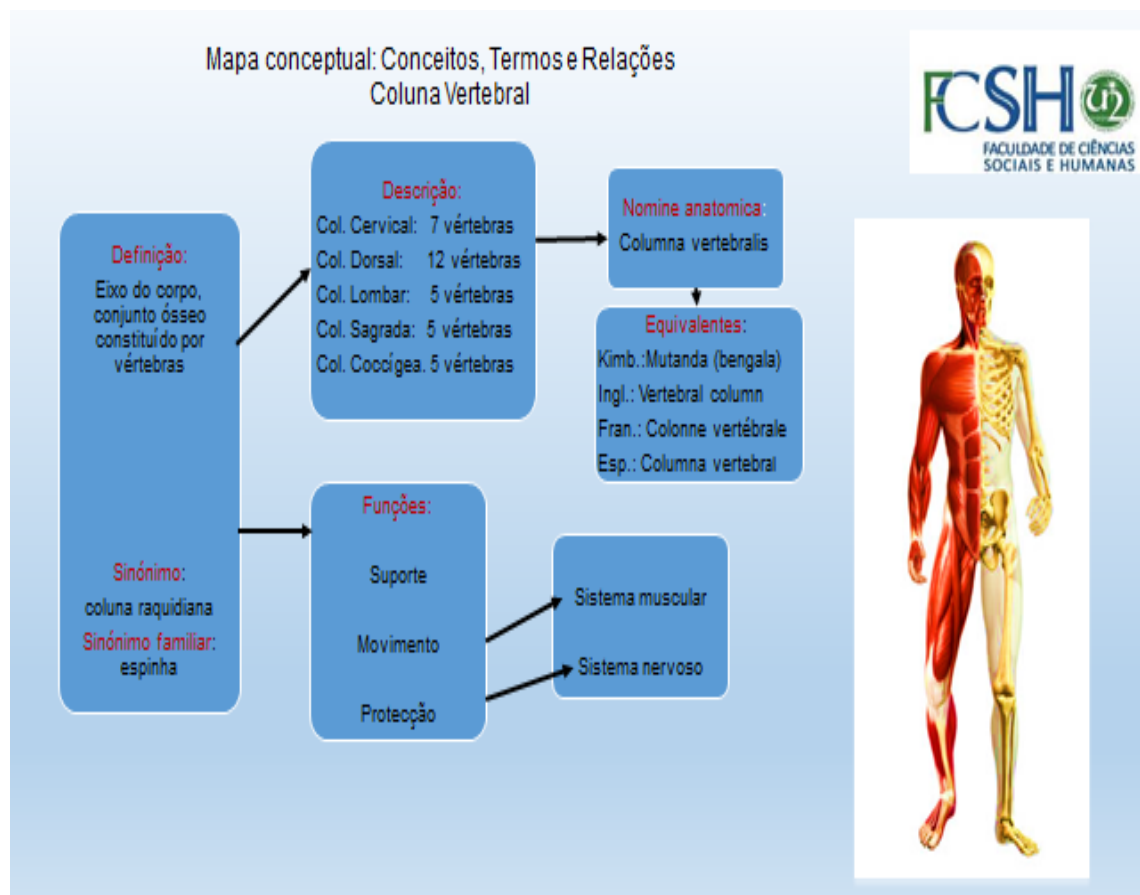
Domínio: anatomia

Fígado, *n. m.*

Domínio: anatomia

No nosso caso específico, todos os termos são de **Anatomia** e **Fisiologia** humanas que constituem também uma rede conceptual entre eles e com os outros domínios da Anatomia.

O quadro que apresentamos apresenta um **mapa conceptual** da coluna vertebral que mostra os conceitos (e respectivos termos) e as relações conceptuais entre si e outros subsistemas da Anatomia



7.8. Equivalentes

O *equivalente* é uma designação, que representa um conceito idêntico em línguas diferentes. O equivalente de Kimbundu é apresentado em caracteres normais,

negritados. Quando existe mais do que um equivalente em Kimbundu, estes são separados por ponto e vírgula, entre si.

São também apresentados os equivalentes em inglês, francês e espanhol, línguas importantes para os cooperantes na área da saúde.

Exemplos:

Abdómen, n. m.

Divumu, *n.*

Clavícula, *n. f.*

Mukambu ma kisuxi, *n.*

Costela. *n. f.*

Lumbanji, *n. pl.*

Pêlo, n. m.

Mavwiji, n. pl.; **Jindemba**, n. m.

7.9. Definição

Neste nosso dicionário, cada termo terá uma definição. Em Lexicologia, a *definição* designa simultaneamente uma operação lógica e a produção de uma sequência em língua natural. Actualmente existe um paralelismo entre a definição de unidade lexical/definição lexicológica e a definição de termo/definição terminológica

(T. Lino 1990: 93-95). A definição lexicográfica tem por objecto a descrição da unidade lexical (unidade lexicográfica), unidade que tem um estatuto específico, consoante o modelo teórico e metodológico subjacente.

A definição terminológica tem por objecto a unidade terminológica, que tem características específicas relativamente à unidade lexical, em geral. A definição terminológica é uma definição substancial que explicita traços conceptuais pertinentes relativos a um conceito que, no sistema linguístico, é denominado por uma unidade terminológica.

Segundo Rey-Debove (1971: 181), o termo definição é um “enunciado escolhido para explicitar o conteúdo da palavra e que representa o segundo membro duma afirmação definidora sobre a entrada”.

Para Galisson e Coste (1983: 180), a definição de uma unidade lexical de língua corrente é “geralmente uma paráfrase, isto é, um desenvolvimento explicativo do conteúdo da mensagem, composto de palavras (os definidores) suficientemente simples para serem conhecidas do locutor”.

No dicionário de saúde bilingue Português-Kimbundu, a definição é redigida por nós e apresentada em Português com indicação da fonte que serviu de base à sua redacção.

A definição é elaborada a partir dos contextos definitórios ou dos contextos de substância do *corpus*, extraídos automaticamente com o auxílio do *Hyperbase*.

Posteriormente, as definições **são validadas por especialistas**.

Coração, n. m.

Muxima, n.

Definição: órgão vital do corpo humano, motor do aparelho circulatório, do tamanho dum punho fechado, situado no centro do tórax, entre os dois pulmões, num espaço denominado mediastino que fornece oxigénio e nutrientes a todas as células do organismo.

Crânio, n. m.

Dibumu, n.

Definição: parte posterior do esqueleto da cabeça, composto por oito ossos soldados entre si, formando uma caixa esquelética que encerra e protege o encéfalo. O crânio tem duas partes: o crânio cerebral e o crânio facial.

7.10. Sinónimo

Entende-se por sinónimo, o termo de uma dada língua que designa o mesmo conceito e que se situa num mesmo nível de conceptualização ou num mesmo nível de língua; unidade lexical especializada ou termo que tem uma significação idêntica ou parcial (sinónimo parcial).

No entanto, é frequente existirem sinónimos de outros níveis de língua. Indicamos alguns exemplos de sinónimos parciais, eventualmente, relativos a outros níveis de língua (familiar, popular):

Face, n. f.

Polo, n.

Sinónimo: rosto, cara

Pélvis, n. f.

Palangana, n.

Sinónimo: **bacia**

Mama, n. f.

Dyele, n.

Sinónimo: **seio, peito**

7.11. Equivalentes em Kimbundu

Apresentaremos em seguida os equivalentes da Língua Kimbundu, segundo uma organização conceptual: o corpo humano, o esqueleto humano, o aparelho respiratório, o aparelho digestivo, o aparelho urinário, o aparelho circulatório, o aparelho genital feminino e o aparelho masculino.

7.11.1. CORPO HUMANO

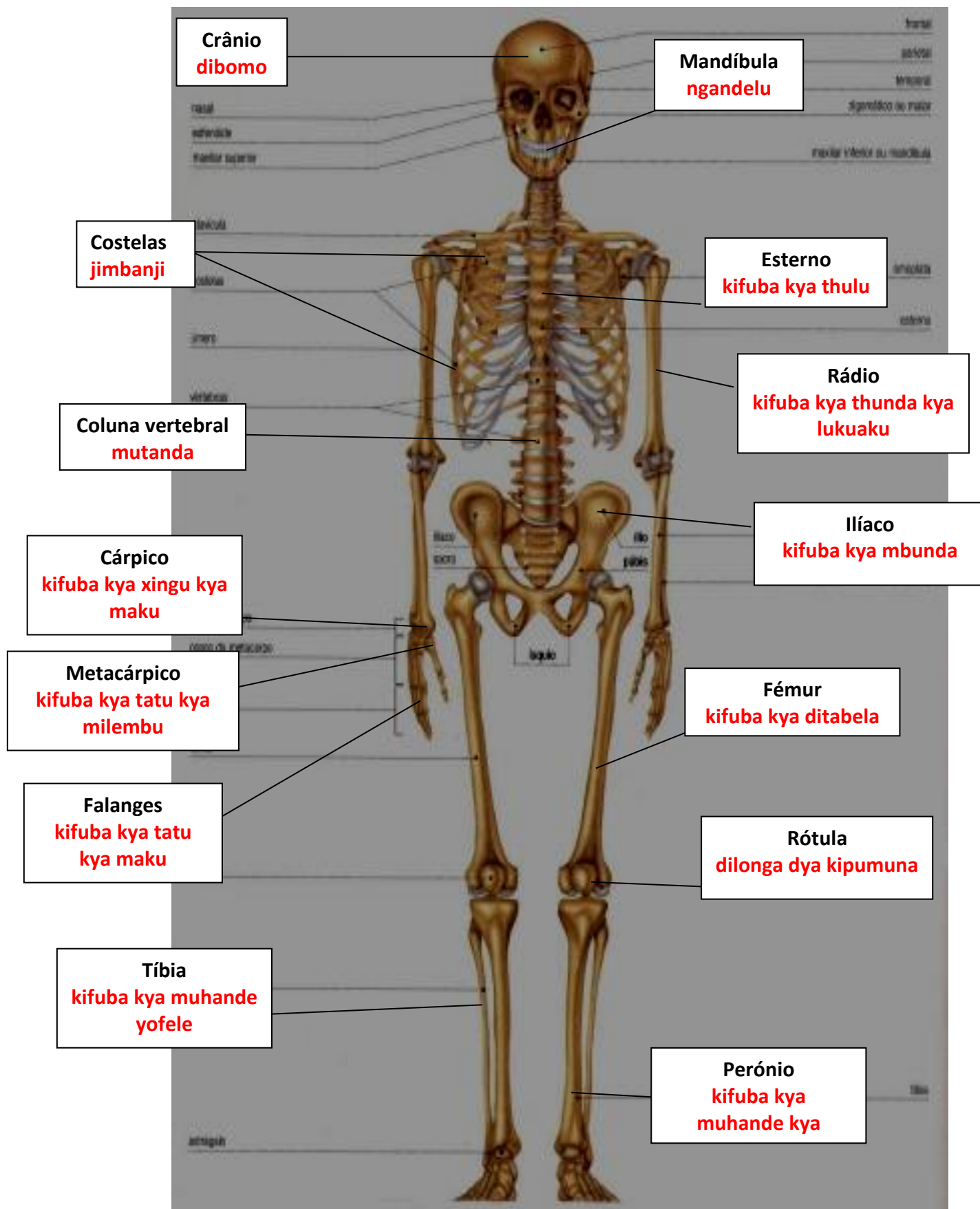
PORTUGUÊS	KIMBUNDU
abdómen	divumu
antebraço	mbungu ya lukwaku
axila	habya
barriga da perna	matwinji
braço	lukwaku

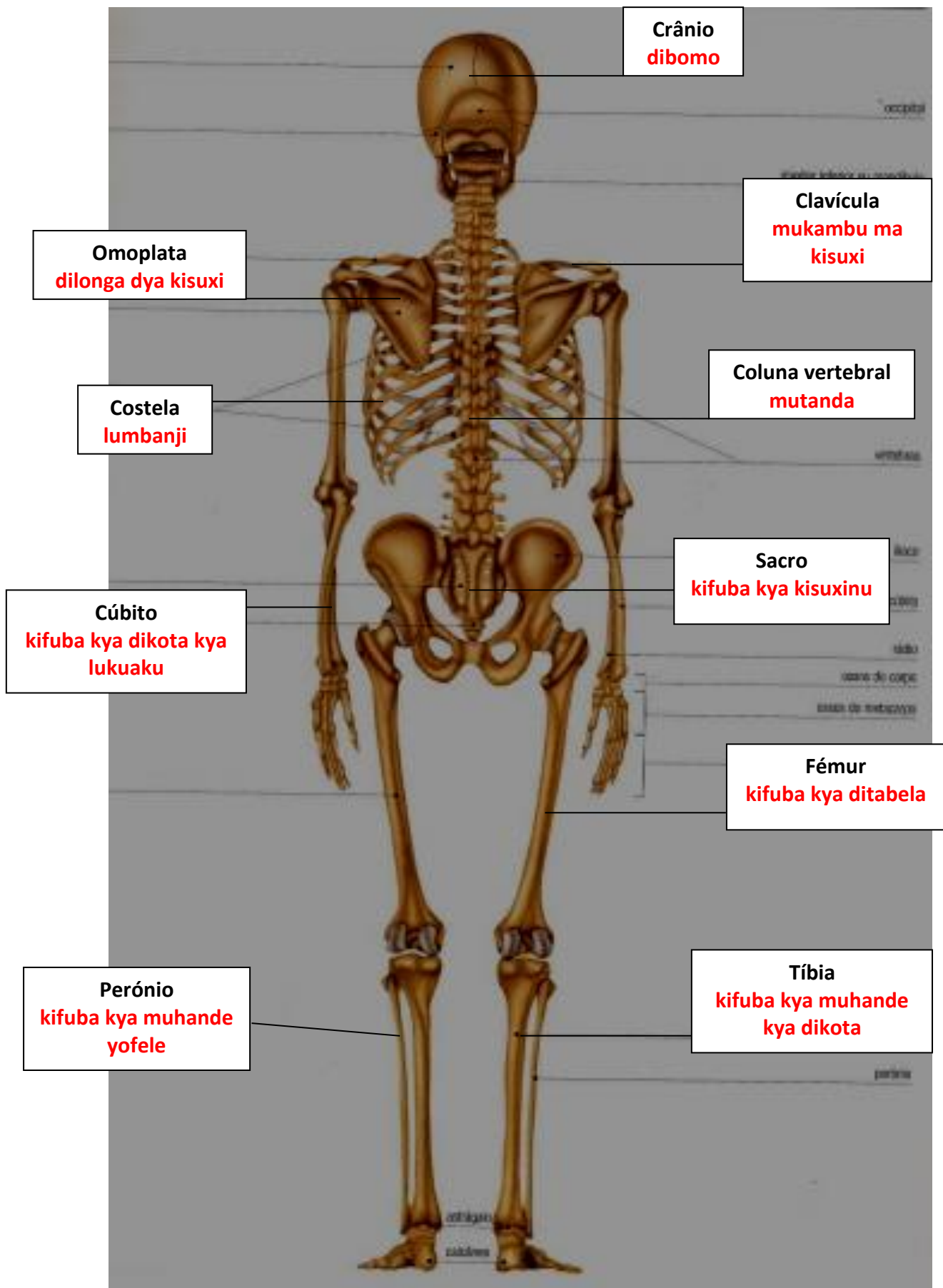
cabelo	lundemba
calcanhar	kisende
costas	dikunda
cotovelo	kipumua kya lukwaku
coxa	ditabela
dedo	milembu
joelho	kipumuna
lábio	dizumbu
mama	dyele
mamilo	mboto
mão	maku
nádega	ditaku
nariz	dizunu
nuca	dikoxi
olho	disu
ombro	kisuxi
orelha	ditwi
palma da mão	dikanda dya maku
pé	kinama
peito	thulu
pélvis	palangana
pescoço	xingu
perna	kinama
pestana	kizwezwe
planta do pé	dikanda dya kinama
púbis	maviji

pulso	xingu ya lukwaku
saliva	mate
sobrancelha	mikasu
umbigo	thumbu

7.11.2. ESQUELETO HUMANO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
cárpico	kifuba kya xingu kya maku
clavícula	mukambu wa kisuxi
coluna vertebral	mutanda
crânio	dibumu
costela	lumbanji
cúbico	difuba dya dikota dya lukwaku
esterno	kifuba kya thulu
falange	kifuba matatu kya maku
fémur	kifuba kya ditabela
ilíaco	kifuba kya mbunda
mandíbula	ngandelu
metacárpico	kifuba kyatatu kya milembu
omoplata	dilonga dya kisuxi
perónio	kifuba kya muhande kya dikota
rádio	kifuba kya thunda kya lukwaku
rótula	dilonga dya ipumuna
sacro	difuba dya kisuxinu
tíbia	kifuba kya muhande yofele





7.11.3. APARELHO RESPIRATÓRIO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
brônquio	thangu ya kikwalala
cavidade bucal	ngenda ya dikana
cavidade nasal	ngenda ya dizunu
faringe	munjinu
laringe	dikelengu
pulmão	izavu
traqueia	kikwalala

7.11.4. APARELHO DIGESTIVO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
ânus	mutungu
boca	dikanu
dente	diju
esófago	dikelengu
estômago	dikutu
faringe	munjinu
fígado	nzindu
intestino delgado	masangalala
intestino grosso	midya wa dikota
pâncreas	kinzalanjala
vesícula biliar	nzeke ya ndulendule

7.11.5. APARELHO URINÁRIO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
bexiga	kisuxinu
rim	myongo
ureter	mbungu
uretra	dizungu

7.11.6. APARELHO CIRCULATÓRIO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
artéria	mixiba
artéria aorta	muxiba
artéria pulmonar	muxiba wa kizavu
capilar	jindemba
coração	muxima
veia	luynji
veia cava inferior	luynji lwatolo
veia cava superior	luynji lwanene

7.11.7. APARELHO GENITAL FEMININO


PORTUGUÊS	KIMBUNDU
clítoris	kalindolo
grande lábio	muzumbu wanene
orifício vaginal	kikungu kya sundu
ovários	missanga
pequeno lábio	muzumbu wafele
trompa	mukombe
uretra	dizungu
útero	kivalelu
vagina	sundu
véu púbico	maviji

7.11.8. APARELHO GENITAL MASCULINO

PORTUGUÊS	KIMBUNDU
epidídimo	kikonda kya dituba
orifício externo da uretra	kikungu kya dizungu
pénis	inja
testículos	matuba
véu púbico	maviji
vesícula seminal	nzeke ya wanza

7.12. Modelo de E-Dicionário Português-Kimbundu no domínio da saúde

Depois da descrição e organização pré-lexicográfica, apresentamos o modelo do dicionário que será construído em suporte electrónico.

Entrada	Textos de Anatomia
coração, n.m.	Mapa conceptual de Anatomia
<i>muxima</i> , n.	Língua Kimbundu : características
<div>  </div>	
Links para o (s) texto(s) do corpus textual	

A macroestrutura do dicionário contém várias componentes:

- 1) a microestrutura: a definição lexicográfica, acompanhada de imagem;
- 2) uma base textual constituída pelos textos especializados de Anatomia ou de Fisiologia, em Português; mas poderemos, futuramente, apresentar textos em Kimbundu, apesar das dificuldades da não-fixação gráfica;
- 3) mapas conceptuais de Anatomia e de Fisiologia;

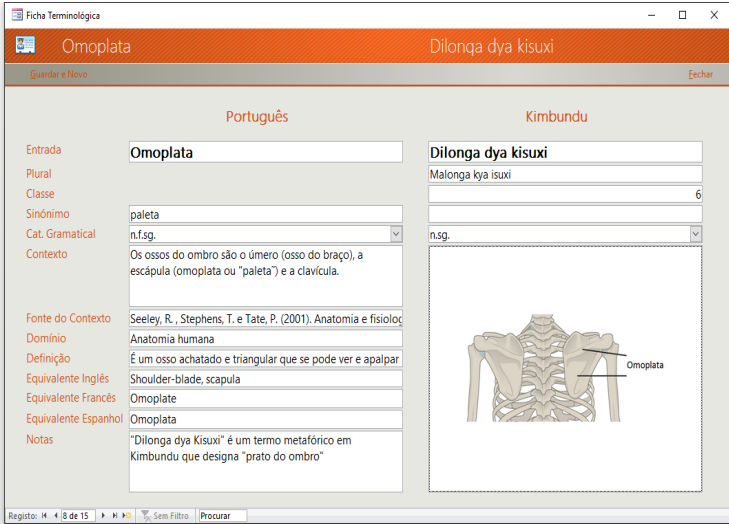
4) Língua Kimbundu: características.

Apresentamos o modelo de ecrã que contém links para os textos de Anatomia ou de Fisiologia. O contexto e o texto têm uma função didáctica, actualizando o termo em discurso. O texto facilitará a aprendizagem da significação do termo e, eventualmente, poderá contribuir para uma actualização científica do aluno ou do profissional da saúde.

O segundo ecrã mostra outra componente do dicionário que disponibilizará mapas conceptuais de Anatomia ou de Fisiologia: os mapas conceptuais apresentarão uma organização conceptual de conceitos, termos e relações entre conceitos.

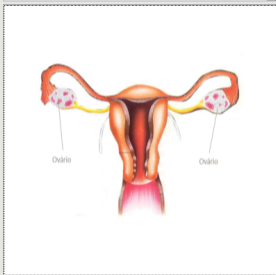
Estes mapas são, hoje, frequentemente usados no ensino universitário de Anatomia, em que o quadro preto já deixou de ser usado há muito tempo, dando lugar às novas tecnologias.

Os **mapas conceptuais** em formato digital apresentam **estruturas do conhecimento, redes conceptuais**, facilitando o processo de aprendizagem. Futuramente, poderemos construir **mapas conceptuais para cada uma das línguas**.

Entrada	Textos de Anatomia
omoplata, n.f.	Mapa conceptual de Anatomia
<i>Dilonga dya Kisuxi</i>, n.	Língua Kimbundu: características
	
<p>Incluir mapa conceptual do sistema esclético</p> <p>conceitos, termos e relações</p>	

O terceiro ecrã completa a função didáctica do Dicionário; esta componente do Dicionário é dedicada ao ensino-aprendizagem da Língua Kimbundu: as características fundamentais da Língua Kimbundu são, aqui, apresentadas de modo a facilitar a aprendizagem desta língua por parte de todos os profissionais que desconhecem esta língua angolana.

Lembramos que em muitos serviços de hospital ou em outros serviços de saúde, os profissionais de saúde desconhecem em absoluto a língua Kimbundu, dificultando totalmente a comunicação profissional/ paciente ou doente.

Entrada	Textos de Anatomia																																												
ovário, n.f.	Mapa conceptual de Anatomia																																												
musanga, n.	Língua Kimbundu: características																																												
<div><div><div>Ficha Terminológica</div><div><div>Ovário</div><div>Musanga</div><div>Guardar e Novo</div><div>Fechar</div></div><div><div>Português</div><div>Kimbundu</div></div><div><div><div>Entrada</div><div>Plural</div><div>Classe</div><div>Sinónimo</div><div>Cat. Gramatical</div><div>Contexto</div><div>Fonte do Contexto</div><div>Domínio</div><div>Definição</div><div>Equivalente Inglês</div><div>Equivalente Francês</div><div>Equivalente Espanhol</div><div>Notas</div></div><div><div><div>Ovário</div><div></div><div></div><div>n.m.sg.</div><div>O ovário começa a se desenvolver ainda na barriga da mãe. Os ovários são órgãos pares, em forma de amêndoa com cerca de 4cm em seu maior eixo e que têm por função produzir os gametas feminino (óvulos) e hormonas.</div><div>Anatomia humana dos órgãos- J. A. Esperança Pina- Lidel- e</div><div>Anatomia e fisiologia</div><div>São órgãos glandulares destinados a produzir os óvulos.</div><div>Ovary</div><div>Ovaire</div><div>Ovário</div><div></div></div><div><div><div>Musanga</div><div>Misanga</div><div></div><div>4</div><div>n.sg.</div><div></div></div></div></div></div></div></div>	<div>Classes nominais</div> <table><tr><th>Classes</th><th>Prefixo</th><th>Kimbundu</th><th>Português</th></tr><tr><td>1</td><td>Mu-</td><td>munjinu,</td><td>faringe</td></tr><tr><td>2</td><td>A-</td><td>anjinu,</td><td>faringes</td></tr><tr><td>3</td><td>Mu-</td><td>mulembu, musanga, mukonde</td><td>dedo, ovário, trompa</td></tr><tr><td>4</td><td>Mi-</td><td>milembu, misanga, mikonde</td><td>dedos, ovários, trompas</td></tr><tr><td>5</td><td>Di-</td><td>diju, dituba, divumu, dyele</td><td>dente, testículo, abdómen, mama</td></tr><tr><td>6</td><td>Ma-</td><td>maju, matuba, mavumu, mele</td><td>dentes, testículos, abdômenes, mamas</td></tr><tr><td>7</td><td>Ki-</td><td>kimbi, kivalelu, kisuxinu</td><td>cadáver, útero, bexiga</td></tr><tr><td>8</td><td>I-</td><td>imbi, ivalelu, isuxinu</td><td>cadáveres, úteros, bexigas</td></tr><tr><td>9</td><td>I-</td><td>ipumuna, inzeke</td><td>joelho, vesícula</td></tr><tr><td>10</td><td>Ji-</td><td>jipumuna, jinzeke</td><td>joelhos, vesículas</td></tr></table>	Classes	Prefixo	Kimbundu	Português	1	Mu-	munjinu,	faringe	2	A-	anjinu,	faringes	3	Mu-	mulembu, musanga, mukonde	dedo, ovário, trompa	4	Mi-	milembu, misanga, mikonde	dedos, ovários, trompas	5	Di-	diju, dituba, divumu, dyele	dente, testículo, abdómen, mama	6	Ma-	maju, matuba, mavumu, mele	dentes, testículos, abdômenes, mamas	7	Ki-	kimbi, kivalelu, kisuxinu	cadáver, útero, bexiga	8	I-	imbi, ivalelu, isuxinu	cadáveres, úteros, bexigas	9	I-	ipumuna, inzeke	joelho, vesícula	10	Ji-	jipumuna, jinzeke	joelhos, vesículas
Classes	Prefixo	Kimbundu	Português																																										
1	Mu-	munjinu,	faringe																																										
2	A-	anjinu,	faringes																																										
3	Mu-	mulembu, musanga, mukonde	dedo, ovário, trompa																																										
4	Mi-	milembu, misanga, mikonde	dedos, ovários, trompas																																										
5	Di-	diju, dituba, divumu, dyele	dente, testículo, abdómen, mama																																										
6	Ma-	maju, matuba, mavumu, mele	dentes, testículos, abdômenes, mamas																																										
7	Ki-	kimbi, kivalelu, kisuxinu	cadáver, útero, bexiga																																										
8	I-	imbi, ivalelu, isuxinu	cadáveres, úteros, bexigas																																										
9	I-	ipumuna, inzeke	joelho, vesícula																																										
10	Ji-	jipumuna, jinzeke	joelhos, vesículas																																										

VIII. CONCLUSÃO

8. Conclusão

A terminologia é sem dúvida um instrumento privilegiado da promoção das línguas e a investigação terminológica é igualmente um instrumento privilegiado para o desenvolvimento das línguas de especialidade.

A aquisição dos saberes técnicos, científicos e profissionais, assim como, dos meios linguísticos que permitem a sua expressão e comunicação, passa pelo ensino/aprendizagem das línguas de especialidade, quer se trate do ensino de línguas segundas ou do ensino das línguas maternas, num contexto de formação profissional.

Quando falamos de inserção das línguas nacionais, no sistema educativo, não pretendemos que as crianças sejam obrigadas a aprender as línguas que não desejam aprender. Pelo contrário, pretendemos que os direitos linguísticos dos Angolanos sejam respeitados, observados, e que as nossas línguas contem com dicionários e gramáticas, à semelhança de outras línguas do mundo.

A língua aprende-se por necessidade comunicativa, e não por imposição de espécie alguma. É falso pensar, em termos científicos e pedagógicos, que uma determinada língua pode ser recuperada na escola. Sabemos que foi nas universidades europeias que o latim morreu.

A funcionalidade operada pelo léxico especializado na transmissão de conhecimentos, na transferência de aparatos tecnológicos, bem como, nas relações contratuais faz com que, cada vez mais, a terminologia assuma relevância na e para a sociedade actual, cujos paradigmas de desenvolvimento estão intimamente relacionados ao processo de economia globalizada e ao acelerado desenvolvimento científico e tecnológico.

Justifica-se a importância do seu conhecimento, bem como, da sua divulgação em glossários, dicionários técnico-científicos e bancos de dados terminológicos, diante da funcionalidade operada pelos termos especializados na transmissão de informações e tecnologias.

Não podemos, no entanto, ignorar a dificuldade que existe em proteger a identidade linguística, no contexto de globalização em que nos inserimos. A globalização da economia, que se verifica pelos acordos comerciais internacionais, dá prioridade absoluta aos acordos económicos, ligados à utilização de uma língua dominante, ameaçando a diversidade linguística.

Podemos atribuir às línguas, maior ou menor impacto na área da actividade económica, na medida em que quanto mais um país investe na divulgação da sua língua, mais importância esta adquire na comunidade internacional.

No entanto, é o poder do mercado que impede, por vezes, que a diversidade linguística seja assegurada em todas as circunstâncias da vida social, política e económica do cidadão. Este facto faz com que uma língua estrangeira tenha mais condições para ser utilizada nas interações do que uma língua local.

Assim, em primeiro lugar, há que fazer um levantamento das diferentes necessidades existentes, relativas aos estudos das línguas. A aprendizagem das línguas deve ser uma aprendizagem e um contributo à compreensão plural e à tolerância e solidariedade no quadro de novas aproximações da interculturalidade e da multiculturalidade.

É necessária a elaboração de produtos informáticos, de ensino/aprendizagem em língua nacional, e criar produtos, material didático que acompanhem a evolução

das novas tecnologias, colmatando as lacunas identificadas ao nível científico, profissional e académico.

A necessidade de contar com obras de referência plurilingues na busca quer de conceitos, quer de denominações terminológicas atinge uma extensa gama de profissionais envolvidos com as linguas técnicas. Entre eles, destacam-se os tradutores, intérpretes, documentalistas, redactores técnicos, lexicógrafos e terminógrafos, estudantes universitários, bem como, profissionais considerados como usuários indirectos da terminologia.

A ciência, hoje é objecto de larga divulgação, tanto que houve um tempo em que se postulava que o conteúdo das línguas especializadas era de uso restrito aos profissionais da área; actualmente, a ciência e a tecnologia tornaram-se objectos de notícia e nessa altura, de interesse do público não-especializado.

A sociedade actual sofre o impacto da acelerada produção do conhecimento, traduzido pelas mais variadas inovações tecnológicas que afectam o seu quotidiano. Vive-se um processo de alfabetização técnico-científica, o que determina a ampliação de contactos com as terminologias.

A existência e a circulação de terminologias em distintos cenários comunicativos são testemunhos de que essas cumprem a dupla função de fixar o conhecimento técnico-científico e de promover a sua transferência; deste modo delineia-se também o papel social das terminologias no âmbito da comunicação humana. A esse papel está também associada a ideia de normalização ou harmonização.

A tentativa de estabelecer uma terminologia normalizada nas línguas técnicas é própria da adopção de políticas linguísticas articuladas sobre a crença de que o uso recorrente de um mesmo termo garante a univocidade de comunicação especializada.

Defendemos a criação de estratégias para incentivar, promover e desenvolver a aprendizagem da língua Kimbundu, desenvolvendo metodologias integradas na era digital. Neste sentido, impõe-se o recurso a conteúdos interactivos e de trabalhos colaborativos controlados, o que pressupõe escolhas na concepção dos conteúdos.

Sendo, hoje a cultura um importante factor da sociedade humana, cada comunidade deve usar as suas línguas locais para a transmissão da sua experiência às gerações mais jovens, perpetuando, deste modo, a sua realidade sociocultural.

A UNESCO considera que todas as línguas do mundo são essenciais para a identidade da pessoa, das comunidades e para a coexistência pacífica destas, além de se constituírem como factor estratégico a fim de se registarem progressos na via do desenvolvimento sustentável, bem como, para a articulação harmoniosa entre a dimensão mundial e a local.

Também convida os Governos, os organismos das Nações Unidas, as organizações da sociedade civil, as instituições de ensino, as associações de profissionais e todas as restantes partes interessadas a desenvolverem as suas actividades a favor do respeito, da promoção e da protecção de todas as línguas, das que se encontram numa situação de risco, seja a nível individual ou a nível colectivo.

Desenvolver a cultura não significa submetê-la a outras. Temos, por isso, de admitir que as aculturações resultantes do contacto cultural com os demais povos não devem resultar em perda da personalidade do angolano no contexto dos seus valores antropológicos materiais e espirituais.

A utilização de dicionários bilingues facilitará aos médicos e agentes sanitários, a identificação e tratamento de doenças que afligem a população, em geral e, em particular, a da área rural.

Há uma necessidade urgente de resgatar os valores culturais Angolanos mediante a valorização das línguas nacionais angolanas no seio dos circuitos familiares.

Todas as comunidades linguísticas têm direito a usar a sua língua, a mantê-la e a promovê-la em todas as suas formas de expressão cultural.

A maior lacuna existente relativamente às línguas nacionais Angolanas é a definição de um quadro jurídico que confira um espaço, no vasto mosaico linguístico Angolano, para as línguas vernáculas.

No contexto Nacional, é interessante e pertinente salientar o papel da igreja angolana na valorização e protecção das línguas nacionais. A obra das missões cristãs constitui a vanguarda da valorização das línguas nacionais.

Que se reconheça a todo o indivíduo, o direito de ser informado através de uma língua que domine e/ou ter um intérprete gratuito, sempre que necessitar.

Reivindicamos a presença das nossas línguas nos tribunais e que ninguém possa ser julgado sem perceber, na sua própria língua, ou pelo menos numa língua próxima da sua, as decisões judiciais pronunciadas a seu respeito.

Esperemos com o tempo, que as nossas línguas nacionais sejam “valorizadas”, em que o enfermeiro de qualquer serviço de saúde dentro das fronteiras de Angola, atenda o paciente da “aldeia” na sua própria língua, que o aluno de qualquer escola

dentro dos limites fronteiriços de Angola não seja apelidado de “burro” por não falar a língua Portuguesa nos primórdios da sua escolaridade.

Lutemos a favor da desvalorização daquilo que foi desvalorizado, e não a favor da desvalorização do que já conseguimos valorizar.

Os concursos de admissão a cargos públicos para professores, enfermeiros, funcionários públicos a nível local e municipal, e para administradores a nível de comunas e de municípios, principalmente nas zonas rurais, devem prever, entre os requisitos exigidos, o domínio de pelo menos, uma das línguas nacionais locais.

O governo Angolano deveria investir mais recursos no sector das línguas, relacionados com a formação, criar incentivos para se trabalhar nesta área, afectar mais capital humano qualificado, mais recursos materiais, a fim de reavermos o nosso sentido nacionalista e sentirmos orgulho das nossas línguas.

Apelamos à mudança de atitude de toda a sociedade Angolana a vencer o preconceito, a hegemonia linguística, o desprezo pela cultura angolana, promovendo as línguas vernáculas de Angola, sem nos desfazermos da língua Portuguesa, nem sequer desvalorizá-la.

A presente investigação é uma contribuição para a temática da protecção e valorização das **Línguas Nacionais Angolanas de Origem Africana**, mas não esgota a abordagem desta problemática, pelo que, recomendamos o desenvolvimento da mesma por parte de outros académicos:

1. A Terminologia, de base linguística, é uma disciplina multidisciplinarmente conectada com a Lógica, a Ontologia e, no últimos tempos, em estreita relação com a Informática;

2. As linguas especializadas não podem existir sem a língua comum ou corrente, sobre a qual se baseiam estruturalmente, nos níveis morfossintático e semântico;
3. Os cursos universitários não podem prescindir da Terminologia como disciplina obrigatória, uma vez que o texto científico veicula conceitos e verdades científicas materializados em terminologias específicas que se renovam e se multiplicam a partir do surgimento de novas descobertas, de novas concepções e técnicas, numa invasão crescente de termos. Daí a importância de a universidade investir na formação de especialistas nesse campo;
4. Também, na actualidade, diversas empresas industriais, buscando a normalização dos termos relativos aos produtos, têm empreendido diferentes trabalhos terminológicos, nos diversos sectores do comércio e da indústria, ao nível nacional e ao nível internacional;
5. Ainda, profissionais em tradução já vêm desenvolvendo produtos terminológicos multilíngues em domínios mais diversos.

Enfim, a comunicação especializada entre os cientistas de todo o mundo, as relações e o comércio internacionais suscitam a busca de equivalência de termos veiculadores de novos conceitos ligados a domínios específicos. Assim, cientistas e profissionais nas diversas áreas do conhecimento necessitam inteirar-se das contribuições da Terminologia para comunicar melhor e produzir conhecimentos.

9. BIBLIOGRAFIA

9.1. Bibliografia geral

- Alexandre, P. (1967). *Langues et Langage en Afrique Noire*. Paris: Ed. Payot.
- Alexandre, P. (1981). Les langues bantoues. *Les langues dans le monde ancien et moderne*, pp. 351-376.
- Andrade, E. d. (2007). *Línguas Africanas-Breve Introdução à Fonologia e à Morfologia*. Lisboa: Editora A. Santos.
- Atkins, G. (1955). A demographic survey of the kimbundu-kongo language border in Angola. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa*, pp. 325-347.
- Barros, L. A. (2002). Proposta de homogeneização da terminologia designativa das obras lexicográficas e terminológicas. In M. Correia, *Terminologia, Desenvolvimento e Identidade Nacional, VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Lisboa: Edições Colibri/ILTEC.
- Bastin, Y. (1975). Les langues bantoues. *Inventaire des études linguistiques sur les pays d'Afrique Noire d'expression françaises et sur Madagascar*, pp. 123-185.
- Benveniste, É. (1966). *Problème de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- Bergstrom, M., & Reis, N. (1998). *Prontuário Ortográfico* (35ª ed.). Lisboa: Editorial Notícias.
- Boléo, M. d. (1935). *A Metáfora na Língua Portuguesa Corrente*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Boulanger, J.-C. (2001). Convergências e divergências entre a Lexicografia e a Terminografia. In M. S. Lima, & P. Ramos, *Terminologia e ensino de segunda língua*. Porto Alegre: NEC, ABECAN.
- Bourigault, D. (1999). Terminologie et intelligence artificielle. *Terminologies nouvelles*, 19, pp. 29-32.
- Bower, L., & Pearson, J. (2002). *Working with Specialized language. A practical guide to using corpora*. London: Routledge.

- Cabré, M. T. (1993a). *La terminologia, els mètodes, les application*. Barcelona: Empúries.
- Cabré, M. T. (1993b). *La Terminología: Teoría, metodología e aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries.
- Cabré, M. T. (1994). Terminologie et Dictionnaires. *Meta* 39, nº4, pp. 589-597.
- Cabré, M. T. (1998). El Discurs Especialitzat o la Variació Funcional determinada per la Temàtica. *Caplletra: revista internacional de filologia* Nº 25, pp. 173-194.
- Cabré, M. T. (1999a). La terminología hoy: concepciones, tendencias y aplicaciones. *La Terminología: representación et comunicación, elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*, pp. 17-38.
- Cabré, M. T. (1999b). *La terminología: representación y comunicación-elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Barcelona: Institut Universitari de lingüística aplicada.
- Cabré, M. T. (1999c). Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. *La Terminología: representación et comunicación, elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*, pp. 109-127.
- Cabré, M. T., Estopà, R., & Lorente, M. (1998). Terminologia y Fraseología. *Actas del V Simposio Iberoamericano de Terminología Riterm*, pp. 67-81.
- Carvalho, J. G. (1967). *Teoria da Linguagem. Natureza do fenómeno linguístico e análise das línguas* (6ª ed., Vol. 1). Coimbra: Editora Limitada.
- Carvalho, J. G. (1983). *Teoria da Linguagem, Natureza do Fenómeno Linguístico e análise das línguas* (6ª ed., Vol. I). Coimbra: Coimbra Editora Limitada.
- Castillo, R. B. (1997). Logica de la Analogia – de la metáfora a la anaphora. *Anthropos Venezuela*, n.º 1, pp. 27-48.
- Caxito, C. E. (2006). *Inquérito ao pessoal de saúde (médicos, enfermeiros, agentes sanitários e alguns populares)*. Bengo: Centro Escola de Caxito.
- Chatelain, H. (1888a). *Eme ué ngatatanga! Karivulu pala ku rilonga kimbungu*. Genève: Typ. De Charles Schuchardt.

- Chatelain, H. (1888b). *Grundzuge des kimbundu oder der Angola Sprache*. Berlin: Asher & Co.
- Chicuna, A. M. (2009). *Tratamento lexicográfico dos portuguesismos em Kyombe (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Cole, D. (1961). Doke's Classification of Bantu Languages. In C. M. Doke, & D. Cole, *Contributions to the History of Bantu Linguistics* (pp. 37-38). Joanesburgo: Witwatersrand University Press.
- Conceição, M. C. (1994). Socioterminologia: Uma nova abordagem das terminologias. *Terminologias 9-10 (TERMIP)*, pp. 33-41.
- Conceição, M. C. (2001). *Termes et Reformulations (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Condamines, A. (2005). "Linguistique de corpus et terminologie", *La terminologie: nature et enjeux. Langages Vol. 39, Nº157*, pp. 36-47.
- Contenças, P. (1999). *A Eficácia da Metáfora na Produção da Ciência – O caso da Genética*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Contente, M. (2008). *Terminocriatividade, Sinonímia e Equivalência Interlinguística em Medicina (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: Edições Colibri.
- Corbeil, J.-C. (1985). "Langues et usage des langues". *Choix de textes publié par le Conseil de la langue française*.
- Coseriu, E. (1976). Die funktionelle Betrachtung des Wortschatze - Probleme der Lexicologie und Lexicographie. *Sprache der Gegenwart, 39*, pp. 16-20.
- Costa, A. F. (1997). *Rupturas estruturais do português e línguas bantas em Angola: Para uma análise diferencial (Tese de doutoramento)*. Braga: Universidade do Minho.
- Costa, A. F. (2002). Questões da língua e das culturas: o ensino do Português em Angola. *XII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*. Luanda: AULP.

- Costa, R. (1990). Coesão interna das lexias complexas enquanto unidades terminológicas. *Actas do Colóquio de Lexicologia e lexicografia*, pp. 167-172.
- Costa, R. (1997). Quelques caractéristiques des textes spécialisés. La télédétection. *La mémoire des mots - V Journées scientifiques du Réseau Lexicologie, in Terminologie et Traduction*.
- Costa, R. (2001). *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas (Tese de Doutoramento)*. Lisboa.
- Costa, R. (2005a). O ensino da Ciência e da Tecnologia em Português: uma questão de terminologia. *Actas do I Congresso Biena I- A Língua Portuguesa na CPLP. Sonhar e realizar em Português*.
- Costa, R. (2005b). Pluralité des approches théoriques en terminologie. *LSP Symposium. Approaches to Terminological Theories. A contrastive Study of the State-of-the-Art*.
- Costa, R. (2005c). Terminology, Corpus Linguistics and Ontology. *TKE-7 International Conference on Terminology and Knowledge Engineering. Terminology & Content Development*.
- Costa, R. (2005d). Texte, terme et contexte. *Termes et contextes - Actes des VIIèmes Journées scientifiques du Réseau Lexicologie Terminologie et Traduction*.
- Couto, J. (2001). *Lingua Portuguesa — Perspectivas para o século XXI*. Lisboa: Instituto Camões.
- Crispim, L. (Jul-Set. de 1997). Português, língua oficial, língua segunda. *Nortisul* nº1, p. 18.
- Crystal, D. (2008). *Dictionary of Linguistics and Phonetics*. London: Wiley-Blackwell.
- Cunha, C., & Cintra, L. (1995). *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- d'Andrade, E. (2007). *Línguas Africanas – Breve Introdução à Fonologia e à Morfologia*. Lisboa: Editora A. Santos.

- Desmet, I. (1997). *Caractéristiques morphologiques, sémantiques, syntaxiques et discursives des vocabulaires spécialisés. Quelques données théoriques et pratiques pour la lexicographie spécialisée*. Strasbourg: COFDELA.
- Dick, V. (1981). O Texto: estruturas e funções. In *Teoria da Literatura* (pp. 65-96). Lisboa: Editorial Presença.
- Diki-Kidiri, M. (2008). *Le vocabulaire scientifique dans les langues africaines-Pour une approche culturelle de la Terminologie*. Paris: Karthala.
- Editora, P. (1989). *Dicionário de Português-Inglês*. Porto: Porto Editora.
- Editora, P. (1990). *Dicionário de Português-Espanhol*. Porto: Porto Editora.
- Editora, P. (1999). *Dicionário de Português-Francês*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, E., & Pinto, J. D. (1999). *Guia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social* (4ª ed.). Lisboa: Notícias Editorial.
- Evans, V., & Green, M. (2006). *Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Evans, V., & Green, M. (2006). *Cognitive Linguistics: An Introduction*. New Jersey: Editora L. Erlbaum.
- Faulstich, E. (1995). *Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina* (V. 24, N. 3). Brasília: Ciência da Informação.
- Fernandes, J., & Ntongo, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editorial Nzila.
- Fleischman, S. (2001). Language and Medicine. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. E. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 483-489). Massachusetts: Blackwell Publishers.
- Galisson, R. (1983). *Des Mots pour Communiquer*. Paris: Clé International.
- Galisson, R. (1997). Problématique de l'éducation et de communication interculturelles en milieu scolaire européen, Éduquer pour une Europe des langues et des cultures? Etudes de Linguistique Appliquée. *Revue de didactologie des langues-cultures*, 106, pp. 141-160.

- Galisson, R. (1999). "Quel statut revendiquer pour les cultures en milieu institutionnel?" in *La formation en questions. Clé Internationale - Didactique de Langues Étrangères*, pp. 95-115.
- Garfield, J. L., & Rissland, E. L. (1995). *Cognitive Science: An Introduction*. Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.
- Gaudin, F. (1993). *Socioterminologie : des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen.
- Gaudin, F. (2003). *Socioterminologie, une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: Duculot De Boeck.
- Gaudin, F., & Guespin, L. (2000). *Initiation à la Lexicologie Française de la Néologie aux Dictionnaires*. Paris: Champs Linguistiques Duculot.
- Geeraerts, D., & Cuyckens, H. (2007). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.
- Genouvrier, E., & Peytard, J. (1974). *Linguística e Ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Gipper, H. (1979). *Integrale Linguistik*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company .
- Gouadec, D. (1990). *Terminologie-Constitution des données*. Paris: AFNOR Tour Europe.
- Greenberg, J. (1963). *Languages of Africa*. Bloomington: Indiana University.
- Gross, G., & Mathieu-Colas, M. (2001). *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions, Collection l'essentiel du français*. Paris: Ophrys.
- Guilbert, L. (1975). *La créativité lexicale*. Paris: Larousse.
- Guthrie, M. (1948). *The classification of the Bantu Languages*. Oxford: Oxford University Press.
- Guthrie, M. (1967). *Comparative Bantu*. London: Gregg Press Limited.
- Hawkes, T. (1972). *Metaphor*. London: Methuen & Co.
- Hernández, H. (1989). *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolingüe española*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

- Heúresis, Á. G. (2000). *Por uma Genealogia/Arqueologia das Ciências da Educação* (1ª ed.). Lisboa: Didactica Editora.
- Humbley, J. (2002). Nouveaux dictionnaires, nouveaux rapports avec les utilisateurs. *Meta* 47, 1, pp. 95-104.
- Innerarity, D. (1997). El saber de las metáforas. *Revista de Filosofia*, nº. 13, pp. 139-154.
- ISO/FDIS-1087-1. (2000). *Travaux terminologiques-vocabulaire-partie1: Théorie et application*. Genève: Organisation Internationale de Normalisation.
- Isquerdo, A. N., & Oliveira, A. M. (2001). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia* (2ª ed.). Campo Grande: Editora da UFMS.
- Júnior, A. A. (1941). *Dicionário kimbundu-português. Linguístico, botânico, histórico e coreográfico*. Luanda: Ed. Argente Santos e Cª Lda.
- Júnior, J. M. (1979). *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Padrão-Livraria Editora Ltda.
- Kochman, T. (1982). *Black and white styles in conflict*. Chicago: University of Chicago Press.
- Kocourek, R. (1991). *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Brandstetter, Verlag.
- Kövecses, Z. (2002). *Metaphor: A Practical Introduction*. New York: Oxford University Press.
- Krieger, M. d., & Finatto, M. J. (2004). *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- Kukanda, V. (1986). *Notas de Introdução à Linguística Bantu*. Lubango: Departamento de Letras Modernas.
- Kukanda, V. (1997). À procura do significado de Angola. *Jornal de Angola*, n.º 7210, 14.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: The University of Chicago Press.

- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Leiria, I. (1999). "Português língua segunda e língua estrangeira: investigação e ensino". *1º congresso do português língua não-materna*. Lisboa: Fórum Telecom-Picoas.
- L'Homme, M.-C. (2004). *La Terminologie: Principes et Techniques*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.
- Lino, M. T. (1979). "Importância da Lexicologia Contrastiva". *Letras soltas 1, UNL*.
- Lino, M. T. (1989). "Língua Portuguesa, língua das ciências e das técnicas: neologia científica e técnica e lexicografia". *Actas do Congresso Internacional A Língua Portuguesa - Que futuro?* Lisboa: Sociedade da Língua Portuguesa.
- Lino, M. T. (1990). "Métodos Lexicológicos e métodos terminológicos". *Colóquio Internacional de Terminologia Científica e Técnica, U.N.L.* (pp. Maria Teresa Lino, Métodos Lexicológicos e métodos terminológicos, Comunicação apresentada no Colóquio Internacional de Terminologia Científica e Técnica, U.N.L., Fevereiro, 1990.). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Lino, M. T. (1991a). "Terminodidáctica: uma nova área de investigação". *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 170-178). Lisboa: Colibri.
- Lino, M. T. (1991b). *Terminologia da 1. Lexicologia e Lexicografia, 2. Terminologia e Terminografia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Lino, M. T. (1991c). Terminologia da Lexicologia e Lexicografia. In A. P. Linguística, *Tomo II*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Lino, M. T. (1991d). Terminologia da Terminologia e da Terminografia. In *Dicionário de Termos Linguísticos, Tomo II*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- Lino, M. T. (2003). *Mots et Lexiculture, Hommage à Robert Galisson*. Paris: Champion.
- Lino, M. T. (2004). "*Vocabulaires de spécialité et lexicographie d'apprentissage en langues-cultures maternelles et étrangères*", *Etudes de Linguistique Appliquée* 43 Paris: Klinksieck.

- Lino, M. T. (2005). "Terminologia em Portugal: panorama actual e breve relato histórico". *Terminómetro – A Terminologia em Portugal e nos países de língua portuguesa em África, nº especial*.
- Lino, M. T. (2006). "Langues de spécialité: variantes terminologiques de la langue portugaise – Portugal et Brésil". *Actes du Colloque Cette Terre Brésilienne/ Esta Terra Brasileira*. Lyon: Université Lumière – Lyon 2.
- Lino, M. T. (2008). "Rede de Neologia e de Terminologia em Língua Portuguesa". *Actas do Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*. Cabo Verde: Associação das Universidades de Língua Portuguesa AULP e Universidade de Cabo Verde.
- Matoré, G. (1953). *La Méthode en Lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier.
- Matos, N. d. (1953). *África Nossa: O que queremos e o que não queremos nas nossas terras de África*. Porto: Edições Marânus.
- Matta, J. C. (1891). *Philosophia popular em provérbios angolenses*. Boston.
- Matta, J. C. (1892). *Cartilha racional para se aprender a ler o kimbundu ou língua de Angola*. Luanda.
- Menéndez, F. (1997). *A Construção do discurso setecentista. Dos Processos Discursivos à História da Língua (Tese de Doutoramento)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Miguens, S. (2002). Metáfora. *Revista Filosofia, II Série, vol. XIX*, pp. 73-112.
- Mingas, A. A. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda*. Luanda: Edições Chá de Caxinde.
- Mollica, M. C. (1998). *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Nacionais, I. d. (1980a). *Histórico sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais*. Lousã: Ed.70.
- Nacionais, I. d. (1980b). *Léxico temático de saúde português/kimbundu*. Luanda: Projecto Ang/77/009.

- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Linguística Bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Obenga, T. (1985). *Les Bantu: langue-peuples et civilisations*. Paris: Présence Africaine.
- Oliveira, I. (2005). *Les métaphores en cardiologie. (CD-Rom)*. Lyon/Lisboa: Université Lumière Lyon 2, Universidade Nova de Lisboa.
- Pearson, J. (1998). *Terms in Context, Coll. Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Pereira, Z. (2003). *Pressupostos Teóricos e Metodológicos para o Tratamento Lexicográfico dos Falsos Amigos no Par de Línguas Português-Francês*. (Tese de Doutoramento), Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
- Piri, R. (2002). *L'enseignement des langues de moindre diffusion comme langues étrangères dans d'autre pays, Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe - De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue*. Strasbourg: Conseil de l'Europe.
- Pontes, A. L. (2009). *Dicionário para uso escolar: Que é e como se faz*. Fortaleza: Ed. Universidade Estadual do Ceará.
- Prado, D. (s.d.). Avant-propos, La Terminologie en France. *Terminometro*, p. 44.
- Pruvost, J. (2000). *Dictionnaires et nouvelles technologies*. Paris: PUF.
- Quemada, B. (1990). *Les données dictionnaires et l'ordinateur*. Paris: Cahiers de Lexicologie.
- Ranchhod, E. (2005). Recursos Linguística de Ampla Cobertura. O Sistema de Dicionários e Gramática LABEL-LEX. *Elisabeth Ranchhod, 2005, «Recursos Linguística de Ampla Cobertura. O Sistema de Dicionários e Gramática LABEL» Seminário para Doutorandos FCSH, Universidade Nova de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Raposo, E. P. (1992). *Teoria da gramática-Faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.

- Redinha, J. (1975). *Distribuição étnica de Angola* (7ª ed.). Luanda: Centro de Informação e Turismo de Angola.
- Reisfield, G. M., & R. Wilson, G. (2004). Use of metaphor in the discourse on cancer. *Journal of Clininic Oncology*, pp. 408-412.
- Reisfiels, G. M., & Wilson, G. R. (2004). Use of metaphor in the Discourse on Cancer. *Journal of Clinical Oncology, Florida*, v. 22, n. 19, pp. 4024-4027.
- Resche, C. (2000). An approach to interface terminology: the example of environmental economics in English a foreign language. *Meta* 45, 4, pp. 628-645.
- Rey, A. (1979). *La terminologie. Noms et Notions*. Paris: PUF.
- Rey, A. (2008). *De l'artisanat des dictionnaires à une science du mot. Images et modèles*. Paris: Armand Colin.
- Richards, J. C. (1978). *Understanding Second and Foreign Language Learning: Issues and Approaches*. Rowley: Newbury House.
- Rodriguez, J. L. (2006). A Visão Sociolinguística e Antropológicas das Línguas em Luis Polanah. *Babilónia. Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução*. Nº 004.
- Rondeau, G. (1984). *Introduction à la Terminologie*. Paris: Gaëtan Morin éditeur.
- Rousseau, L.-J. (1999). Des nouvelles avenues pour la Terminologie, Terminologie et intelligence artificielle. *Terminologies Nouvelles* 19, pp. 3-5.
- Sager, J. C. (1990). *A Practical Course in Terminology Processing*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- Semino, E. (2008). *Metaphor in Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Silva, A. S. (1992). Metáfora, Metonímia e Léxico. *Revista Diacrítica*, n.º 7, pp. 313-330.
- Sinclair, J. (1996). *Preliminary Recommendations on Corpus Typology (EAG-TCWG-CTYP)*. Birmingham: EAGLES.
- Slodzian, M. (1999). Pour une terminologie textuelle. *Terminologies nouvelles*, 19, pp. 29-32.

- Stern, H. H. (1983). *Fundamental concepts of language teaching*. Oxford: Oxford University Press.
- Tavares, C. F. (2007). *Didáctica do Português – Língua Materna e Não Materna – No Ensino Básico*. Porto: Porto Editora.
- Teyssier, P. (1982). *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa.
- Trim, J. L. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*. Lisboa: Asa.
- Turbayne, C. M. (1970). *The Myth of Metaphor*. London: Yale University Press.
- Ungerer, F., & Schmid, H.-J. (1997). *An Introduction to Cognitive Linguistics*. London: Longman.
- Vilela, M. (1979). *Estruturas Léxicas do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vilela, M. (1994). *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vilela, M. (1996). A metáfora na instauração da linguagem: Teoria e aplicação. *Separata da revista Línguas e Literaturas*, pp. 317-356.
- Vilela, M. (2001). Limites e 'Performances' da Linguística Cognitiva. In A. S. Silva, *Linguagem e Cognição: a Perspectiva da Linguística Cognitiva* (pp. 193-214). Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa.

9.2. Dicionários e Gramáticas

- Academia das Ciências de Lisboa (2001) *Dicionário da língua portuguesa contemporânea* (2001). Lisboa: Editorial Verbo.
- Alves, A. (1994), *"Dicionário Português-Kimbundu-Kikongo (Línguas nativas do Norte de Angola)"*, 2ª edição, Cooperação Portuguesa.
- Bleek, W. H. (1862). *A Comparative Grammar of South African Languages* (Vol. I). London: Trübner & Co.
- Bleek, W. H. (1869). *A Comparative Grammar of South African Languages* (Vol. II). London: Trübner & Co.

- Cannecattim, B. M. (1864). *Dicionário da língua bunda ou angolense. Explicada na portugueza e Latina*. Lisboa: Impressão Régia.
- Chatelain, H. (1888/1889). *Gramática Elementar do Kimbundu ou língua de Angola*. Genève: Typ. De Charles Schuchardt.
- Costa, L. (2001). *Dicionário de Tétum-Português* (2ª ed.). Lisboa: Edições Colibri/Instituto Camões.
- Daniel, Henriques (2000) “*Dicionário Umbundu-Português*”, NAHO, Europress Daniel,
- Dicionário de Português-Inglês* (1989). Porto: Porto Editora.
- Dicionário de Português-Espanhol* (1990). Porto: Porto Editora.
- Dicionário de Português-Francês* (1999) Porto: Porto Editora.
- Henriques Etaungo (2010), “*Dicionário Português-Umbundu*”, Mayamba editora, Luanda.
- Houaiss, A. (2003). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.
- Galisson, R., e Coste, D. (1976). *Dictionnaire de didactique des langues*. Paris: Hachette.
- Galisson, R., e Coste, D. (1983). *Dicionário de didáctica das línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Padres Guennec, Grégoire e José Francisco Valente (1972), “*Dicionário Português-Umbundu*”, Instituto de Investigação Científica de Angola, Luanda.
- Júnior, A. A. (1941). *Dicionário kimbundu-português. Lingüístico, botânico, histórico e coreográfico*. Luanda: Ed. Argente Santos e Cª Lda.
- Lamas, E. P. (Ed.). (2000). *Dicionário de metalinguagens da didáctica*. Porto: Porto Editora.
- Maia, Pe. António da Silva (1964). “*Dicionário Rudimentar Português-Kimbundu (Língua nativa falada mais ou menos de Luanda a Malanje)*”, 1ª ed., Editorial Missões-Cacujães.
- Maia, P. A. (1986). *Dicionário complementar português/kimbundu/kikongo (línguas nativas do centro e norte de Angola)* (2ª ed.). Luanda: Cooperação Portuguesa.

- Mateus, M. H., & Xavier, M. F. (1992). *Dicionário de Termos Linguísticos, vol.I e vol.II*. Lisboa: Edições Cosmos
- Matta, J. C. (1893). *Ensaio de dicionário kimbundu-portuguez*. Lisboa: Typ. E Stereotypia Moderna da Casa Editora António Maia Pereira.
- Matta, J. C. (1893). *Ensaio de dicionário kimbundu-portuguez*. Lisboa: Typ. E Stereotypia Moderna da Casa Editora António Maia Pereira.
- Silva, António da (1966). "*Dicionário Português-Nhaneca*", Instituto de Investigação Científica de Angola, Lisboa.
- Stedman, *Dicionário Médico* (25ª ed.). (1996). (C. L. Araújo, I. R. Vanzellotti, J. I. Lemos, & e. M. Azevedo, Trads.) Guanabara: Guanabara koogan. S. A
- Yambo, Francisco Xavier (2003) "*Pequeno Dicionário Antroponímico Umbundu*", Editorial Nzila

9.3. Bibliografia de Medicina e de Fisiologia

- Atlas de Anatomia* (2ª ed.). (2005). (A. Magalhães, Trad.) Lisboa: Plátano Editora.
- Netter, F. H. (2001). *Atlas de Anatomia Humana* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Saunders.
- Pina, J. A. Esperança (1998) - *Anatomia Humana da Relação-Parte I*, Lisboa, Lidel.
- Pina, J. A. Esperança (2004) - *Anatomia Humana dos Órgãos*, Lisboa, Lidel.
- Pina, J. A. Esperança (2007) – *Anatomia Humana do Coração e Vasos*, Lisboa, Lidel
- Pina, J. A. Esperança (2014) - *Anatomia Humana da Locomoção*, Lisboa, Lidel
- Seeley, R., Stephens, T., & Tate, P. (2001). *Anatomia e Fisiologia* (3ª ed.). Lisboa: Editora-Lusodidacta.
- Seeley, R., Stephens, T., & Tate, P. (2004). *Anatomy and Physiology* (6th ed.). New York: The McGraw-Hill.
- Stedman, *Dicionário Médico* (25ª ed.). (1996). (C. L. Araújo, I. R. Vanzellotti, J. I. Lemos, & e. M. Azevedo, Trads.) Guanabara: Guanabara koogan. S. A.

